

**MEMÓRIAS**  
DO  
**INSTITUTO OSWALDO CRUZ**

---

Tomo 48

TOMO COMEMORATIVO DO CINQUENTENÁRIO  
DO INSTITUTO OSWALDO CRUZ

1950

---

**Noticia histórica sôbre a fundação  
do Instituto Oswaldo Cruz**

(Instituto de Manguinhos)

pelo

**Dr. Henrique de Beaurepaire Aragão**

Findava-se o ano de 1899 quando inesperadamente chegou ao Rio de Janeiro, a apavorante notícia de que a peste bubônica aportara à cidade de Santos, em São Paulo, onde já se haviam verificado os primeiros casos do mal, prontamente ali confirmados clínica e bacteriologicamente por OSWALDO CRUZ, ADOLPHO LUTZ e VITAL BRASIL, designados, o primeiro pelo Governo Federal e os dois últimos pelo Estadual, para estudarem o assunto.

Em vista da grave situação que esta calamitosa ocorrência criava para a saúde pública, porquanto havia toda probabilidade que o mal se alastrasse, como de facto sucedeu, acudiram logo as autoridades sanitárias com as medidas de profilaxia aconselhadas, na época, decidindo ao mesmo tempo, a criação de laboratórios para a preparação de soro e vacina contra a peste, produtos então de elevado preço e difícil importação do estrangeiro.

Resultou dessa acertada providência a fundação, em S. Paulo, do Instituto Butantan e, no Rio de Janeiro, a do Instituto Soroterápico Municipal, em virtude de haver a Prefeitura do Distrito Federal, mediante sugestão do Barão de PEDRO AFFONSO, decidido encarregar-se da instalação dêste.

A organização do Instituto de Butantan foi confiada a VITAL BRASIL, discípulo de LUTZ, no Instituto Bacteriológico de São Paulo e, a do Instituto Municipal, ao Barão de PEDRO AFFONSO, médico e

cirurgião conceituado, homem enérgico e realizador que se notabilizara já por haver criado o primeiro instituto de preparação da vacina Jenneriana no Brasil, e pelo trabalho de vulgarização do emprêgo, em nosso meio, do soro antidiftérico, logo após a descoberta do mesmo, estando além disso, ao par do funcionamento de alguns laboratórios europeus, que visitara detidamente em viagens de estudos realizadas.

Hoje, a vacinação antivariólica e as injeções de soros são práticas banais, perfeitamente aceitas pelo povo, mas ao tempo em que foram introduzidas em nosso País, não era fácil persuadir-se alguém a se submeter à inoculação de “pús de vitelo” ou de “soro de cavalo”, práticas que mais se afiguravam de magia negra que de Medicina corrente. Assim, teve o Barão de PEDRO AFFONSO de quebrar muitas resistências antes que pudesse vulgarizar o emprêgo de tais métodos biológicos profiláticos e terapêuticos, no Brasil.

Tomou o Barão de PEDRO AFFONSO, com estas credenciais, sem vacilar, a árdua tarefa de organizar o recém-criado Instituto e iniciou logo entendimentos para a escolha dos técnicos brasileiros que deveriam com êle colaborar, conseguindo, dentro em pouco, contar com os seguintes valiosos elementos: o Coronel ISMAEL DA ROCHA, bacteriologista do Serviço de Saúde do Exército, OSWALDO CRUZ, um jovem médico que, desde estudante, se dedicara à Bacteriologia especializando-se depois, no Instituto Pasteur de Paris durante quasi três anos, HENRIQUE FIGUEIREDO DE VASCONCELOS, assistente do Instituto Vacínico e o estudante de Medicina EZEQUIEL CAETANO DIAS.

Logo que teve assegurados êsses colaboradores passou o Barão a cogitar da escolha de um local apropriado para a instalação do futuro Instituto e, após algumas excursões pelos arredores do Rio com ISMAEL DA ROCHA, OSWALDO e VASCONCELOS, as preferências gerais se convergiram para a Fazenda de Manguinhos, situada à beira-mar, num dos subúrbios da Leopoldina, próximo à cidade todavia naquela época, ainda quasi deshabitados e servidos por escassos trens. A Fazenda pertencia à Municipalidade que, em outros tempos, havia construído em seus terrenos um forno de cremar lixo que jamais chegou a funcionar, por deficiência técnica.

A área da propriedade era de uns 800 mil metros quadrados ficando situada entre a estação de Amorim, hoje Carlos Chagas, e o mar.

Seu acesso era, na época, sobretudo incômodo por serem escassos os trens e de difícil navegação o mar raso e lamacento da enseada do Cajú, que lhe ficava à frente.

Na faixa lamosa, invadida periodicamente pelas marés que cercava em grande parte o terreno, existiam verdajantes bosques de mangues entre cujas raízes tentaculares se movimentava, incerta, uma variada fauna de bizarros caranguejos e, em cujas copas altas pousavam alvas garças e pachorrentos socós côr de cinza quando não estavam pescando nas águas rasas ou animando o ambiente ermo e tranquilo dêsse recôncavo da baía do Rio com os seus vôos brandos e cadenciados.

Espalhadas naquele mar sereno viam-se algumas pitorescas ilhotas e três ilhas maiores — a da Sapucaia, Bom Jesús e Governador, tudo ao longe cercado pela magestosa moldura constituída pela alta serrania do Corcovado, Tijuca, Petrópolis, Terezópolis, Pedra Assú e Tinguá.

A vista espraiando-se pelos subúrbios da Leopoldina, ainda pouco habitados e em fase agrícola, apenas se detinha com interêsse na ermida da Penha, de aspecto agradável e pitoresco, ao alto de um volumoso bloco de granito e muito procurada pelo povo, sobretudo portugueses, na época das tradicionais romarias do mês de outubro, hoje entretanto em decadência e sem o pitoresco de outros tempos.

O terreno da Fazenda, na parte não atingida pelas marés era sílico-argiloso, desdobrando-se em duas colinas separadas por uma baixada pouco larga, vendo-se por todo êle esparsos copados tamarineiros, vestustas mangueiras, cajueiros, pitangueiras, goiabeiras, numerosos coqueiros, uma magestosa esterculeacea, meia duzia de casuarinas que foram de especial predileção de OSWALDO e um jovem "Ficus benjamina" hoje grande árvore, cujo tronco se vê ainda ao centro da nossa antiga sala de refeições.

Era tudo o que restava das antigas plantações da propriedade agrícola, naquela época em completo abandono.

No meio do terreno, a quebrar-lhe o pitoresco, erguia-se hirta a alta chaminé dos fornos de lixo a qual foi demolida em 1938 por causar embaraços às descidas dos aviões, no atual campo de aviação próximo ao Instituto. Sôbre as colinas existiam duas velhas casinhas, meio arruinadas que se decidiu, então aproveitar-se para os futuros laboratórios após os necessários reparos e adaptações.

Não obstante a distância da cidade, a precariedade das construções existentes e seu isolamento, o local se afigurou a todos, sobretudo a OSWALDO, muito apropriado à instalação de laboratórios em que se iria trabalhar com essa peste bubônica, tão justamente temida pelo povo.

A razão do agrado de OSWALDO por êsse local isolado e tranquilo foi parecer-lhe o mesmo, desde logo, muito adequado à concretização do grandioso projeto que trouxera consigo da Europa, de fundar, um dia, no Brasil, uma grande escola de Biologia e Medicina experimental, na qual, a ciência, em que êle depositava "fé eterna", conforme expressão sua, fosse objeto de um culto constante, cheio de elevação e fervor.

Empolgado por êsse magnífico ideal, ainda guardado em segredo, OSWALDO CRUZ não quisera ficar no Instituto Pasteur de Paris para o qual fôra convidado, por EMILE ROUX e METCHNIKOFF, que muito apreciavam o seu grande valor e a sua capacidade de investigador de primeira ordem.

Aquí no Brasil, esperava êle ver realizado, um dia, êsse sonho carinhosamente acariciado, confiante na sua estrela e no poder daquelas quatro palavras que constituíam o lema orientador da sua conduta na vida: SABER — ESPERAR — QUERER — PODER.

OSWALDO, quando interrogado sobre a interpretação que dava a essas quatro palavras, sempre se recusava a dar esclarecimentos a respeito, dizendo que melhor seria que cada qual lhe desse a significação que julgasse mais adequada e, mudava de assunto.

O tempo traria a desejada confirmação às suas esperanças, porquanto vencendo todos os obstáculos, alcançou afinal o que tanto almejava, sacrificando embora, a sua própria existência oferecida em holocausto à realização desse grande ideal tão puro quão elevado e patriótico.

Uma vez escolhido o local para o funcionamento do futuro Instituto e determinadas rapidamente as necessárias adaptações para a transformação das duas casinhas da Fazenda em pequenos laboratórios de urgência, assim como resolvida a construção de cocheira, biotérios, sala de sangria e outras dependências imprescindíveis, seguiu o Barão de PEDRO AFFONSO para a Europa afim de adquirir aparelhos e contratar alguns técnicos para completar sua equipe.

Em Paris, não teve dificuldades em obter todo o material necessário para os futuros laboratórios; o mesmo porém não acontecendo em relação aos técnicos pois, apesar de toda a boa vontade de Roux, em servi-lo, apenas pôde trazer o veterinário CARRÉ, que já trabalhara em peste com YERSIN, em vista de haver-lhe o Governo brasileiro autorizado apenas a realizar contratos pelo prazo de seis meses e, nestas condições, nenhum bacteriologista de renome concordou em vir ao Brasil.

Não desanimou, por esse motivo, o Barão de PEDRO AFFONSO de seu arraigado propósito e, ao regressar ao nosso País, ainda solicitou do Governo que estendesse a um ano o prazo do contrato, em vista do insucesso que tivera com aquele anteriormente autorizado.

Explica-se essa insistência de PEDRO AFFONSO, em contratar um bacteriologista estrangeiro para o Instituto com o facto de ainda não ter tido oportunidade de apreciar de perto o trabalho dos componentes do seu grupo, mas desde que presenciou as suas atividades, sobretudo as de OSWALDO em Manguinhos, abandonou por completo tal idéia convencendo-se logo de que sua própria gente brasileira resolveria sozinha todos os problemas em questão.

Com esta atitude, tão louvável, demonstrou êle, mais uma vez, sua capacidade no aquilatar com segurança, os méritos dos seus colaboradores.

Tendo chegado o material adquirido na França, completaram-se rapidamente as instalações dos laboratórios, receberam-se como oferta do Prefeito CESÁRIO ALVIM e do Dr. AZEVEDO LIMA, alguns cavalos para a preparação do soro, e adquiriram-se por compra outros e bem assim pequenos animais de experiência tais como coelhos, cobaias e ratos. Estava então o Instituto pronto para iniciar a sua memorável missão.

Entrementes, a Prefeitura alegando não poder mais arcar com as despesas da nova fundação por ter também em organização um

indispensável laboratório veterinário anexo ao Matadouro de Santa Cruz, entrou em entendimentos com o Governo Federal, doando à União o recém-criado laboratório de Manguinhos com todo o seu material e instalações fazendo-lhe também a respectiva transferência do pessoal já contratado.

Em vista dêsse acôrdo, passou o Instituto a denominar-se Instituto Soroterápico Federal, sob a dependência da Diretoria de Saúde Pública então subordinada ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

Sua inauguração oficial teve lugar a 25 de Maio de 1900, com a presença do Prefeito Dr. CESÁRIO ALVIM, do Ministro do Interior Dr. EPITÁCIO PESSOA, do Professor NUNO DE ANDRADE, Diretor de Saúde Pública, do Diretor da nova instituição, Barão de PEDRO AFFONSO, do pessoal técnico do Instituto e de algumas pessoas mais, numa cerimônia simples e condizente com a modéstia daqueles laboratórios improvisados nas duas velhas casinhas e que, no entanto, estavam fadadas a ser um dia, o germe do maior e mais prestigioso centro de Biologia e Medicina Experimental do Brasil.

Embora ainda faltassem ser completadas algumas adaptações dos laboratórios, iniciaram-se logo os trabalhos após árduas fainas, do período de instalação que a ninguém parecia correr bastante rápido.

O Barão de PEDRO AFFONSO era o primeiro a dar exemplo de assiduidade e interesse para que as atividades do Instituto fossem coroadas de êxito, dentro do mais breve prazo.

Não tendo êle conseguido, como desejava, uma lancha para trazer o pessoal por mar, vinha-se então para Manguinhos pela manhã reunindo-se todos na Estação de S. Francisco Xavier, donde partia o trem suburbano da Leopoldina que servia o Instituto.

Como só havia êsse comboio quem não o alcançasse tinha que fazer uma jornada a pé, de cêrca de quatro quilômetros, muitas vezes sob um sol ardente, ou então debaixo de impiedosa chuva arrostando ainda, à chegada, os olhares pouco satisfeitos do Diretor que era a pontualidade personificada.

Pouco antes da partida do trem, o grupo estava completo.

A figura de OSWALDO destacava-se dentre os presentes. Havia alguma coisa de inconfundível nesse homem ainda jovem mas precocemente encanecido, de estatura meã, tez clara, o rosto fino, bigodes pretos com as pontas voltadas para cima, e um olhar a um tempo suave e penetrante. Vestia-se de preto, usando longa sobrecasaca e, na sua indumentária, fazia contraste a alva gravata de fustão cujas pontas, feito o laço, perdiam-se debaixo do colete. Cobria-lhe a cabeça uma cartola de abas recurvadas e copa demasiadamente longa para a moda da época. Cabelos compridos pretos, mesclados de fios prateados, escapavam-se em mechas indisciplinadas, por baixo das abas da cartola. Trazia sempre sob o braço volumosa pasta de couro preto, cheia de papeis e revistas científicas.

Sua pessoa e modos eram cativantes. Falava pouco preferindo ouvir, mas sempre que tinha de manifestar sua opinião, fazia-o de modo

correto, suave e preciso, de quem tinha segurança e meditação no assunto.

Foi-se desde logo impondo aos demais, embora ainda quasi um desconhecido.

Sabia-se que fôra discípulo distinto dos grandes mestres FRANCISCO DE CASTRO, ROCHA FARIA e MARTINS TEIXEIRA, que desde estudante se dedicara a estudos de Bacteriologia elaborando sua tese sôbre "A veiculação microbiana pelas águas" e, logo depois, seguira para a França, onde, no Instituto Pasteur de Paris, fez curso e trabalhou, assim como no Instituto Municipal, realizando ainda, várias pesquisas valiosas que despertaram muito interesse nos meios científicos e lhe granjearam prestígio entre seus mestres e colegas europeus.

Aos poucos convergiram para êle as simpatias e as atenções gerais dos companheiros.

Chegada a hora da partida do comboio de poucos vagões, embarcavam todos, formando pequenos grupos pelos bancos, enquanto o Barão de PEDRO AFFONSO, quase sempre de calças brancas e envergando sobrecasaca preta e chapéu duro da mesma côr, se isolava para pôr-se ao corrente das notícias do dia pela leitura do seu jornal.

Os outros passageiros do trem olhavam entre desconfiados e respeitosos, aquela gente que trabalhava com peste bubônica, fazendo comentários em voz baixa, mas um deles estabeleceu logo relações cordiais com a gente do laboratório.

Era LUIZ DE MORAES um jóvem arquiteto português vivo e insinuante, vindo ao Brasil por dias e que depois ficou aquí para sempre, notabilizando-se, mais tarde, na construção do palácio mourisco e das outras primeiras edificações de vulto feitas, em Manguinhos.

No momento estava reconstruindo a ermida da Penha e pouco mais se sabia dele e dos seus afazeres.

O pequeno percurso corria rápido, entre comentários variados e um ou outro dito de espírito.

Em uns dez minutos chegava-se á parada do Amorim, que servia a Manguinhos.

Havia três cavalos, selados para os mais graduados, seguindo os outros a pé conversando alegremente, pelo caminho que galgava suavemente a encosta, levando aos laboratórios não muito distantes.

Logo após à chegada todos os técnicos vestiam suas blusas brancas e iam para seus postos; reinava silêncio e cada qual se ocupava do trabalho que lhe competia realizar, visando o preparo da vacina e do soro antipestosos.

Ao soar do meio dia, suspendia-se o labor para o almoço na estreita varanda da Casinha da Fazenda. A mesa estava posta sôbre uma meia porta, que se apoiava sôbre duas barricas vazias e era coberta, parcialmente, por uma toalha grosseira, havendo dois longos bancos de madeira de cada lado, para os convivas se sentarem. Todos se apressavam porque a comida não era muito abundante: um clássico ensopado de galinha com batatas, arroz, pão e, para terminar, algumas

bananas e café ralo. Quem se atrasava só encontrava ossos e traços de arroz. Não havia motivo para que o repasto fosse demorado, e uns vinte minutos depois já o trabalho recomeçava, embora os estômagos não estivessem muito satisfeitos. Não havia jantar e, quem tivesse de ficar até mais tarde no Instituto, devia trazer seu farnel ou então recorrer aos azares das frutas nas matas adjacentes.

As atividades deviam ser conduzidas com estrita economia porque o minguado orçamento de sessenta mil Cruzeiros anuais de que dispunha o Instituto não permitia larguezas, mas apesar disso, podia-se trabalhar com relativa facilidade porque havia o essencial. Todos se adaptavam com a melhor boa vontade às circunstâncias e os trabalhos se realizavam com muita perfeição sob a fiscalização econômica do Barão que, se não admitia esbanjamentos também não impedia os dispêndios quando justificados e necessários.

Todos se sentiam satisfeitos e iam insensivelmente se apegando àquele ambiente tão novo no nosso meio que era então o de um laboratório de pesquisas.

Na distribuição inicial dos trabalhos coube a OSWALDO, auxiliado por EZEQUIEL DIAS, a preparação do soro antipestoso, no laboratório mais perto da estação da Leopoldina e, ao Dr. ISMAEL DA ROCHA com FIGUEIREDO DE VASCONCELOS e o Veterinário CARRÉ, a fabricação da vacina, no outro mais próximo ao mar.

Apenas iniciados os trabalhos já o Coronel ISMAEL DA ROCHA tinha de retornar às suas funções no laboratório do Serviço de Saúde do Exército, no qual seu trabalho como bacteriologista se tornara muito necessário em virtude da peste ter surgido também no Rio de Janeiro e estar-se alastrando pela cidade pondo em risco as forças armadas.

Além disso, alegando motivo de saúde, o veterinário CARRÉ rescindiu seu contrato, regressando à França.

Em vista dessas retiradas ficou bastante desfalcada a já muito restrita equipe de técnicos do Instituto, mas o Barão de PEDRO AFFONSO não cogitou de substituí-los por outros elementos categorizados, porquanto agora completamente conhecedor da competência e capacidade de OSWALDO para realizar todo o trabalho, com o auxílio dos demais, entregou-lhe, sem hesitar, toda a responsabilidade dos serviços técnicos da preparação do soro e da vacina contra a peste.

Apenas admitiu mais um estudante de Medicina — ANTONIO CARDOSO FONTES e alguns serventes, para facilitar os trabalhos.

Daí em diante, a partir de meados de julho de 1900, concentraram-se todas as atividades num só dos laboratórios, o mais próximo à estação da Leopoldina que era o maior e mais confortável, reservando-se a segunda casinha para moradia de um ou outro servidor e para algum eventual pernoite dos técnicos, quando as experiências, em curso, tornavam necessária uma permanência mais prolongada no laboratório.

O Instituto Soroterápico Federal ficou então constituído pela casa maior, como centro dos trabalhos, tendo como dependências anexas,

quase todas próximas, a cocheira, o biotério, as gaiolas para guardar os animais destinados às experiências, capinzais, potreiros para os cavalos e, mais distante próximo a chaminé dos fornos de lixo, uma pequena casinha toda protegida por meio de telas metálicas à prova de insetos, com quatro bacias na qual se encerravam os cavalos inoculados com micróbios vivos da peste, no correr das imunizações.

O edifício do laboratório em que foram concentrados os trabalhos técnicos depois que a chefia dos mesmos passou a OSWALDO, era o que de mais simples podia haver no gênero. Uma casa térrea quase nada elevada do solo na qual, à entrada, voltada para o lado da estação da Leopoldina, havia uma estreita varanda à esquerda da qual se via um grande autoclave a carvão, para as esterilizações volumosas e à direita um alambique para destilação de água. Dessa varanda passava-se à sala de trabalhos gerais, relativamente ampla, da largura do prédio, na qual haviam junto a uma das paredes alguns armários altos destinados a guardarem materiais diversos, uma grande mesa quase ao centro e outra retangular, ladrilhada, no ângulo esquerdo e sobre a qual estavam colocadas as estufas para fixar lâminas de sangue ao calor seco, a de coagular soro, a de esterilizar vacina anti-pestosa, uma balança comum, um centrífugo a mão e um aparelho de Martin para filtrar sob pressão. Em outros pontos da mesma sala havia o maçarico insuflado por meio de um pedal, com o qual se faziam pipetas e outros trabalhos em vidro, uma estufa de Roux e uma pia. Uma porta à esquerda dava acesso à salinha cujo piso era revestido com ladrilhos, tendo as portas e janelas protegidas por fina tela de arame, na qual se trabalhava com peste e onde entravam somente os encarregados do serviço. À direita de quem entrava havia ainda uma passagem para a sala de lavagem da vidraria, esterilização e preparação dos meios de cultura. Por um corredor passava-se à sala da frente havendo nele à direita uma saleta estreita em que se conservavam as balanças de precisão e um espectroscópio. A sala da frente era especialmente destinada à microscopia, às colorações e outros trabalhos técnicos. Existiam ali duas mesas próximas a janela com um microscópio cada uma, além de outra, ao centro e alguns armários junto às paredes com hematímetros, hematócritos, câmaras claras, aparelhos de medidas microscópicas, densímetros, corantes, meios de cultura, livros, revistas, etc. Desta sala ia-se ter ao vestiário dos técnicos, à direita e à varanda que ocupava toda a frente do prédio e que servia de sala de almoço e para alguns trabalhos, sobretudo o das criações de mosquitos. A varanda dava saída à esquerda para o terreno no qual havia uma gaiola hexagonal dividida em setores, na qual eram guardados os coelhos e cobaias para as experiências e outra retangular para macacos.

Ao lado direito do Instituto existia um conjunto de dependências ligados a êle, constituído pela sala de sangria e de pesagem dos cavalos, envidraçada dos dois lados, a partir de certa altura, o depósito de vidraria, o quartinho em que se colocavam os cristalizadores com sangue após as sangrias, as instalações sanitárias e uma pequena oficina. A



direita e muito próximo a estas edificações foi construída uma grande cocheira para vinte cavalos. Um pouco à esquerda e antes de se chegar ao prédio, numa ligeira elevação do terreno ficava o biotério com um pequeno depósito para gaiolas e forragem à frente e tendo para trás duas divisões; uma, exclusiva para os pequenos animais inoculados com peste e outra para os demais trabalhos do Instituto.

Mais tarde, em começos de 1903, construiu-se uma pequena casa, com um corredor de entrada, ao centro, e dois pequenos laboratórios laterais, de pisos revestidos com ladrilhos de cerâmica, paredes com azulejos tendo os ângulos internos arredondados e as janelas protegidas contra insetos por meio de telas de arame, condições que constituíam melhorias técnicas até então desconhecidas, em Manguinhos.

Num dos laboratórios passou-se a trabalhar com peste e no outro em assuntos de bacteriologia e de anatomia patológica.

Em começos de 1904, o arquiteto LUIZ DE MORAES fez sua primeira obra em Manguinhos: um comprido bloco em cimento, com duas séries de gaiolas superpostas, para os animais em experiência, tendo o conjunto um aspecto original e agradável.

Eram estas as instalações de Manguinhos dos primeiros tempos, no que diz respeito a laboratórios e suas dependências.

Nada se podia conceber de mais simples e modesto, mas havia ali o que era absolutamente essencial a qualquer organização científica: um cérebro capaz de dar orientação segura todo voltado para um nobre ideal e um grande entusiasmo de todos pelo trabalho e pelas investigações científicas. Não é portanto para admirar que desse ambiente tão simples e mal provido de meios materiais, tivessem surgido trabalhos originais que lhe fossem granjeando renome e lhe assegurassem a vida, desde os primeiros dias de sua existência.

Logo que foram iniciados os trabalhos, naqueles pequenos laboratórios improvisados em velhas casinhas, patentearam-se aos olhos de todos a personalidade rara, o alto saber e as exímias qualidades de chefe, que possuía OSWALDO, e que o conduziram, seguramente, no futuro, a feitos e vitórias sem par nos anais científicos brasileiros. Suavemente, mais pedindo do que mandando, êle ia conduzindo com segurança e método o ritmo do trabalho e instruindo seus primeiros auxiliares que êle preferia ignorantes em Bacteriologia ou outro assunto de pesquisa, mas inteligentes e prestimosos, fossem êles médicos, estudantes ou, simples serventes. Exigia o maior rigor de técnica em todos os trabalhos, mesmo os menos complicados. Êle próprio os executava primeiro, desde uma simples lavagem do material, uma esterilização, o preparo de um meio de cultura, um trabalho em vidro, ao maçarico, uma coloração, uma pesada, um exame ao microscópio. Estava sempre pronto a repetir pacientemente até que a aprendizagem fosse perfeita e pudesse adquirir confiança no serviço do seu ajudante. Não permitia simplificações prejudiciais ao rigor do trabalho mas, aceitava e apreciava qualquer sugestão razoável que lhe fosse apresentada demonstrando interesse por uma solução a mais, para dado problema técnico. Resolvia as dificuldades com decisões seguras e sem precipi-

tação; animava e encorajava o trabalho de cada um dos seus auxiliares e agradecia sempre qualquer serviço que lhe fosse prestado, embora diminuto. E, êle que era ao começo quase um desconhecido, foi-se aos poucos impondo ao respeito e à consideração de todos os demais que lhe apreciando as raras qualidades de um perfeito condutor de homens, anteviam que seria um dia o chefe de alguma coisa maior e muito mais importante do que aquele modesto laboratório de preparação de soro profilático contra a peste. No seu íntimo, OSWALDO também assim pensava mas até então não exteriorizara sua convicção a êsse respeito.

Os trabalhos técnicos de Manguinhos superiormente conduzidos por OSWALDO, atingiram rapidamente a fase de produção dos desejados soros e vacinas contra a peste, os quais aperfeiçoados, desde logo, por pesquisas originais suas, encontraram na prática a mais vitoriosa acolhida por parte de clínicos e sanitaristas que empregavam êsses específicos, e reconheciam, cheios de entusiasmo, sua eficiente ação. Êsse sucesso inicial causou satisfação a OSWALDO, alegrando seus primeiros discípulos, mas não pareceu afetá-lo particularmente porque êle tinha em mente realizações e feitos muito maiores e, por ora, estava apenas no início de uma longa e árdua jornada que deveria palmilhar, sem descanso, até onde, suas energias o ajudassem. Nesse período inicial parecia ter estado a tatear o terreno onde projetava desenvolver um grandioso plano de ação que só êle sabia a extensão que deveria alcançar.

Sentindo-se agora mais firme com o sucesso alcançado pela vacina e o soro antipestosos, iniciou resolutamente a luta pela concretização do programa, há muito elaborado, em suas cogitações, lançando-se sozinho ao começo, numa vasta série de originais pesquisas sôbre variados assuntos de Bacteriologia, Hematologia, Entomologia, Patologia tropical e outros e em breve tinha em mãos resultados excelentes, que lhe permitiram a divulgação das suas investigações em tão diversos assuntos.

São dessa época suas publicações sôbre a vacinação antipestosa, em que introduziu o método original de dosagem por pesada, as pesquisas sôbre a curva hemoleucocitária nas infeções e intoxicações, os trabalhos sôbre os culicídeos brasileiros com a descrição da nova espécie "Anopheles lutzi", o estudo sôbre os acidentes em soroterapia, a vacinação antipestosa e outros mais, que foram divulgados no "Brasil Médico", nos "Anales d'Hygiène", "Archives de Medecine Experimentale", no "Zeitschrift für Mikroskopie" e em outras revistas nacionais e estrangeiras.

Não era amigo de fazer freqüentes comunicações às academias ou de tomar parte nas discussões, por vezes acirradas, que aí se travam.

Os poucos que então trabalhavam a seu lado olhavam, maravilhados para aquele homem que, de um momento para outro, lhes revelava toda sua rara personalidade de pesquisador arguto e de conhecimentos tão grandes quão variados.

Manifestaram sua admiração e o Mestre com a simplicidade habitual, disse-lhes que poderiam fazer o mesmo e que tudo aquilo apenas dependia de um pouco de estudo e de trabalho assíduo, com um objetivo determinado. E para lhes dar confiança na capacidade própria, logo os associou aos seus trabalhos, começando a guiar-lhes os primeiros passos ainda incertos e cautelosos, nesse terreno tão novo e desconhecido para eles, das investigações científicas.

Ocorreu então qualquer coisa de muito insignificante na aparência, mas na realidade de decisiva importância nos fastos da Medicina Experimental no Brasil. Num desses trabalhos publicados em 1901, sobre "A vacinação antipestosa", OSWALDO CRUZ colocou a seguinte indicação de origem logo abaixo do título e do nome do autor: Trabalho do Instituto Soroterápico Federal (Instituto de Manguinhos), e, na sua primeira página, apareceu impressa a seguinte dedicatória que a todos surpreendeu e intrigou: "Ao Exmo. Sr. Barão de PEDRO AFFONSO — Fundador e Diretor do Instituto de Manguinhos". Um poucas palavras amáveis, às quais, no entanto, um homem predestinado ia conferir uma estranha força criadora e construtiva.

Esse Instituto de Manguinhos que surgia assim, inesperadamente, sem decretos governamentais, nem atos jurídicos que tivessem legalizado sua existência e que, no fundo, não passava de uma tênue exteriorização de um grandioso sonho estava fadado, no entanto, a ter, no futuro, a mais profunda influência nos destinos científicos do Brasil.

Essa célebre dedicatória, tão simples nas suas poucas frases, valeu por um aviso solene, por um vibrante toque de clarim na alvorada de uma dia de batalha; era a revelação a todos de que OSWALDO CRUZ ia lançar-se decidida e corajosamente, na luta para a realização do magnífico programa que se traçara, e que até então mantivera em segredo, de dotar, um dia, o Brasil de uma prestigiosa escola de Biologia e Medicina Experimental.

E, daí em diante não teve mais um só momento de descanso, num constante esforço para obter a integral realização de tão elevado e patriótico objetivo, ao qual dedicou todas as energias de sua vida até seu completo e definitivo esgotamento.

Sugestionado pelos argumentos de OSWALDO em prol da criação do seu Instituto científico, o Barão de PEDRO AFFONSO, êle também no seu gênero uma individualidade capaz e realizadora, apreendeu logo todo o alcance da grande iniciativa projetada e nenhuma objeção opoz à fundação desse anexo científico junto ao Instituto Soroterápico Federal, que dirigia com tanto zelo e desinteresse.

Por sua vez, OSWALDO, cheio de despreendimento, como sempre, e com o coração reconhecido a quem tão bem compreendera seus elevados intuits, conferiu-lhe o mais alto título de que podia dispor, na instituição ideal que acabara de fundar. E, deste feliz e mútuo entendimento entre homens tão diferentes no modo de ser, mas aproximados e compreensivos quando se tratava de realizar alguma coisa de útil e

elevada em suas finalidades resultou a grande Escola Experimental com que OSWALDO dotou sua Pátria.

No momento em que o Barão de PEDRO AFFONSO estendeu, assim, tão decisivamente suas mãos à OSWALDO CRUZ, êle, que já prestara tantos e tão assinalados serviços ao Brasil, ainda uma vez e melhor o servia.

E' por isso de toda a justiça repetir aquí, a êste respeito, a apreciação imparcial dêsse grande médico, maior brasileiro e inigualável amigo de OSWALDO, o Dr. SALLES GUERRA, no seu livro famoso sôbre o Mestre: "O Barão de PEDRO AFFONSO foi, portanto, um benemérito".

Depois de ter assim procedido tão nobremente em relação a OSWALDO CRUZ, o Barão de PEDRO AFFONSO não demorou muito à frente do Instituto e, um pouco agastado com uma indagação administrativa que justamente o irritara e, também, por desejar fazer mais uma demorada viagem à Europa, deixou a direção do Instituto, em Dezembro de 1902, após haver dado o mais completo desempenho à missão que lhe fôra confiada, organizando e dirigindo a instituição durante três anos, sem receber remuneração alguma e, por vezes, adiantando dinheiro do seu bolso para atender a despesas urgentes, a fim de que as atividades científicas e práticas não fossem prejudicadas.

Com a exoneração do Barão de PEDRO AFFONSO a direção técnica e administrativa do Instituto Soroterápico Federal passou, natural e logicamente, a OSWALDO a quem se oferecia, assim uma nova oportunidade para desenvolver e consolidar, com maior liberdade de ação, o seu recém-criado Instituto de Manguinhos que, com o correr do tempo, foi adquirindo fama, consolidando seu prestígio e se impondo à consideração dos nossos meios médicos pelo rigor e originalidade dos seus trabalhos científicos.

Sentiam todos que em Manguinhos cultivava-se a ciência em moldes até então desconhecidos em nosso ambiente e, por êsse motivo, não é para surpreender que, novos elementos dotados de interesse e curiosidade científica fossem, irresistivelmente, sendo atraídos para aquele modesto laboratório distante e de difícil acesso, no qual OSWALDO imprimia, em grande estilo, novos rumos à ciência experimental, no Brasil, nos mais diversos ramos da Medicina e da Higiene.

Começou então a estabelecer-se verdadeira romaria de médicos, professores e de simples estudantes que vinham a Manguinhos à procura do Mestre, desejosos de fazerem sua iniciação científica ou, elaborar teses de doutoramento.

Os primeiros adeptos da nova escola científica que vieram a Manguinhos no correr de 1901 e 1902, vencendo as dificuldades do acesso, atraídos pela personalidade e trabalhos de OSWALDO, foram: entre outros, OCTAVIO MACHADO, JOSÉ OSCAR DE ARAUJO, MARIO DE TOLEDO, FERNANDO MAGALHÃES, ROCHA LIMA, MIGUEL COUTO, CARLOS CHAGAS, WALDEMAR SCHILLER, EDUARDO RABELO, EUGENIO LINDENBERG, ANTONIO FERRARI e HENRIQUE MARQUES LISBOA.

Alguns dêsses já eram mestres da Medicina que vinham ouvir a opinião de OSWALDO sôbre dados problemas experimentais, outros estudantes em busca de novos temas e desejosos de elaborar suas teses sob a orientação sábia e esclarecida de OSWALDO. A uns e outros o Mestre acolhia, ouvia e atendia com a sua simplicidade habitual, sempre pronto a iniciar aqueles que o procuravam nos domínios das ciências experimentais, tão pouco explorados naquela época.

Toda essa gente que vinha a Manguinhos nesses primeiros tempos voltava entusiasmada com o que ali se fazia em matéria de pesquisas e com a personalidade do seu diretor científico, quer fossem brasileiros ou estrangeiros como os membros da Missão francesa de Marchoux ou, da alemã de Neumann e Otto que vieram ao nosso país estudar febre amarela.

Embora não pudessem ainda se dar bem conta, sentem todos que ali estava surgindo uma nova era para o Brasil, no campo científico.

Por seu lado OSWALDO antevia que seu grandioso programa estava em bom caminho de realização em vista da atração que seu pequeno Instituto começava a exercer sôbre os estudiosos e pela animação que reinava no laboratório com essa nova gente que chegava, e se ia acomodando do melhor modo possível para trabalhar e realizar investigações.

O Barão de PEDRO AFFONSO, cujo temperamento era por vezes menos cômodo e não gostava de ser perturbado, não manifestava porém a menor estranheza com a presença de tanta gente nova que vinha agora seguidamente, ao laboratório e trabalhava por todos cantos, pressentindo, sagaz como era, que estava à frente de algo destinado a vir a ser qualquer coisa mais que um simples local para o preparo de vacina e soro contra a peste, então seu objetivo inicial.

Os trabalhos realizados, sob a orientação de OSWALDO por êsses primeiros discípulos versavam sobre variados assuntos: "Etiologia do Paludismo, Crioscopia da Urina, Estudos Hematológicos no Paludismo, Hematologia Normal no Rio de Janeiro, Vacinação e Soroterapia na peste, Hematologia na ancilostomíase, Hematologia na gravidez, Hematologia nas supurações, os quais serviram de assuntos a diversas teses, recebidas com louvores na Faculdade de Medicina e causando sucesso nos demais meios médicos brasileiros pela perfeição e originalidade com que eram abordados os assuntos.

OSWALDO por seu lado, investigava vários assuntos: a fórmula hemoleucocitária nas infecções e intoxicações, a vacina antipestosa, os mosquitos transmissores do paludismo, a tuberculose e ainda encontrava tempo para fazer excursões com VASCONCELOS, EZEQUIEL, ROCHA LIMA e LUIZ DE MORAES à zona, na época muito malarígena, de Sarapuí, na baixada fluminense, afim de capturar anofelinos e, sozinho a Curvelo, em Minas Gerais, para estudar o bócio endêmico, trazendo de lá numerosas amostras de água para exame químico e bacteriológico.

Observando-se os assuntos cuidados por OSWALDO e seus primeiros discípulos, o que chama logo a atenção é a sua grande diversidade, esboçando-se assim, desde o início, uma das características mais mar-

cantes da Instituição, em todos os tempos, que tem sido o maior ecletismo nas suas diretivas científicas, no campo da Biologia e da Medicina Experimental. Esta orientação, a um tempo sagaz e feliz de OSWALDO, conferiu desde logo ao Instituto uma grande amplitude de ação no terreno da investigação científica, oferecendo maior oportunidade aos pesquisadores para seguirem seus pendores próprios e fazendo com que Manguinhos, com as suas 22 secções atuais, com tendência a aumentar, seja uma das poucas organizações no seu gênero, a molde do Instituto Pasteur de Paris, ou do Instituto Rockefeller.

Por isso, como estas instituições, êle deverá permanecer sem dependência com qualquer outra organização cultural, universitária ou não, porque, na verdade, é êle uma pequena universidade científica que, dia a dia, vai aumentando seu âmbito de ação, orientada pela tríplice missão sagrada que lhe conferiu OSWALDO, de realizar investigações científicas, divulgar conhecimentos através do ensino, e executar trabalhos de rotina de natureza humanitária.

Esta tríade de benemerência tem sido mantida intangível até hoje e, são sem dúvida, êstes três postulados as colunas mestras em que se apoia o crescente prestígio e a inabalável solidez da grande instituição.

Em princípios de 1903, regressou ao Brasil HENRIQUE ROCHA LIMA que se estivera especializando, na Alemanha, em assuntos de Bacteriologia e Anatomia patológica, ingressando, oficialmente, no Instituto, a convite de OSWALDO. Agora, tinha êste a seu lado dois preciosos colaboradores: FIGUEIREDO DE VASCONCELOS que se ocupava especialmente com a parte administrativa e a preparação do soro e vacina contra a peste, auxiliado por EZEQUIEL DIAS já graduado em Medicina e, ROCHA LIMA, a quem nas suas ausências, confiava os novos discípulos, ficando OSWALDO com a supervisão geral de todos os trabalhos e, como sempre, ao par dos pormenores da vida do Instituto, agora, porém com mais folga para cuidar de outros problemas relativos ao fortalecimento da sua escola os quais muito o preocupavam.

Em meados de 1903, ingressaram no Instituto sucessivamente HENRIQUE ARAGÃO, como estagiário para iniciar-se em Bacteriologia e elaborar sua tese e ALCIDES GODOY transferido do Serviço contra a Febre Amarela para realizar estudos sôbre mosquitos.

Ambos permaneceram no Instituto, onde vieram cuidar, depois, de vários outros assuntos científicos e de aplicação prática.

Embora as verbas permanecessem escassas, o Instituto, sob a direção exclusiva de OSWALDO, foi tendo maiores facilidades para a realização de pesquisas.

Trabalhava-se o mais que se podia, despreocupadamente, com satisfação, com muito interesse pelas pesquisas científicas e com liberdade para investigar sôbre os mais variados assuntos com aprovação ampla de OSWALDO, cujo maior objetivo era alargar o âmbito das atividades praticadas no Instituto.

Ninguém se preocupava com a sua própria situação bastante incerta ainda em relação aos rumos futuros da Instituição: uma simples dependência da Saúde Pública, destituída de qualquer estabilidade e, nada mais...

Confiávamos no destino e nos dávamos por satisfeitos em acompanhar o mestre iluminado por um ideal magnífico a que ligara todas as energias da sua existência e, em cuja companhia o terreno incerto e movediço que palmilhávamos se nos afigurava sólido como um bolco de granito.

Eramos todos jovens e vivíamos um momento feliz e absolutamente despreocupado da nossa existência, assim como se fossemos uns "enfants de bohème" da ciência, indiferentes à nossa instabilidade e satisfeitos com poucos proventos ou mesmo sem eles.

A única preocupação do pequeno grupo que então cercava o Mestre era a de corresponder à sua confiança, colaborando com todo o ardor na realização dos seus planos e, êsse futuro cheio de incertezas, viamo-lo radiante e auspicioso ao lado daquele que nos conduzia e orientava, partilhando da sua sorte qualquer que ela viesse a ser.

Nossa situação se apresentava assim insegura, mas sem que por isso nos causasse maiores preocupações, quando em março de 1903, chegou a Manguinhos a agradável notícia que logo sentimos decisiva para os destinos da nova Escola, de que OSWALDO fôra convidado pelo benemérito Presidente da República Dr. FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES ALVES, para assumir a direção dos serviços de Saúde Pública Federal, com a missão de extinguir a febre amarela, debelar a peste bubônica e reformar completamente os serviços de Higiene, dando-lhes novos moldes e rumos.

Sentimo-nos ufanos pela ascensão de nosso guia a um cargo em que tão bem poderia demonstrar suas raras qualidades de organizador e chefe, e cujo cenário seria então, mais amplo e adequado que o de Manguinhos. Apenas nos sentíamos intranquilos no que respeitava à possibilidade em manter-se tão assíduo e solícito junto a nós, como até então.

OSWALDO porém, logo nos tranquilizou, assegurando que reservaria as manhãs para o Instituto e as tardes para seus novos e árduos labores na direção dos trabalhos da Saúde Pública.

Com a entrada de OSWALDO para a Saúde Pública, nossa vida em Manguinhos transformou-se muito sob o ponto de vista das facilidades que daí em diante tivemos à nossa disposição para os trabalhos em geral e, sobretudo, para as pesquisas.

Passamos nesse terreno, rapidamente de pobretões a nababos, e é forçoso confessar que nos adaptamos singularmente bem e bastante depressa. Já se não ia mais de trem ou a pé para o Instituto, tínhamos uma lancha que nos trazia com o Mestre, pela manhã, a qual depois que êle se retirava voltava para ficar à nossa disposição para o retorno tardio à cidade. Havia no Instituto material em abundância: microscópios, micrótomos, estufas, aparelhagens diversas, corantes, substân-

cias químicas, vidraria e, os mais variados animais para experiências, nos chegavam, quando necessários, como por milagre, adquiridos no Rio, em Buenos Aires, Hamburgo ou New York.

Uma das mais auspiciosas conseqüências da estadia de OSWALDO, a testa da Saúde Pública manifestou-se na rápida e violenta hipertrofia que sofreu a até então bem minguada biblioteca do Instituto a qual entrou a crescer aos milhares de volumes, entre livros e revistas, nos mais variados idiomas e assuntos relativos à Biologia, Química, Parasitologia, Medicina Experimental, Bacteriologia, Higiene, e sôbre outros ramos científicos afins, tornando-se bem depressa uma das mais reputadas do Brasil e, hoje, com os seus 100 mil volumes, a melhor do gênero, na América do Sul.

Em vista do crescimento rápido da Biblioteca tornou-se necessário levantar um amplo barracão, próximo ao Instituto, para abrigar os milhares de volumes de livros e revistas que iam chegando.

Esta construção estava dividida em dois compartimentos: o posterior abrangendo dois terços do espaço, servia de depósito aos livros e revistas que iam sendo colocadas ordenadamente nas suas numerosas prateleiras e, a parte da frente, utilizada como sala de leitura e de reuniões semanais dos pesquisadores, afim de se analisar e discutirem-se os resumos dos artigos mais interessantes publicados nas revistas recém-chegadas.

Tinha OSWALDO CRUZ o trabalho de marcar, em cada revista, as publicações mais importantes assinalando o nome daquele que as deveria ler para resumí-las na sessão a realizar-se, semanalmente. E, neste mister ia também orientando o assunto conforme as tendências e predileções que observava em seus discípulos.

As revistas ficavam colocadas ao alcance dos interessados, em prateleiras divididas em escaninhos.

De início nossos bibliotecários eram um tanto bisonhos, mas a partir de 1909 teve o Instituto a felicidade de obter a preciosa colaboração de um homem culto e poliglota, de nacionalidade holandesa, depois naturalizado brasileiro HIPOLITO ASSUERUS OVERMEER que, na Instituição trabalhou por mais de trinta anos, pondo em prática a classificação decimal belga, sugerida por OSWALDO, a qual assegurou à biblioteca uma perfeita organização que, ainda se mantém eficiente até a época atual, sem grandes modificações.

Além de todas as demais facilidades que tínhamos para os trabalhos em Manguinhos, uma nos era particularmente apreciada. E' que cada um de nós dispunha do seu próprio auxiliar de laboratório o que significava termos ao nosso lado, a todos os momentos e quaisquer que fossem as circunstâncias, um servidor leal, diligente e sempre muito dedicado ao seu chefe.

Teremos sempre para com êsses excepcionais ajudantes uma grande dívida de reconhecimento que aqui relembramos numa homenagem, tão afetuosa quão profundamente sincera.



Aliás, os demais servidores de Manguinhos, desde os primeiros dias até hoje, possuem em geral, uma perfeita noção dos seus deveres e responsabilidades para com a Instituição.

Constitue sempre motivo de grande satisfação vermos ainda hoje em Manguinhos êsse excepcional servidor desde os tempos de OSWALDO, que é THEÓPHILO OTTONI MAURÍCIO DE ABREU, o servidor número um do Instituto no conceito geral de todos que ali trabalham, pela maneira irrepreensível por que desempenha as altas funções de sua complexa e árdua incumbência.

Ao fazer esta menção especial, a quem tanto a merece, nosso pensamento evoca nesta oportunidade as figuras de muitos outros servidores dos primeiros e dos mais recentes tempos, cujos nomes seria longo citar e talvez ainda cometendo involuntárias omissões.

Alguns dêsses auxiliares, cuja instrução em geral é de nível pouco elevado adquirem com o correr do tempo apurados dotes de observação e capacidades técnicas que, não fora a falta de uma cultura básica, os nivelariam a verdadeiros biólogos.

O trato amigo, por vezes até fraternal que dispensamos a êsses dedicados servidores e a confiança absoluta que depositamos neles estimula e recompensa-lhes os esforços que fazem para nos servirem, cada vez melhor.

Com OSWALDO a frente da Saúde Pública, as condições inerentes aos trabalhos em Manguinhos tornaram-se cada vez mais favoráveis mediante o seu desvelo ao Instituto.

Sentia êle um especial prazer em atender a tudo o que se pudesse ali necessitar para nossas pesquisas e, não raro, antes que lhe solicitássemos determinado material avisava que já se achava o mesmo no almoxarifado à nossa disposição, anunciando ainda que já encomendara outro que viríamos a necessitar, em breve, pois estava sempre ao corrente dos trabalhos e investigações que iam realizando.

Como não havia jantar no Instituto, trazíamos nossos farneis para o repasto vespéral de vez que trabalhávamos até tarde da noite. Reparando nesta circunstância, o Mestre tomou providências, reservadamente, e um belo dia fomos surpreendidos com a notícia de que haveria jantar, dali em diante, assim como acomodações para aqueles que desejassem pernoitar no Instituto, presos às experiências que não deviam ser interrompidas.

Essa solicitude de todos os momentos e sob variados aspectos, fazia redobrar nossos esforços para retribuí-la servindo com a maior dedicação os ideais pelos quais êle se batia com tanto ardor e tenacidade.

Enquanto assim, cuidava de facilitar o mais possível as atividades dos seus discípulos ia engendrando um vasto plano de novas construções dignas por sua magestade do reputado Instituto, que imaginava, viria Manguinhos a ser.

Recorreu então ao arquiteto LUIS DE MORAES que, se tornara nosso amigo e cujas qualidades OSWALDO muito apreciava. Em breve apare-

ceram os projetos de diversas construções sólidas, elegantes e amplas, como até então, nunca imagináramos que o Instituto viesse a ter.

Compreendiam pavilhão para trabalhos com peste bubônica, nova cocheira para produtores de soro, biotérios para criação de animais e, excedendo a tudo imaginável, êsse soberbo edifício principal em estilo mourisco, que, evocador e, misterioso, será pelos tempos vindouros o símbolo de uma Instituição, nascida sob auspícios geniais, e destinada a perscrutar os segredos da vida.

Todas aquelas grandes construções nas quais poderia caber muitas vezes o nosso pequeno laboratório inicial se nos afiguravam desproporcionadas para o diminuto número de discípulos que cercava OSWALDO naquela época e, quando lhe manifestamos nossa surpresa pela grandiosidade do seu empreendimento, replicou com o seu agudo senso de previsão que dentro de alguns anos aquelas edificações se tornariam acanhadas para atender ao desenvolvimento dos trabalhos do Instituto e ao número crescente de pesquisadores. Escusado dizer que se não enganava pois, o Manguinhos de hoje, com as suas novas construções e aquelas em andamento será 5 ou 6 vezes maior do que o planejado por OSWALDO e já se prevê que não tardará para que, mais vastos sejam ainda seus campos de pesquisas, requerendo maiores acomodações.

Tendo-se concluindo as plantas dos diferentes edifícios, em muito pouco tempo, determinou OSWALDO que as obras fossem todas a uma vez iniciadas e, de um momento para outro, aquele Manguinhos tão tranquilo, transformou-se numa rumorejante colmeia com os seus trezentos e tantos trabalhadores, numeroso maquinário e um chegar constante de material pesado que obrigou a construção de nova ponte, à beira-mar, bastante sólida para suportar toda a carga que tinha de ser desembarcada e conduzida para o alto da colina.

Escavado o terreno após nivelamento, em vários pontos, começaram a subir dos formidáveis alicerces, os panos das paredes das novas edificações.

Essas obras tão vultosas, embora feitas longe da cidade, não podiam ser levadas por diante sem que a burocracia se agastasse, porque não haviam sido autorizadas em lei e, OSWALDO, as estava realizando com as sobras das verbas da Diretoria de Saúde Pública. Êle estava perfeitamente ao par dos comentários que se faziam, porém não se preocupava muito com os mesmos e prosseguia. A grita cresceu, juntando-se a ela a da imprensa em grande parte contrária a OSWALDO por causa do seu código sanitário, denominado também código de torturas. O Mestre não era todavia homem que se ativesse a regras abstrusas quando se tratava de uma realização de extraordinária importância e utilidade para sua Pátria.

Foi assim, à revelia de decretos, criado o Instituto de Manguinhos e, talvez por isso mesmo, aí está sólido e, dia a dia, com mais prestígio próprio, pois representa uma força viva e o expoente de uma irreprimível maturação espiritual.

A medida porém que cresciam as formidáveis paredes dos vários edifícios, aumentavam também as recriminações contra OSWALDO; o Ministro se impressionou e resolveu observar pessoalmente o que havia. Era a primeira vez que vinha visitar o Instituto. Chegou pela manhã, começando sua inspeção pelo laboratório modesto e acanhado, cujo telhado ameaçava ruir mas, onde trabalhava sem descanso, aquele pequeno grupo de devotados à ciência. Percorreu depois as novas construções e, finalmente, foi inspecionar as obras grandiosas do edifício principal. Examinou-as e informou-se de tudo, minuciosamente, só não indagou com que dinheiro aquilo tudo estava sendo feito... Depois, parou, descansou e lançou os olhos para a mísera casinha em que nascera o Instituto a custo de tanto esforço, dedicação e sacrifício de todos; desviou a seguir a vista e foi pousá-la sobre os blocos do grande prédio que OSWALDO estava edificando, não para si próprio, para seu conforto e glórias pessoais, nem para regalo daquele pugilo de discípulos conduzidos por êle, mas para gerações sucessivas de pesquisadores do porvir, com o único objetivo de aumentar o prestígio científico do Brasil e elevar sua cultura.

Esse Ministro de Estado, o Dr. J. J. SEABRA, possuía um grande coração sensível capaz de auscultar e compreender os intuitos superiores das grandiosas iniciativas humanas.

Não teve uma palavra de recriminação para aquilo tudo que OSWALDO estava executando e, no seu íntimo, forçosamente emocionado com o que observara despediu-se, prometendo verbas do Congresso para conclusão daquelas obras arrojadas, e recomendando, "pro forma", que fossem as mesmas interrompidas afim de sopitar-se a grita dos opositores a OSWALDO, até que chegassem os créditos regulares.

Também "pro forma", as obras foram interrompidas por alguns dias, para recomeçarem em seguida com redobrado vigor e como antes, a custa de recursos provindos de sobras das verbas da Diretoria da Saúde Pública, que OSWALDO e PACHECO LEÃO, sucessor do inolvidável Dr. CARNEIRO DE MENDONÇA, na chefia do Serviço de Profilaxia de Febre Amarela, conseguiam economizar, sem ainda assim, reduzir a eficiência das atividades que lhes cumpria executar.

As verbas do Congresso chegaram um dia, tardiamente, quando a maioria das edificações estava concluída, e já se trabalhava também no artístico e primoroso edifício principal.

Uma espécie de tradição que se instituiu desde essa época em Manguinhos, instintiva e religiosamente cumprida, foi a de jamais se realizarem solenidades de lançamentos de pedras fundamentais e inaugurações festivas. E, desde OSWALDO até o presente, a mesma norma vem sendo observada. Uma vez concluídas as obras e as instalações e, às vezes, ainda muito antes de terminadas, vão os pesquisadores ocupando os laboratórios que lhes são destinados e prosseguindo seus trabalhos com o mesmo ritmo, em ambiente que lhes propiciam melhores rendimentos.

Enquanto dentro de Manguinhos trabalhávamos cercados de facilidades desconhecidas até então, e proporcionadas pela estadia de OSWALDO à frente da Saúde Pública, lá fora se consumia êle numa luta violenta, de injustiça e crueldade flagrantes, partida daqueles que tinham seus interesses contrariados pelas novas exigências do Regulamento Sanitário, tão benéfico para a coletividade a todos os respeitos.

A entrada dos "mata mosquitos" nas casas para esvaziarem os depósitos de água cheios de larvas do estegomia, as intimações para impermeabilizar o solo das casas afim de evitar ratos e pulgas vetores da peste, a supressão das alcovas nas casas, as determinações relativas às instalações sanitárias, a fiscalização dos gêneros alimentícios, a notificação compulsória dos casos de doenças infeto-contagiosas, e outras providências sanitárias inadiáveis, eram motivo para que se levantasse uma formidável campanha contra OSWALDO CRUZ, desde que assumiu a direção da Saúde Pública.

Em novembro de 1904 houve até a célebre mazorca de exploração político-militar tendo como pretexto a benemérita lei da vacinação obrigatório contra a varíola, ocasião em que a vida do grande sábio esteve em perigo.

Num infeliz gesto, quase toda imprensa se associou à grita dos que tinham seus interesses feridos pelas disposições do Código Sanitário e, desencadeiou a mais triste das campanhas de difamação que se possa imaginar entremeada de insistentes solicitações ao Governo para que o dispensasse do seu cargo.

Nessa época não eram, infelizmente, muitos os que estavam com OSWALDO: apenas os seus amigos íntimos, os discípulos de Manguinhos e da Saúde Pública, e uns tantos homens de bem que admiravam o modo desassombrado com que sustentava suas convicções pelo que lhe deram irrestrito apoio, tais como o Presidente RODRIGUES ALVES, o seu grande Ministro J. J. SEABRA e vários colegas entre os quais três grandes personalidades de S. Paulo, os Drs. EMILIO RIBAS, ADOLPHO LUTZ e PEREIRA BARRETO.

OSWALDO CRUZ, a êsse tempo, combatido, ridicularizado, insultado de todos os lados, não tinha muita gente consigo mas os que formavam com êle eram uma elite que valia por uma legião. Apesar de todas as lutas que tinha de sustentar na administração pública e contra aqueles cujos interesses feria com a aplicação de medidas sanitárias benéficas para o povo, OSWALDO não deixava de vir regularmente a Manguinhos. Entrava nos laboratórios quase sem fazer ruido e, às vezes, sem ser notado; observava os discípulos e depois passava a conversar com êstes, satisfeito por sentir seus continuadores cada vez mais seguros na resolução dos problemas que lhes estavam afetos e, por isso, deixava-lhes agora toda a iniciativa para que adquirissem confiança em si mesmos e pudessem orientar-se sôzinhos no campo das investigações científicas. Passados os períodos iniciais de aprendizagem, preferia que os discípulos escolhessem os assuntos em que desejassem trabalhar, seguindo suas próprias tendências científicas para a especialização futura e,

nesse terreno, animava todas as investigações que lhe eram sugeridas por aqueles que o cercavam, por saber melhor do que ninguém que, em ciência, não há assunto esgotado merecendo todos a atenção de quem tiver capacidade, tenacidade e inspiração para explorá-los.

Sentindo que reunira agora dentro de Manguinhos um pequeno grupo de moços perfeitamente treinados pelos seus métodos e capazes, retraiu completamente suas atividades de investigador consumado, considerando mais útil ao desenvolvimento da sua escola as vitórias de vários de seus discípulos àquelas de que êle próprio poderia facilmente, neste terreno, colher isoladamente todos os louros.

Foi dessa renúncia à sua maior glória pessoal por parte do Mestre, que resultou êsse Instituto tão cheio de prestígio científico, desde seus preliminares e, no qual, a personalidade para todo o sempre imperecível do seu criador ressaltava da penumbra em que, voluntariamente se colocava, afastando-se dum ambiente para o qual possuía, no mais elevado gráu, todos os requisitos intelectuais e culturais que lhe permitiam agigantar-se ainda mais, realizando as descobertas que consagraram os seus discípulos.

O pequeno templo da ciência erigido numa das colinas da Fazenda de Manguinhos continuava a atrair novos crentes desejosos de fazerem ali o seu noviciado científico.

De 1904 a 1907 foram chegando RODOLPHO ABREU, BORGES DA COSTA, AFFONSO MAC DOWEL, GOMES DE FARIA, PARREIRAS HORTA, RAUL DE ALMEIDA MAGALHÃES, RUBENS DE CAMPOS, ARTHUR NEIVA, JOÃO PEDRO DE ALBUQUERQUE, PIRES SALGADO, ARTHUR MOSES, ALEIXO DE VASCONCELOS, EDUARDO MARQUES, JAYME ABEN-ATHAR, ANTONIO PERIASSÚ, JOSÉ DE MENDONÇA, THOMPSON MOTTA, FRANCISCO CATÃO, ABREU FIALHO, OCTAVIO REGO LOPES, JESUINO MACIEL, LEÃO DE AQUINO e ALMADA HORTA.

Muitos dêstes eram estudantes de Medicina que almejavam fazer suas teses sôbre assuntos originaes, outros, médicos já feitos, vinham em busca de conhecimentos sôbre problemas experimentais ou, da ilustração necessária para os concursos do serviço de Saúde Pública.

Dentre os que vieram a Manguinhos desde seus primeiros tempos até 1907, alguns eleitos foram integrados definitivamente por OSWALDO à sua Escola, os outros, em geral, confirmaram nos caminhos vitoriosos que tiveram na vida, as vantagens da sua passagem pelo Instituto para o aprimoramento de suas qualidades intelectuais e morais.

Os trabalhos realizados em Manguinhos até 1906 versaram principalmente sôbre assuntos de Hematologia, Sorologia, Bacteriologia, Parasitologia, Anatomia patológica, Entomologia, ainda sem uma orientação definida para especializações, mas, a partir dêsse ano, começaram os discípulos a seguir rumos mais fixos em relação aos assuntos de que cuidavam e, em consequência, esboçam-se as futuras tendências de cada qual no domínio das ciências.

Para que os técnicos que começavam suas especializações não se fossem precocemente alheando aos outros assuntos de interesse geral ao Instituto, resolveu OSWALDO, estabelecer sessões semanais, às quar-

tas-feiras, para serem resumidos os artigos científicos mais interessantes, que fossem aparecendo nas revistas especializadas, trabalho de que também participava. Escolhia ainda e descriminava os artigos a quem competia resumí-lo.

As sessões eram realizadas à noite, a princípio em sua residência à rua Voluntários da Pátria e depois, também à noite em Manguinhos, quando se tornaram mais numerosos os que tomavam parte. Uma vez ou outra havia, ao começar a sessão, uma pequena conferência de um dos técnicos, sobre assunto em que tivesse maior conhecimento. Essas reuniões, por vezes, se prolongavam muito, tornando-se um pouco cansativas a todos, menos para OSWALDO que se mantinha atento até o final.

A liberdade de iniciativa concedida por OSWALDO aos componentes do que êle chamava o seu "jardim da infância da ciência" porquanto nenhum tinha atingido aos trinta anos e, o trabalho intenso assim realizado, anos a fio, resultou na execução de numerosos trabalhos científicos, alguns dos quais de valor especial e notavel pela importância teórica e prática, os quais foram por isso considerados como trabalhos clássicos, da Instituição. Os primeiros a surgirem, após a primeira meia duzia de anos de vida do Instituto, foram a vacina contra a peste da Manqueira salvadora dos rebanhos nacionais, o ciclo exo-eritrocitário endotelial verificado no hematozoário do pombo denominado "Hemoproteus", o estabelecimento de um diagnóstico preciso da febre pelas lesões do fígado, a vacinação contra a espiroquetose das galinhas, com a técnica original do emprego do formol para matar os espiroquetos e, acompanhando êstes, toda uma série de investigações, entre as quais salientavam-se as sobre novos gêneros e espécies de mosquitos, sobre Tuberculina, Sorologia, Bacteriologia, Hematologia e Parasitologie.

Com êstes trabalhos, em tão variados assuntos, realizados por tão pouca gente pesquisando com ânimo infatigável, horário sem limite e entusiasmo verdadeiro, começou a avolumar-se o patrimônio científico do Instituto que foi assim alteando cada vez mais seu prestígio, não só no Brasil como também no estrangeiro, onde suas publicações iam sendo elevadamente conceituadas pelos especialistas, dada a confiança que inspiravam os trabalhos já realizados pelos discípulos do Instituto.

Já agora foram sendo requisitados os técnicos do Instituto por parte de govêrnos e de instituições particulares afim de traçarem planos de serviços e executarem campanhas profiláticas.

OSWALDO ia atendendo, na medida do possível, as solicitações que lhe eram feitas.

O Govêrno do Estado do Maranhão desejava um especialista para cuidar do problema da peste que invadira a capital do Estado e, OSWALDO enviou HENRIQUE MARQUES LISBÔA, antigo discípulo, substituindo-o algum tempo depois por EZEQUIEL DIAS e finalmente êste por CARDOSO FONTES. E, do trabalho eficiente dêsses três elementos da sua grei resultou a debelação, naquele Estado, do mal levantino, por volta de 1906.

A companhia Docas de Santos solicitou um técnico para fazer a profilaxia do paludismo nas suas oficinas em Itatinga e, em consequência, CARLOS CHAGAS foi designado para debelar o mal e o fez com todo o sucesso.

Depois, cêrca de 1906, o Govêrno do Estado de Minas manifestou a OSWALDO o desejo de montar um laboratório em Belo Horizonte e, após vários entendimentos, ficou resolvida a criação da primeira filial de Manguinhos de cuja direção e organização foi incumbido EZEQUIEL CAETANO DIAS que ali trabalhou, sem descanso, durante vinte anos, tendo por fim esta filial se transformado em um Instituto autônomo que, em homenagem ao seu primeiro Diretor, recebeu o nome de Instituto Ezequiel Dias.

De outra feita foi a Diretoria da Estrada de Ferro Central do Brasil que, tendo em mira o prolongamento de sua linha até Pirapora, em 1907, solicitou a OSWALDO um dos seus discípulos para encarregar-se da profilaxia do paludismo na zona a ser aberto o novo ramal, sendo indicado para essa missão, CARLOS CHAGAS que aí se notabilizou mais tarde, com a descoberta da Tripanossomiase americana.

O Instituto foi-se dêste modo impondo cada vez mais à confiança pública e ao conceito dos meios científicos e, ao atingir o ano de 1907, seus rumos futuros estavam já definitivamente assegurados, firmando-se cada vez mais, desde então, através de suas inúmeras investigações originais e realizações práticas.

OSWALDO poderia satisfazer-se com os resultados até então alcançados pela sua plêiade brasileira congregada naquela modesta casinha em que criara sua escola e na qual, tudo parecia um tanto misterioso para os leigos, até êsse nome de Instituto de Manguinhos que lembra um terreno salitrado e lamacento, povoado de caranguejos e capaz de atascar o afoito que naquele solo se aventurasse. Nas mãos de OSWALDO porém, Manguinhos ia-se tornando cada vez mais sólido, com um futuro cada vez mais radiante e firme e assim recompensando-lhe o labutar intenso durante os longos horários. Sentia-se que tudo ia bem e, com as mais fagueiras esperanças, chegamos então ao ano de 1907, que marcou etapa decisiva para OSWALDO e para o Instituto.

Depois de três anos de porfiada luta, 1904-1907, estava enfim dominada a febre amarela e a peste reduzida a quase nada, na cidade do Rio de Janeiro e aquela reforma da Higiene que, tantos e tão injustos ataques tinha provocado contra OSWALDO, durante êsses anos passados, estava dando os melhores resultados.

Os inúmeros opositores do começo, haviam quase todos desaparecido, tão evidentes eram os resultados do saneamento do Rio e de outras cidades do Brasil, em virtude do acerto das medidas postas em prática com energia continuada e sem desfalecimentos.

Em 1907, o Brasil, cuja fama de possuir um Instituto de Medicina Experimental e organização de Serviço de Higiene, muito adiantados, havia-se espalhado pelo mundo, foi convidado a fazer representar-se

na Exposição Internacional de Higiene, em Berlim. Cêrca de 123 expositores, de 20 países concorreram, entre os quais figurou o Brasil.

OSWALDO foi designado pelo Govêrno, em começos de 1907, para chefiar a delegação brasileira, cujos outros membros eram SALES GUERRA, ROCHA LIMA, ABREU FIALHO, OSCAR DE SOUZA e LUIZ MORAIS.

Partiu OSWALDO algum tempo depois para a Alemanha levando valioso mostruário de produtos e documentos da organização, tanto de Manguinhos como da Saúde Pública, sendo o vultoso material exposto numa grande sala, no Reichstag, concedida ao Brasil.

Aí se via, muito bem apresentado, tudo o que possuíamos: soros, e vacinas diversas, entre as quais a da manqueira e da esperiquetose das galinhas, estampas e preparações com o ciclo exoeritrocitário do hematozoário do pombo — “*Hemoproteus columbae*”, peças anátomo-patológicas de peste e febre amarela e de outras moléstias tropicais, coleções de mosquitos, mutucas, carrapatos, vermes parasitos, gráficos e fotografias sôbre os métodos usados nas campanhas contra o paludismo, febre amarela, peste bubônica e sôbre outros problemas investigados, no Brasil, e, entre o abundante e variado material exposto estavam incluídas finalmente, as maquetes dos novos edifícios construídos para Manguinhos e para a Saúde Pública.

A exposição do Brasil causou viva surpresa e a maior admiração aos que a visitaram, despertando imenso interesse não só aos leigos, como aos clínicos, pesquisadores e higienistas, sendo considerada a melhor.

Recebeu, então, OSWALDO, as efusivas e gerais congratulações, na Alemanha, por sua grande realização em pról da ciência e da Saúde Pública, no Brasil.

Reunido o juri da Exposição foi concedido, ao nosso País, o primeiro prêmio — a medalha de ouro, doada pela Imperatriz da Alemanha. Recebendo emocionado êsse laurel, êle sentiu-se desvanecido pela consagração dos seus ingentes esforços no afã de elevar o renome da sua Pátria, logo porém, seu pensamento voltou-se para seus discípulos e a todos agradeceu a colaboração que lhe haviam prestado.

Em Berlim, sábios como PROWAZEK, HARTMANN e GIEMSA, entusiasmados com o que se fazia no Brasil, manifestaram a OSWALDO o desejo de conhecer o Instituto e os colegas brasileiros que ali trabalhavam.

Foram então estes três cientistas convidados por OSWALDO para virem prestar sua colaboração por seis meses ao Instituto e êle só tomou essa resolução depois que seus discípulos já haviam revelado suas capacidades para resolverem sòzinhos originais questões de Medicina Experimental e Higiene pelos próprios esforços e sagacidade para as investigações.

Com esta brilhante vitória lograda no seio de um congresso internacional integrado por países de velha civilização e cultura, patenteava-se ao mundo o elevado padrão dos pesquisadores brasileiros e acima de tudo, do Mestre, no domínio da Medicina Experimental.



A partir de 1907 começou OSWALDO a enviar os pesquisadores do Instituto à Europa e aos Estados Unidos para visitarem as instituições congêneres e se aperfeiçoarem em suas especializações nos assuntos do particular interesse científico de cada um, porém tomou essa resolução somente depois que seus discípulos haviam adquirido por seus estudos e trabalhos próprios, uma sólida competência, na matéria, de modo que, em permuta aos conhecimentos que iriam haurir também pudessem transmitir outros, desconhecidos, aos pesquisadores, nos meios científicos que visitavam.

Por êsse motivo, os técnicos do Instituto sempre foram muito considerados e bem recebidos nos institutos que frequentaram fora do seu País dadas estas credenciais que levavam.

Os primeiros discípulos, a irem ao estrangeiro, entre os anos de 1907 a 1908 foram ROCHA LIMA para a Alemanha, VASCONCELLOS para a França, ARAGÃO para a Alemanha e França, NEIVA para os Estados Unidos, FONTES para a Alemanha e GODOY também para a Alemanha.

Depois, muitos outros realizaram viagens de estudos e aperfeiçoamento no estrangeiro, mantendo-se sempre a tradição de se enviarem apenas os elementos de capacidade já comprovada por trabalhos anteriores, de vez que a iniciação dos pesquisaodres competia ao Instituto fazê-la.

Era OSWALDO dotado de acendrado amor à sua Pátria e jamais deixara de reconhecer e exaltar a capacidade dos brasileiros no terreno das pesquisas científicas sôbre os mais transcendentais problemas, uma vez que se lhe fornecessem os elementos que os pudessem estimular ao trabalho porfiado cômicos da responsabilidade das suas iniciativas. Em cartas dirigidas a ROCHA LIMA encontram-se frases como estas: "Nada há que resista ao trabalho"; "Trabalhemos porque não conheço cousa alguma que resista ao trabalho sério pertinaz e útil"; "Havemos de demonstrar que nossa Pátria não é inferior a dos outros", tópicos estes que são confirmadores do seu elevado e patriótico modo de pensar. Possuia o Mestre ainda, no mais alto gráu, as qualidades do orientador prudente e vigilante e sabia incitar os seus discípulos a não se deterem pelo temor do insucesso, horror às responsabilidades e imensidade dos empreendimentos.

Nas horas difíceis, estava sempre ao nosso lado dando as mais sinceras provas da sua absoluta confiança em nossos trabalhos. Assim, ao simples estudante de Medicina, que no limiar das suas atividades no Instituto, sacrificara, certa vez, um cavalo, o animal mais precioso que então possuíamos, êle, após verificar que a técnica usada fôra certa, mandou fornecer outros animais para que o trabalho não sofresse retardamento.

Deu-se numa fazenda Mineira, imprevisto insucesso com a vacina contra o carbúnculo sintomático, a popular peste da Manqueira, na sua primeira demonstração pública.

Os discípulos designados para realizarem a prova, desolados com a ocorrência, consultam o Mestre; êste os mandou regressar afim, de

examinar, em Manguinhos, a causa da ineficácia. Descoberta qual foi a razão da falta de êxito ordena-lhes a volta ao mesmo local afim de serem praticadas novas inoculações, pois tinha a certeza de que a vacina, cujas experiências acompanhara dia a dia em Manguinhos, era absolutamente inócua e de perfeito poder imunizante.

Descoberta e rapidamente afastada a causa, são as novas inoculações coroadas do mais satisfatório resultado, desde então jamais desmentido.

Certa vez, ao discípulo que considerava necessária sua opinião e visita à uma zona para a qual fôra encarregado de realizar árdua campanha profilática contra o paludismo, OSWALDO logo replica: "não é necessário que eu vá, você resolverá tudo, acertadamente".

Esta confiança absoluta que depositava em seus discípulos confortava-os a cada momento e incentivava-lhes a tudo fazerem para merecê-la, integralmente.

Após o retumbante sucesso de Berlim, em 1907, que consagrou brilhantemente seu trabalho e cobriu-o de louros, OSWALDO, voltando ao Rio, foi recebido com extraordinárias manifestações de apreço por parte do Govêrno e do povo.

Seu nome foi dado, como de costume em tais casos à uma avenida; houve palmas e hurras nas ruas por onde passou dirigindo-se de regresso à sua residência; seu retrato apareceu em todos os jornais enquadrado pelos artigos laudatários. Proclamavam-no redentor do Brasil daquele triste labéu de país de febre amarela a maior barreira ao progresso da Nação. Seu nome foi colocado no mesmo plano que o de CAXIAS, RIO BRANCO, RUY BARBOSA e outros brasileiros ilustres, pelos serviços prestados à Pátria.

Avaliaram em centenas de milhões de Cruzeiros os benefícios trazidos ao País e, chegaram a dizer que era merecedor de uma estátua de ouro, o que, o que não impediu se esquecesse o Congresso de votar um modesto prêmio de duzentos mil Cruzeiros, ao solicitar OSWALDO que se conferisse a Manguinhos, um pequeno patrimônio que lhe assegurasse, com a renda, uma certa estabilidade financeira para a execução dos seus elevados e humanitários objetivos.

Todos sentiram a injustiça e a incongruência de uma tal atitude, mas OSWALDO estava habituado às reviravoltas das opiniões humanas e não se molestou com mais uma.

Apesar de tudo, tivemos a sensação de que, com a vitória alcançada em Berlim, mais dia menos dia, o nosso amanhã tão incerto até então, tornar-se-ia estável num futuro ainda não definido mas, certamente próximo, o que de fato veio a acontecer em 12 de dezembro de 1907 quando, o Instituto foi oficializado por lei do Congresso, sancionada pelo Presidente AFFONSO PENA, sendo-lhe substituído o nome de Instituto Soroterápico Federal pelo de Instituto de Medicina Experimental de Manguinhos, êste mesmo modificado para Instituto Oswaldo Cruz, em homenagem ao Mestre, por ocasião de ser expedido seu Regulamento e feitas as nomeações do pessoal, a 19 de março de 1908.

A lei concedeu autonomia ao Instituto, separando-o da Saúde Pública, à qual estivera até então dependente, subordinando-o diretamente ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores.

Ao tempo desta sua organização definitiva, o corpo técnico do Instituto ficou constituído por: OSWALDO CRUZ diretor, HENRIQUE FIGUEIREDO DE VASCONCELOS e HENRIQUE DA ROCHA LIMA chefes de serviço, ALCIDES GODOY, ANTONIO CARDOSO FONTES, ARTHUR NEIVA, CARLOS CHAGAS, EZEQUIEL DIAS e HENRIQUE ARAGÃO, assistentes.

Êstes nove elementos ficaram sendo considerados os fundadores do Instituto.

A êles se deve, com justiça, juntar o nome de JOSÉ GOMES DE FARIA que, na reforma de 1908, por ter sido limitado o número de técnicos, teve de se contentar, para continuar no Instituto, com o cargo administrativo de escirturário-arquivista o qual, felizmente, por ser pouco trabalhoso na época, deixava-lhe bastante tempo para que atendesse aos seus grandes pendores para as investigações e o estudo dos mais variados problemas experimentais.

O número total de servidores do Instituto em 1908 não ia além de 28 e, seu orçamento era de Cr\$ 331.240,00, sendo Cr\$ 191.240,00 para pessoal e Cr\$ 140.000,00 para material.

Modestíssima verba para uma repartição que já desfrutava de grande projeção no cenário científico mundial e dirigida por um homem que prestara à sua Pátria serviços de valor incalculável, mas a quem apenas se concedera um vencimento mensal de Cr\$ 1.500,00, que o forçava viver com sua numerosa família num regime da mais estrita economia, da qual deixou uma documentação comovente nos seus detalhes!

OSWALDO jamais se queixava da sua modesta situação financeira nessa época, não faltando quem, por isso, atribuisse suas atitudes nobres e desassombradas ao fato de ser um homem rico.

Esta situação não o alterava absolutamente, porquanto apenas lhe comprazia servir à Pátria e realizar o altaneiro ideal da sua vida — a criação de um grandioso centro de investigações científicas nos domínios da Biologia e da Medicina Experimental e, poder manter, junto a si aquele pugilo de discípulos que tanto o haviam auxiliado a alcançar a sua vitória decisiva.

Nós, os discípulos, tínhamos todos os motivos para nos considerarmos satisfeitos pois havíamos correspondido à confiança do Mestre e, como nossa situação estivesse então assegurada, poderíamos continuar a dedicar-nos às investigações científicas para as quais nossa vida já se havia orientado.

Não tardou muito porém que uma nuvem sombria viesse toldar o horizonte transparente dêsse momento feliz e despreocupado de nossa vida.

Foi assim que, em meados de 1908, se foram tornando visíveis os sinais de que a saúde de OSWALDO se achava séria e definitivamente

comprometida. Nada dizia êle, não se queixava, nem desejava que se comentasse, mas há muito sabíamos se vinha debilitando lentamente: uma constante albuminúria, dispepsia tenaz, distúrbios circulatórios, sensibilidade exagerada ao frio, insônia, pequenos edemas e outras manifestações mórbidas menos definidas, não deixavam dúvidas.

Não demorou muito a confirmação do previsto diagnóstico, através de uma crise de pequena uremia que foi rapidamente jugulada com a intervenção do seu médico e grande amigo SALLES GUERRA. Os rins de OSWALDO estavam porém irredutivelmente lesados, o que significava uma redução certa do seu ciclo vital, tão precioso para todos.

Procurávamos iludir-nos a princípio admitindo que o mal viesse a evoluir muito lentamente, mas essa primeira crise séria nos advertia do contrário e ademais tínhamos certeza de que OSWALDO não imploraria clemência alguma a êsses rins que seriam seus carrascos, submetendo-se a regimes cuidadosamente controlados e, sobretudo ao repouso e abandono de suas atividades tão queridas.

Um completo homem de ação como os da sua têmpera vive perigosamente na rota que seu ideal lhe traçou, indiferente aos males físicos contingentes à natureza humana.

Aliás, as doenças e os acidentes estão um pouco fóra das cogitações dos homens que trabalham nos laboratórios de pesquisas.

Quando estão presentes fazemos tudo por ignorá-los para que não perturbem nossas atividades e, vamos procurando caminhar sempre um pouco para além sem prestar muita atenção às sobrecargas mórbidas que sob várias formas também não têm aos discípulos poupado e, igualmente, aos nossos auxiliares, sempre tão dedicados.

Ninguém fala de seus males, ninguém se queixa; há um certo pudor para os sofrimentos físicos. O exemplo nos vinha do Mestre, êle estava sempre conosco como se nada o afetasse.

Em começos de 1908, OSWALDO atraiu para Manguinhos o extraordinário sábio brasileiro ADOLPHO LUTZ que, durante 25 anos, dirigira o Instituto Bacteriológico de São Paulo, onde realizara uma série de importantíssimos trabalhos sôbre os mais variados assuntos de Bacteriologia, Micologia, Protozoologia, Helminologia, Anatomia patológica, Entomologia e Moléstias tropicais.

Lutz era o protótipo dêsses cientistas hoje cada vez mais raros que aliam uma profunda cultura geral à uma soma formidável de conhecimentos especializados e, além do mais possuía uma capacidade de trabalho inesgotável. OSWALDO tinha por êle uma profunda admiração que era compartilhada por quantos estavam em condições de apreender o seu valor pessoal e apreciar os seus eruditos e originais ensinamentos.

Não fez muitos discípulos, mas os que lhe saíram das mãos se tornaram figuras de elevada classe como VITAL BRASIL, THEODORO BAYMA, ADOLPHO LINDENBERG, ANGELO DA COSTA LIMA e GUSTAVO DE OLIVEIRA CASTRO.

ADOLPHO LUTZ integrou-se perfeitamente na vida de Manguinhos onde permaneceu por 25 anos, trabalhando sempre nos mais variados assuntos e publicando uma soma formidável de valiosos trabalhos originais que enriqueceram sobremodo nosso patrimônio científico.

Em meados de 1908, vieram trabalhar no Instituto, STANISLAS VON PROWAZEK e G. GIEMSA e, um ano depois, MAX HARTMANN, notáveis cientistas que, admirados com os trabalhos apresentados por Manguinhos na Exposição de Berlim, manifestaram a OSWALDO o desejo de virem ao Brasil afim de conhecerem a instituição e trabalharem com seus colegas brasileiros.

VON PROWAZEK se destacava pela cintilante inteligência e invulgar cultura.

Foi mutuamente útil a presença desses pesquisadores entre nós porque, si eram versados em muitos assuntos com os quais não estávamos familiarizados, conhecíamos outros próprios ao nosso País em que não estavam ao corrente e, havia ainda matérias em que nem nós nem eles tinhamos experiência e às quais nos dedicamos juntos, tais como as referentes a certos protozoários parasitas de peixes, à citologia de protozoários nossos, às investigações sobre o plancton da baía da Guanabara e ao vírus da varíola — “Chlamidozoon variolae”, que foi objeto de aprofundados estudos nessa época, trabalhos estes realizados numa agradável atmosfera da melhor camaradagem.

Prevendo o desenvolvimento e utilidade dos estudos de hidrobiologia marinha, OSWALDO mandou então construir um pequeno aquário que por deficiências técnicas não chegou a funcionar sendo substituído muitos anos após seu falecimento, pela Estação de Hidrobiologia de Manguinhos construída na ilha do Pinheiro muito próxima ao Instituto.

Em princípios do ano de 1908, estava CARLOS CHAGAS em Lassanse, Estado de Minas Gerais, fazendo a profilaxia do impaludismo endêmico na região, em virtude de pedido feito ao Instituto, pela Diretoria da Estrada de Ferro Central do Brasil, quando, examinando um Hemíptero ali abundante e vulgarmente conhecido pelo nome de “barbeiro” e cientificamente designado “Triatoma”, descobriu que estes sugadores de sangue se achavam parasitados com um flagelado na fase de críptídeas. Tendo enviado barbeiros a OSWALDO este os fez picar saguis que depois se revelaram infectados com um tripanossoma de morfologia muito especial que CHAGAS estudou, exhaustivamente dando-lhe o nome de “Tripanossoma cruzi” em homenagem ao mestre. Esse tripanossoma revelou-se capaz de infectar numerosos animais domésticos e silvestres sendo que alguns destes como o tatú são seus hospedeiros habituais, encontrando-se também os barbeiros transmissores em suas locas terrestres.

Os “barbeiros” podem ser encontrados em vida silvestre, todavia são mais freqüentes e abundantes nas misérrimas habitações rurais de muitas regiões do País, localizados nas frestas das paredes simplesmente barreadas e também, em outros locais que lhes propicie sugar o sangue do homem, ou ainda de animais domésticos.

Estas verificações abriram logo caminho para que CHAGAS, um ano após, encontrasse o mesmo *Tripanossoma* no sangue de uma criança visivelmente doente e depois em outros pacientes com manifestações mórbidas diversas, sobretudo cardíacas. Surgiu assim uma nova tripanossomíase — a “Moléstia de Chagas” que também é hoje conhecida pela denominação de *Tripanossomíase americana* por ser comum a quase todos os países do Continente Americano.

A descoberta da tripanossomíase teve, como era natural, a maior repercussão no mundo científico e valeu a CHAGAS ser galardoado com o prêmio Schaudinn, criado em homenagem a memória do grande cientista alemão para recompensar descobertas de excepcional valor nos domínios da Protistologia.

Aumentava-se desta forma, o já então grande prestígio científico do Instituto.

A OSWALDO desvanecia sobremodo formar continuadores capazes das realizações já anteriormente feitas e acrescidas agora com a descoberta de uma entidade nosológica da relevância da *Tripanossomíase americana*.

Convocou então, e conduziu a Lassance uma plêiade de médicos do Rio integrada de vultos como MIGUEL COUTO, JULIANO MOREIRA, MIGUEL PEREIRA, ANTONIO AUSTREGESILLO, FERNANDES FIGUEIRA e FIGUEIREDO DE VASCONCELLOS, afim de examinarem os diversos casos da moléstia, apresentados pelo seu descobridor.

Todas essas sumidades voltaram entusiasmadas com os aspectos clínicos e parasitológicos da nova entidade mórbida. Confirmava-se desta forma, a consagração ao grande feito de um discípulo de Manguinhos, nos domínios da patologia humana.

A vida de OSWALDO continuava transcorrendo, como de costume, trabalhosa e cheia de preocupações e, embora os seus males físicos se agravassem cada dia um pouco mais, não lhes prestava êle maior atenção, somente abordando o assunto, incidentalmente, com o seu médico e grande amigo SALLES GUERRA, ao qual narrava de viva voz ou através de correspondência, os seus sofrimentos sem insistir porém, muito no assunto.

Sabendo incurável o mal que o minava, conformava-se com a situação, aguardando com absoluta calma o desenlace fatal dentro de alguns anos. Quase nada fazia para retardar essa marcha inexorável para a morte precoce, no que dizia respeito a regimes, repouso ou à vida em clima propício e mais ameno que o do Rio e, nestas condições, não era de esperar que seu viver fosse longo.

Como se não fosse um doente, mantinha o mesmo ritmo de trabalho tanto em Manguinhos como na Saúde Pública; vinha sempre conosco, pela manhã, às 8 horas, na lancha a vapor que nos conduzia ao Instituto.

A viagem era muito agradável e cômoda. Partiamos do cais do Pharoux, atravessavamos o canal entre a Ilha das Cobras e o Arsenal de Marinha e aproavamos para a ponta do Cajú deixando à esquerda,

à grande distância os bairros da Saúde e S. Cristovão e lá iam, navegando entre os navios surtos no porto — os de guerra, os grandes paquetes a nos fazerem sonhar em viagens ao estrangeiro e os elegantes veleiros com três a seis mastros altos cheios de velas que o vento enfundando os fazia deslizar magestosamente sobre as águas plácidas da baía de Guanabara.

Passávamos pela Ilha dos Ferreiros, toda preta, com seus montes de carvão de pedra e logo depois alcançávamos a Ponta do Cajú, divisando o Hospital de S. Sebastião, com seus grandes pavilhões de isolamento espalhados morro acima.

A seguir a lancha passando perto de uma pitoresca colônia de pescadores entrava no Saco do Cajú ao fundo do qual estava situada a Fazenda de Manguinhos. Aquí, a navegação requeria cuidado, especialmente nas marés rasas, pois só se podia passar, e assim mesmo com dificuldade, por um estreito canal, que ao fim ia ter à ponte do Instituto.

Nas marés extremamente baixas, no final do trajeto, a lancha navegava praticamente na lama e a atracação era difícil exigindo milagres de habilidade do seu mestre — o TABORDA.

Durante a viagem conversava-se sobre os acontecimentos mundiais do momento, as ocorrências na política do dia, apreciava-se a paisagem, liam-se jornais ou disputavam-se partidas de xadrez, em carteirinhas jogo êsse que OSWALDO apreciava porém, no qual, nenhum de nós era forte, praticando-o apenas como mero passatempo.

Uma vez desembarcados na ponte, encontrávamos um trole tirado por dois cavalos para o qual subiam os mais graduados, superlotando-o e, seguiam os demais a pé por um caminho pitoresco e sombreado, que contornava a colina onde existia a segunda casinha da Fazenda e, depois, galgava-se a outra elevação. Chegando-se ao Instituto, cada qual tomava seu rumo depois de saborear uma xícara de café para animar as atividades. Estas, se desenvolviam com muito entusiasmo, longuíssimos horários e alguma inspiração. Graças à ação combinada desses elementos foram surgindo os trabalhos originais, de Manguinhos, alguns dos quais de cunho fundamental, tendo permanecido por isso até hoje intangíveis como valiosas gemas do seu patrimônio científico.

Diga-se de passagem que nem todas as descobertas eram desse teor, algumas mesmo, como as rosas murchavam logo mal entreabertas entre comentários jocosos a partir do próprio autor.

OSWALDO possuía um dom especial para sentir o que estava certo ou não; no primeiro caso alegrava-se mais que nós mesmos porém, quando examinando algum resultado de nossos trabalhos nos dizia com os seus modos suaves que seria bom verificar o fato novamente, ficávamos de sobreaviso e, quase sempre a razão estava com êle. Estacionava-se então a descoberta para melhor oportunidade e o remédio era dar novo rumo às investigações.

Logo que chegava ao Instituto, OSWALDO passava a inteirar-se de tudo; visitava os diversos serviços e os laboratórios, ouvia os auxiliares

e técnicos a respeito das suas atividades e de suas opiniões; fazia sugestões e tinha sempre uma palavra de animação para o trabalho de cada servidor.

Quando havia ainda poucos auxiliares no Instituto e êle via um dos técnicos ou um simples estudante em dificuldade para realizar sozinho um dado trabalho logo ia ajudá-lo e muitas vezes o vimos segurando um cabrito ou um coelho para facilitar a sangria ou a inoculação. Outras vezes preparava um aparelho para a experiência em curso e se ia assistir a uma autópsia tomava a si escrever o protocolo a medida que o anatomo patologista trabalhava no cadaver. Todos estes serviços êle os prestava despretenciosamente com o mais cativante espírito de cooperação. Também agradava-lhe muito ver um de nós sacrificar alguns instantes de seu trabalho próprio para auxiliar um companheiro em uma eventual dificuldade no decurso de uma pesquisa ou trabalho de rotina.

OSWALDO quando observava alguma falha chamava com brandura a atenção para a mesma e com seus modos afáveis conseguia em geral os melhores resultados mas, também sabia ser enérgico quando necessário.

A vida em Manguinhos era muito agradável aos dotados de verdadeira vocação para pesquisas, dada a liberdade para as realizações. Não se conclua daí que era um céu completamente aberto, porquanto por sermos humanos, com mentalidades e formações diferentes, tínhamos também nossas pequenas discordâncias até mesmo com OSWALDO a quem as expunhamos com a absoluta franqueza e lealdade que êle muito apreciava. Jamais porém, se verificou divergência de importância ou duradoura e, logo, um surto de sensatez e bom entendimento vinha restabelecer a calma na operosa colmeia, retomando cada qual sua tarefa e esvaindo-se desta forma e totalmente as tempetsades de copo água.

Não deixava OSWALDO de dar também sua vista d'olhos às obras em andamento em Manguinhos, observando-as minuciosamente e cuidando com desvelo, para que saíssem perfeitas e bem acabadas. Algumas das edificações, iniciadas em 1904, já estavam terminadas e em serviço entre elas o pavilhão para peste, a nova cocheira e os biotérios que eram amplos, apropriados aos fins destinados e dotados de todos os aperfeiçoamentos técnicos, além da solidez à toda prova, fácil de obter-se num tempo em que a barrica de cimento inglês, de 150 quilos, custava sete Cruzeiros e os melhores tijolos prensados chegavam de Marselha por quarenta Cruzeiros o milheiro e, assim, os preços de todos os outros materiais iam pela mesma bitola.

Quanto ao edifício principal em vista do tamanho avantajado e pelo acabamento esmeradíssimo foi mais lenta sua construção. Embora o arcabouço e várias partes já estivessem prontas em fins de 1908, só um ano depois foi possível ser posto em serviço, com quase todas as dependências completamente acabadas.



Era um bloco imponente, de uma beleza de linhas sem igual, com os seus cinco pavimentos, a larga fachada voltada para o mar e com trinta metros de altura, nas torres. Todas as paredes do porão foram executadas em granito retirado da própria pedreira de Manguinhos, cortado em grandes blocos retangulares, perfeitamente rejuntados uns aos outros. Sôbre elas superpunham-se os quatro pavimentos em estilo mourisco modernizado, com varandas, arcadas, colunas e arabescos variados, do mais belo aspecto.

Escadarias externas, de granito nas fachadas anterior e posterior do prédio davam acesso ao segundo pavimento, onde estava situado o "hall" do edifício, em que começava a escada bem lançada, em ferro forjado, com largos degraus de mármore e corrimão de metal amarelo a qual atinge até o quarto pavimento, sendo o seguinte acessível pelo elevador e a escada de serviço.

O vestíbulo tinha as paredes elevadas até o quarto pavimento onde terminava num teto formado por um lindo vitral com desenhos mouriscos em cores vivas. As paredes dêsse vestíbulo eram revestidas de estuque de gesso, de cor crême, finamente rendilhado em variados motivos mouriscos e recobertos em grande parte por folhetas de ouro, dando ao conjunto grande realce e beleza artística.

A estrutura externa do edifício, acima do 1.º andar, foi construída com tijolos vermelhos de Marselha havendo espaços ocupados por placas de gesso entalhadas em variados motivos, obedecendo ao estilo do prédio.

A fachada principal era de notável beleza com os seus arcos, varandas, lampadários e um rendilhado de arabescos, tudo em estilo mourisco de magnífico efeito decorativo sendo, a posterior do prédio muito mais simples em elementos decorativos tanto nas varandas como nos arcos, paredes e tetos.

O piso das varandas da fachada principal foi revestido com mosaicos de cerâmica no estilo geral assim como os ladrilhos vidrados das paredes.

As paredes laterais do edifício apresentavam menos decorações não existindo alí varandas nem arcadas e colunas.

As janelas do pavimento terreo eram pequenas retangulares, protegidas por grades de ferro atrás das quais havia uma parte em vidro destinada a ser aberta para dar entrada ao ar e à luz e as do segundo ao quarto pavimentos largas e altas para acompanhar o elevado pé direito do edifício e feitas em ferro forjado emoldurando placas de vidro fosco.

As altas portas do edifício foram artisticamente trabalhadas em peroba amarela espessa, lindamente entalhadas em plena madeira com variados motivos mouriscos e providas de grades de ferro forjado ao centro, na altura média e superior.

No quarto pavimento a porção construída, ocupava apenas o centro do edifício sendo, mais baixa e simples que os três abaixo. Havia neste pavimento vários quartos para o pernoite dos técnicos, inclusive para OSWALDO, sendo o resto ocupado por grandes terraços descobertos à

cuja frente se erguiam torres com as suas cúpulas recobertas por lâminas de cobre às quais a patina do tempo deu um colorido esverdeado. Na parte média das cúpulas existem, aberturas circulares protegidas por vidros fôscos donde brotavam fachos de luz quando acesos os focos de iluminação interna destinados a êsse fim. Aliás o edifício com todas as suas lâmpadas acesas, à noite, ressaltava belíssimo em meio ao vasto terreno deserto e mergulhado na mais profunda escuridão que o cercava, naquela época.

A forma geral dada a grande construção de Manguinhos, foi a de dois corpos paralelos de edifícios ligados entre si por um terceiro constituindo um agá, cujo ramo transversal situava-se muito próximo à fachada anterior do prédio e possuindo na parte média, adiante e atrás duas saliências correspondentes sendo que, naquela situada para o lado da fachada posterior foram dispostos os banheiros e aparelhos sanitários do prédio.

Entre o quarto e o quinto pavimentos, havia, um grande espaço vazio, não muito alto, aproveitado para o serviço de fotografia e depósitos de materiais diversos.

Ao tempo em que foi concluída essa formidável construção dava ela a impressão de um palácio das Mil e uma Noites surgido, como por encanto, naquela charneca desolada, que era Manguinhos. Na sua beleza e grandiosidade fazia, êsse edifício, profundo contraste com quase tudo o que, em matéria de edificações monumentais, existia então no Rio de Janeiro.

A primeira idéia que ocorrera a OSWALDO, ao arquitetar o levantamento de um grande edifício para Manguinhos, foi a de fazê-lo em estilo bizantino, chegando mesmo a esboçá-lo, porém depois, de tratar do assunto com LUIZ DE MORAES, suas preferências encaminharam-se para o estilo mourisco, mais rico, mais grandioso e mais fortemente evocador de mistérios como convinha à sede de uma instituição destinada à simbolizar a grandeza da ciência e a perscrutar os segredos da vida.

O primeiro projeto apresentado por LUIZ DE MORAES previa três pavimentos apenas, todavia depois OSWALDO resolveu acrescentar-lhe mais dois conferindo ao edifício não só mais espaço útil como maior grandiosidade.

Quando o edifício estava quase concluído ainda se podia ver, a seu lado, fazendo frisante contraste uma parte do primitivo laboratório, cortado ao meio, como que a salientar na modéstia do seu aspecto e dimensões, quanto crescera em menos de dez anos, a instituição que ali germinára tão desataviadamente, graças ao poderoso influxo de um nobre ideal, sustentado sem desfalecimento por êsse extraordinário brasileiro, sábio e realizador que foi OSWALDO CRUZ.

Estando o prédio em condições de atender aos serviços a que era destinado logo nos passamos para êle.

O pavimento térreo ficou reservado aos serviços auxiliares do Instituto: salas de esterilizações e distribuição de produtos, tipografia,

almoxarifado, aparelhos de vácuo e ar comprimido, grandes centrífugos, agitadores, trituradores, máquina de fabricar gelo, câmara frigorífica, dois geradores de eletricidade um a gasolina e outro a gás pobre, que se alternavam no funcionamento porque ao tempo, a rêde da Light não se estendia até Manguinhos.

Os quatro primeiros pavimentos eram servidos por um elevador de marcha um pouco lenta com duas divisões uma inferior para cargas e a superior para passageiros, que ainda funciona sendo hoje o mais antigo do Rio de Janeiro, e, na época em que foi instalado, só existia na cidade um outro, hidráulico, na antiga Associação Comercial, hoje sede do Banco do Brasil, há muito retirado de uso.

O primeiro pavimento era ocupado pelas salas dos cursos e laboratórios; no segundo havia algumas dependências administrativas, vários laboratórios e a sala da Diretoria com um laboratório anexo onde OSWALDO trabalhava um pouco e recebia os técnicos que lhe iam mostrar seus trabalhos e preparações, trocar impressões sôbre as pesquisas que estavam realizando e pedir sugestões.

Havia relógios elétricos em todas as dependências e por meio de uma rêde telefônica interna OSWALDO podia-se comunicar com todos os laboratórios e dependências então existentes.

O Diretor possuía uma chave "mestra", que lhe permitia a entrada por toda a parte e da qual se servia frequentemente para penetrar num laboratório quando o técnico ainda não tinha chegado, com o intuito de satisfazer sua curiosidade em observar o resultado de uma experiência que acompanhava e não havia ficado completa na véspera, durante sua permanência no Instituto ou, para examinar uma preparação ao microscópio cuja coloração não ficara terminada, no momento da sua partida e a qual deixávamos junto ao microscópio, ao seu alcance, às vezes com uma indicação, a lápis num pedaço de papel, a respeito do que já observáramos.

No quarto pavimento, toda a ala direita foi reservada para a Biblioteca dividida em duas partes separadas por uma parede com uma porta ao centro. A porção posterior ficou sendo o depósito de livros e revistas, tendo sido instalada aí uma grande armação de ferro com quatro andares, com o piso de vidro grosso fosco. Cada um desses andares tendo setores separados fechados com portas dos dois lados, abrindo-se para uma estreita varanda circundante. Nas numerosas prateleiras, removíveis, desses setores colocavam-se os livros e revistas. Essa grande armação comportava cinquenta mil volumes, capacidade esta hoje mais que superlotada pela necessidade do aproveitamento de qualquer forma de todo espaço disponível, para o maior número possível de obras. A porção anterior da Biblioteca foi reservada para sala de leitura, sendo magnificamente decorada pelos tetos, arcadas e paredes com primorosos motivos mouriscos, linda e cuidadosamente modelados em gesso branco, dispostos em placas com delicados arabescos, descendo até a altura dum artístico lambri de madeira, no mesmo estilo e envernizado em cor de tom castanho escuro. O grande

candelabro de cobre batido e bem assim as pequenas lanternas existentes na sala acompanham a mesma feição arquitetônica geral, em suas linhas.

O mobiliário era sóbrio, de cor idêntica à dos lambris e constante de uma grande mesa colocada ao centro e outras pequenas acomodadas junto às paredes da parte anterior do salão enquanto que na parte posterior e laterais dêste, foram colocados dois móveis, longos, pouco altos, providos de numerosas gavetas superpostas destinadas a guardarem as revistas recém-chegadas e, finalmente, mesa de forma redonda com dicionários e vários atlas.

Essas duas partes da sala de leitura ficavam separadas por um arco extremamente trabalhado e sustido por elegantes colunas.

A sala de leitura assim construída possuía ao mesmo tempo que um deslumbrante aspecto artístico, uma severidade tranquila convidativa à leitura.

Em sala ao lado da entrada da Biblioteca foi instalada a oficina de encadernação dos livros e revistas do Instituto, fazendo-se êste serviço com muito esmero, sendo as capas de cor vermelha com os dizeres impressos em ouro, no dorso dos volumes.

A ala esquerda do quarto pavimento foi reservada em sua maior parte ao Museu do Instituto especialmente destinado a expor materiais, peças e coleções relativas aos trabalhos sobre Parasitologia, Zoologia, Anatomia patológica, Vírus, Micologia e Patologia tropical.

Destinou-se a parte da frente desta sala a reuniões, realizações de conferências e algumas aulas teóricas dos cursos.

Em contraste com às belezas arquitetônicas e decorativas que referimos, os laboratórios existentes nos dois pavimentos eram inteiramente simples no seu aspecto. Suas paredes eram lisas e revestidas até certa altura com ladrilhos brancos esmaltados sendo as partes mais altas pintadas a óleo numa tonalidade de colorido suave, verde ou cinzento claro.

Tinham estas salas o aspecto de verdadeiras celas destinadas àquelles que depositem a "fé eterna" na ciência, assim como apostolava o Mestre.

Possuía-se ali porém tudo o que pudesse facilitar o trabalho: água, luz força, canalizações de ar comprimido e vácuo, pias, mesas ladrilhadas e de tampo em madeira enegrecida, armários e a melhor aparelhagem da época no que dizia respeito a estufas, centrífugos, autoclaves, microscópios e demais instrumentos destinados às pesquisas, equipamento êste que constituía o que havia de mais completo e perfeito existente no Brasil, na época em que começaram a funcionar esses laboratórios.

Logo que o edifício e a maioria das suas dependências ficaram prontas transferimo-nos para ali e continuamos as investigações ficando êle inaugurado, conforme o hábito da Instituição, pelo início das

atividades nos laboratórios novos sem a menor solenidade e discursos alusivos ao ato.

Sempre preocupado em melhorar as atividades do Instituto, OSWALDO, em fins de 1908, resolveu editar as "Memórias" destinadas a divulgação dos trabalhos científicos, cujo número aumentava dia a dia e agora capazes de assegurar vida a uma publicação dessa ordem.

Como não houvesse, na época, no Instituto, quem pudesse cuidar do assunto êle tomou a si todo o trabalho desde a escolha das máquinas impressoras, seleção dos tipos, encomenda do papel, entendimentos com litógrafos e especialistas na feitura de "clichês", a seleção dos tradutores para os artigos e finalmente ainda a revisão das provas, sem demonstrar, como de costume, o menor enfado por todo o labor rotineiro que tomara a si.

Graças ao seu dedicado esforço, em abril de 1909 apareceu o primeiro fascículo das "Memórias do Instituto Oswaldo Cruz" muito bem impresso, tendo cada artigo um texto em português e outro em francês, inglês ou alemão à vontade do autor para tornar o assunto acessível aos leitores estrangeiros desconhecedores do nosso idioma.

Diversos dêsses fascículos formavam um volume e hoje o número dêstes atinge a quarenta e oito em quarenta e um anos de ininterrupta publicação da revista.

Neles tem sido divulgada uma grande parte dos mais importantes trabalhos científicos de Manguinhos, aparecendo outros, em revistas especializadas nacionais e estrangeiras.

Durante muito tempo encarregou-se OSWALDO dos trabalhos relativos a publicação das "Memórias", esmerando-se para que saíssem perfeitas e unicamente quando tinha de ausentar-se passava a tarefa a LUTZ que a executava com muito zelo e boa vontade.

Em agosto de 1909, OSWALDO deixou a Diretoria Geral de Saúde Pública em virtude da lei que não permitia acumulações, mais uma vez posta em vigor.

Já servira êsse mesmo dispositivo para que, em 1903, o Conselheiro NUNO DE ANDRADE fosse afastado do cargo e substituído por OSWALDO agora atingido por sua vez. Assim, abandonou a repartição que durante mais de seis anos dirigira com tão excepcional competência e inestimável proveito ao País e seu bom nome no estrangeiro.

Sabia-se de antemão que, como das outras vezes, a aplicação dessa lei não seria duradoura e que as acumulações voltariam restabelecer-se como se verificou daí a algum tempo. Quem mais sofreu neste caso foi entretanto o povo brasileiro que ficou privado da ação benéfica do homem excepcional que tanto zelara por sua saúde e bem estar.

Não houve demonstração alguma especial de reconhecimento por ocasião da saída de OSWALDO, da Saúde Pública. Nem se lembrou o Governo de oferecer-lhe um prêmio pelos relevantíssimos serviços prestados ao País, nem ao menos de conceder mais recursos ao Instituto o que seria do seu máximo agrado. Nada disso, apenas a banal carta de agradecimento da praxe.

Parecia que tudo estava esquecido na memória dos homens; não só os mortos, mas muitas vezes também os vivos “vont vite”...

Além dos muitos serviços que OSWALDO prestara à sua Pátria havia êsse de inestimável valor, qual o de haver demonstrado, mais uma vez, com a sua firmeza de ação e a dos seus companheiros de labuta, a absoluta capacidade dos brasileiros para resolverem por si mesmos seus problemas, desde que assumissem corajosamente a responsabilidade de suas iniciativas e trabalhassem com a decisão de levá-las a termo, vencendo todos os obstáculos.

O ato do Govêrno aceitando a sua exoneração do cargo de Diretor da Saúde Pública não o surpreendeu nem molestou porque estava mais que habituado às reviravoltas nas opiniões dos homens e as inconseqüências do seu proceder. Aliás em vida, salvo entusiasmos momentâneos, OSWALDO nunca teve seus méritos devidamente reconhecidos e sòmente após sua morte foi que lhe veio o reconhecimento e a sua glória que, cresce dia a dia e durará para sempre.

Indicado por OSWALDO, substituiu-o na Diretoria da Saúde Pública, HENRIQUE FIGUEIREDO DE VASCONCELLOS companheiro dos primeiros dias e dedicado amigo, o único no Instituto que o tratava por “você” por ter sido seu contemporâneo no colégio São Pedro de Alcântara, onde ambos fizeram o curso secundário.

Com a entrada de FIGUEIREDO DE VASCONCELLOS para a Saúde Pública, o Govêrno esquecido dos benefícios advindos dos gastos feitos ao tempo de OSWALDO, começou a reduzir as verbas destinadas a salvar a saúde do povo, sob pretexto de fazer economias e VASCONCELLOS, prevendo as conseqüências que adviriam, com as restrições impostas, para os serviços que dirigia, deixou, após dois anos de lutas, a direção da Saúde Pública, voltando, ao seu posto em Manguinhos, procedimento êste sumamente acertado e criterioso.

Até 1909 os discípulos que procuravam o Instituto iam sendo iniciados, a princípio por OSWALDO, nos assuntos que estudavam, e mais tarde por alguns dos elementos mais antigos e experimentados nos diferentes ramos de pesquisa e estudos, ocupação que tomava muito tempo aos técnicos e, dada a diversidade cada vez maior das especialidades, ia-se tornando impossível a cada um, isoladamente, ministrar os ensinamentos básicos que deveriam constituir o lastro da formação científica de novos investigadores.

Não tardou OSWALDO em aperceber-se do facto e, à vista do número crescente dos que procuravam o ambiente de Manguinhos, trazidos pela aspiração de se votarem à ciência e às pesquisas, resolveu instituir um curso preliminar oficial a que denominou: “Curso de Aplicação” que se destinava ao ensino teórico e prático, durante um período de dois anos, versando sôbre as especializações de que se ocupava o Instituto.

Vários eram os professores saídos todos do corpo de pesquisadores de Manguinhos.

Compreendia o Curso: noções gerais de técnica de laboratório especialmente sobre Bacteriologia, Física e Química biológica seguidas de uma parte especial compreendendo, Bacteriologia, Micologia, Vírus, Protozoologia, Entomologia, Ixodídeos, Helmintologia e Animais peçonhentos.

Este curso funcionando ininterruptamente até hoje, com as alterações que a evolução exige fez sempre jus aos maiores encômios de brasileiros e estrangeiros.

Sua influência marcante na formação de numerosas gerações de investigadores brasileiros e sul-americanos e bem assim na de sanitaristas é indiscutível. As noções difundidas e os conhecimentos científicos recebidos neste aprendizado asseguraram sempre sólida base no domínio das investigações aos que o fizeram.

Em 1910 OSWALDO tomou a feliz iniciativa de atrair, para Mangueiros, GASPAR VIANNA um cientista em potencial que errava incerto de laboratório em laboratório, em busca de um ambiente favorável ao desenvolvimento de suas qualidades de investigador, até então apenas esboçadas.

Em Mangueiros encontrou o que lhe era necessário para revelar sua personalidade predestinada à pesquisa. Em breve enriqueceu o patrimônio científico do Instituto com uma série de trabalhos de real valor; a evolução do "Tripanossoma cruzi" nos tecidos humanos e dos animais, o tratamento da leishmaniose pelo tártaro emético, que abriu o caminho para seu uso no granuloma venéreo e na esquistossomose, a classificação da leishmânia encontrada na úlcera de Baurú e nas "úlceras bravas" do Amazonas, estudos sobre blastomicose e outras micoses.

Foi ainda o anátomo-patologista que depois da saída de ROCHA LIMA deu maior desenvolvimento e passou a dirigir as atividades da atual Divisão de Patologia do Instituto, tendo OSWALDO, em seu tempo, organizado uma secção junto à Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro afim de vulgarizar o uso das necrópcias como recurso para aperfeiçoar os diagnósticos clínicos, prática até então pouco adotada, com esse objetivo.

Em 1912 veio ao Brasil a convite de OSWALDO, onde permaneceu durante seis meses, o reputado anátomo-patologista alemão HERMANN DÜRCK com quem passou GASPAR VIANA a trabalhar em assuntos de Anatomia e Histologia patológica.

Não obstante suas múltiplas ocupações ainda achava GASPAR VIANA tempo para percorrer as enfermarias da Santa Casa de Misericórdia em busca de casos interessantes. Trabalhava febrilmente excitado ainda por outra febre denunciadora do mal cruel que o ia minando e cujos golpes ele desafiava em segredo numa obstinação em não se submeter ao repouso e a um regime capaz de sustentar melhor suas forças que declinavam a olhos vistos.

Assim viveu ele durante quatro anos que esteve conosco vindo a falecer em junho de 1914, com 32 anos de idade, apenas.

A morte de GASPAR VIANA foi um rude golpe para Manguinhos que perdia assim um elemento de real valor já completamente afeito à nossa vida, nossos métodos de trabalho e entusiasmo que dedicávamos à Instituição.

Era o primeiro companheiro que partia para sempre com o mais sincero pesar de todos, sobretudo de OSWALDO, que o estimava e apreciava imensamente o seu grande valor.

Entre 1910 e 1912 chegaram alguns novos discípulos que depois se incorporaram ao grupo dos pesquisadores do Instituto. Foram: ASTROGILDO MACHADO, LEOCÁDIO CHAVES e EURICO VILLELA destacados para trabalhar com CHAGAS em Lassance, OSCAR D'UTRA E SILVA e CESAR GUERREIRO que passaram a trabalhar sob a orientação de GASPAR VIANA, ARISTIDES MARQUES DA CUNHA que se especializou em Protozoologia e Vírus com HENRIQUE ARAGÃO; e LAURO TRAVASSOS que se iniciou com JOSÉ GOMES DE FARIA no estudo da Helminologia.

Com êstes novos elementos foi-se enriquecendo a até então bem pequena equipe de Manguinhos.

OSWALDO na sua longa e penosa excursão pelas costas do Brasil, quando Diretor da Saúde Pública, no pequeno vapor "República" e depois no "Amazonas", teve ocasião de apreciar pessoalmente a péssima situação sanitária em que viviam as nossas populações rurais, afligidas pela malária, verminoses, leishmanioses, úlceras tropicais, boubá e outros males endêmicos e ainda por êsses grandes fatores de degenerescência da raça — a sub-nutrição crônica, as avitaminoses, a carência de iodo e sais nas zonas altas, afastadas do mar.

Êstes graves problemas sanitários o impressionaram extraordinariamente, resolvendo, por êsse motivo, dar um balanço na situação aprofundando o seu estudo em várias regiões do País que se lhe afiguraram mais apropriadas a essas primeiras investigações.

Tendo conseguido auxílio financeiro por parte do Serviço de Obras contra as Secas do Ministério da Viação e do Serviço da Defesa da Borracha do Ministério da Agricultura, organizou várias comissões com técnicos do Instituto e antigos companheiros da Saúde Pública enviando-as ao Amazonas e a diversas regiões do Centro e Nordeste brasileiros até então relativamente pouco estudadas. Transformou também o posto de Lassance em um centro de estudos de doenças rurais não só para a tripanossomiase ali estudada por CHAGAS e sua equipe como para várias outras doenças da nossa interlândia.

Ali trabalharam, em épocas diversas, BELISÁRIO PENNA, ASTROGILDO MACHADO, HENRIQUE ARAGÃO, CESAR GUERREIRO, MAGARINOS TORRES, EURICO VILLELA, LEOCÁDIO CHAVES, ARÊA LEÃO, EMANUEL DIAS, OCTAVIO MAGALHÃES, CESAR PINTO, OLIVEIRA CASTRO e o Professor E. BRUMPT.

Em Lassance fizeram-se numerosas investigações sobre moléstia de Chagas, malária e seus vetores, verminoses, micoses, alastrim, cujo vírus foi então ali isolado, além de outros assuntos de patologia tropical estudados durante os anos de funcionamento desse centro de pesquisas.



As comissões organizadas por OSWALDO, logo que supridas dos materiais necessários às suas atividades, partiram a dar desempenho de suas tarefas.

CARLOS CHAGAS, PACHECO LEÃO e JOÃO PEDROSO seguiram para o Amazonas, GOMES DE FARIA e JOÃO PEDRO DE ALBUQUERQUE para os Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, ARTHUR NEIVA e BELISÁRIO PENNA para Bahia, Piauí e Goiás, ASTROGILDO MACHADO acompanhou o engenheiro TRAVASSOS em sua comissão exploradora do traçado da Estrada de Ferro Central do Brasil de Pirapora, em Minas Gerais, a Belém, no Pará, descendo grande parte do rio Araguaia e, mais tarde, com ADOLPHO LUTZ percorreu o S. Francisco de Pirapora a Joazeiro.

Em seu conjunto, essas excursões científicas representaram a maior exploração médica jamais realizada em nossos sertões para o estudo de suas condições sanitárias e endemias reinantes.

Os resultados foram muito elucidativos mas um tanto apavorantes. O Brasil era uma terra povoada de doentes dos mais variados males: aquele "vasto hospital" como o denominou mais tarde, em célebre discurso, êsse notável expoente da nossa Medicina que foi o Professor MIGUEL PEREIRA.

Muito benéfica foi todavia essa iniciativa de OSWALDO, mostrando através dessas explorações sanitárias de uma tão vasta zona do nosso País a verdadeira situação em que se encontravam suas populações, porquanto, daí em diante, o Governo Federal, os dos Estados e Municípios alertados pelos resultados dêsses inquéritos, começaram a atender, por vários modos às zonas rurais e, com o correr dos tempos em escala cada vez maior e mais perfeita.

Em conseqüência criaram-se os serviços de profilaxia rural, os centros de saúde na nossa interlândia até atingirmos a fase atual em que já se antevê a extinção completa do paludismo graças à ação de inseticidas de ação poderosa e dos novos produtos sintéticos destruidores dos parasitas no organismo humano.

O marco zero dessa longa estrada de redenção do nosso povo, tão auspiciosamente percorrida, ficará assinalada para sempre pela figura inconfundível de OSWALDO, o criador de uma nova consciência sanitária, no Brasil.

Antes mesmo de terminados êsses inquéritos sôbre as nossas endemias começou OSWALDO a pôr em andamento seus planos de construção de um hospital em Manguinhos no qual pudessem os doentes ser cuidadosamente estudados e convenientemente tratados, à luz das mais recentes aquisições científicas, que sôbre o assunto fossem aparecendo, assim como os casos de outras moléstias em que tivessem interesse os técnicos do Instituto para estudos e pesquisas.

Encarou OSWALDO o problema hospitalar com LUIZ DE MORAES, viu o que havia de mais moderno em livros e revistas especializadas e planejou êsse hospital com seis pavilhões separados o que era considerado a melhor disposição técnica, na época. Uma vez tudo bem estu-

dato determinou a construção do primeiro pavilhão sôbre a outra colina de Manguinhos a uns trezentos metros do edifício principal.

Grande amigo de aperfeiçoamentos e inovações de valor real que então julgando ser utopia chamavamos de "jacintadas", resolveu introduzir nesse pavilhão, a ser construído, os melhoramentos indicados na época e ao fim a que se destinava o edifício.

Sua imaginação neste caso, entre outras coisas, expandiu-se num projeto inédito naquele tempo qual o de refrigerar as duas enfermarias do pavilhão.

Com êsse fim, para obter o melhor isolamento do calor externo, o pavimento que deveria comportar as duas enfermarias foi construído sôbre um porão de menos de dois metros de altura, havendo em cima do teto um forro, de maior elevação, para protege-lo contra o calor solar direto mediante um colchão de ar no espaço assim formado, no qual numerosas aberturas, semelhantes às existentes no porão, facilitavam a renovação do ar.

As janelas podiam ser fechadas hermeticamente e uma larga varanda protegeria as paredes laterais do prédio contra a insolação direta.

No porão do prédio foram instaladas máquinas refrigeradoras e uma câmara frigorífica com tubulações nas quais esfriava o ar a ser lançado por meio de grandes ventiladores e largos condutores de madeira para dentro das enfermarias, à temperatura desejada, automaticamente regulada.

A refrigeração chegou a funcionar com satisfatório resultado, mas por ser extremamente dispendiosa em relação às nossas verbas teve de ser suspensa por anti-econômica para uso constante.

Essa instalação foi sem dúvida uma precursora em matéria de ar condicionado, assunto que somente muitos anos depois pôde alcançar a solução prática e relativamente econômica atualmente em uso.

Êsse primeiro pavilhão possuía duas enfermarias comportando trinta leitos cada uma e vários quartos isolados onde os doentes podiam ser hospitalizados individualmente, assim como laboratórios, biotério, raios X, farmácia, sala de curativos e pequenas operações, quartos para o pessoal e demais dependências, tudo bem organizado sendo, na época e dentro das suas proporções, o que de mais adequado podia haver para os trabalhos do Instituto.

OSWALDO estava sempre pronto a servir ou atender a uma solicitação quando pudesse ser útil seu conselho, ação ou presença. Como era considerado o árbitro supremo em assuntos de Higiene e Medicina Experimental a êle recorriam sempre quando surgia algum problema de difícil solução, nestes assuntos.

Embora seu estado de saúde já não fosse bom, jamais, mesmo com seu sacrifício, recusou sua colaboração sempre tão benéfica quão decisiva e útil.

A Companhia "Light and Power" do Rio, por exemplo, na ocasião de construir sua grande represa no Ribeirão das Lages, foi fortemente acusada pela imprensa e Parlamento de ser a causadora da epidemia de paludismo que assolou, nessa época, a região.

Sentindo a Companhia a injustiça da acusação, pois realizava o que era possível para proteger seus operários e os habitantes da localidade, apelou para OSWALDO. Este partiu sem demora afim de investigar pessoalmente a situação, em começo do verão de 1910 quando a temperatura era a que menos convinha à sua saúde.

Examinou cuidadosamente a zona, a situação de seus habitantes e dos trabalhadores, a assistência médico-sanitária que era prestada e demonstrou claramente à luz das suas observações que a empresa não era culpada pelo surto de paludismo que grassava na região o qual se exacerbava, no momento, apenas pelo afluxo de trabalhadores ao local das obras.

Situação análoga, e de maior gravidade, era a que se registrava, no Amazonas, onde a "Madeira and Mamoré Railway", construía uma estrada destinada a ligar o Brasil à Bolívia, numa zona de altíssimo índice malarígeno, tentativa que já se malograra no período do Governo Imperial, devido à insalubridade da região e à carência de meios de defesa contra o paludismo e outras doenças.

A Companhia construtora era acusada de gastar tantas vidas quantos dormentes no assentamento da linha e o assunto dera até motivo a interpelações em parlamentos europeus e a reclamações diplomáticas pois que muitos operários eram contratados no estrangeiro.

OSWALDO partiu para a inhóspita região, levando como companheiro BELISÁRIO PENNA seu antigo auxiliar no combate à febre amarela no Rio de Janeiro.

Depois de penosa viagem, chegou a Porto Velho, na região do rio Madeira, onde começava a estrada e logo, como se fosse um moço cheio de vida e saúde, passou a examinar a situação com a sua habitual meticulosidade, apresentando a seguir um modelar relatório no qual estudava de modo completo os problemas locais e as falhas a corrigir para tornar ainda mais eficientes as medidas profiláticas já postas em execução pelos encarregados dos serviços médicos e sanitários da empresa.

À sua volta, em meados de 1910, o Governo do Estado do Pará pediu-lhe que extinguisse a febre amarela na cidade de Belém e em outras próximas, com o que concordou.

Em fins de 1910 estava de novo no Amazonas com um grupo de elementos escolhidos entre os melhores da sua antiga brigada carioca de "mata mosquitos".

Levou consigo JOÃO PEDROSO, MAURICIO DE ABREU, SERAPHIM SILVA, ABEL LACERDA, EMYGDIO DE MATTOS, CAETANO CERQUEIRA, BELISÁRIO PENNA, LEOCÁDIO CHAVES, THEOPHILO DE ABREU e COSTA LIMA tendo os três últimos ingressado, mais tarde definitivamente no Instituto, ao qual vieram

a prestar relevantes serviços tanto na parte científica como na administração do mesmo.

Em seis meses, muito antes do prazo estabelecido, o mal estava jugulado na Capital do Estado do Pará e igualmente em Bragança e Santarém.

Em 1911 realizou-se outra exposição internacional de Higiene em Dresden, sendo o Brasil convidado a fazer representar-se e, considerando o Govêrno que ninguém melhor do que o vencedor do certame de 1907 em Berlim, estaria em condições de chefiar a missão convidou OSWALDO. Êste aceitou o encargo e levou consigo FIGUEIREDO DE VASCONCELLOS, CARDOSO FONTES, ATALIBA FLORENCE e LUIZ DE MORAES como componentes da representação do Brasil.

Em Dresden organizou tudo com o cuidado de sempre e, como era quem melhor falava o alemão entre os representantes brasileiros, assumiu a incumbência de entender-se com os construtores do pavilhão, operários encarregados das montagens das estantes e demais serviços, indo às oficinas, lojas e fábricas para adquirir o que era necessário ao aparelhamento do pavilhão do Brasil.

Ali como já sucedera em Berlim, em 1907, a seção brasileira apresentava tudo o que de melhor havia em matéria de Higiene e de Medicina Experimental, despertando assim grande interesse geral de parte de leigos e cientistas que constantemente a visitavam.

A vitória do Brasil foi completa, recebendo OSWALDO as mais entusiasmáticas demonstrações de apreço por mais êsse merecido triunfo.

Nessa exposição Manguinhos concorreu com elevado número de novos trabalhos originais e descobertas recentes sôbre: a tripanossomiase americana, a leishmaniose e seu tratamento pelo tártaro emético, a filtração do germe da tuberculose, os vírus do alastrim e da varicela, a blastomicose, a piedra e outras micoses, a partenogênese nos carrapatos, o soro-diagnóstico da tripanossomiase e de outras doenças, dezenas de novos protozoários, culicídeos, tabanídeos, ixodídios, vermes, vacinas e soros, peças anátomo-patológicas de várias doenças tropicais.

O extraordinário valor do material exposto impressionou vivamente todos que visitaram o pavilhão do Brasil.

Era uma demonstração evidente da atividade e do grande interesse científico daquela equipe de jovens que OSWALDO havia organizado em Manguinhos e da qual se rejubilava sentindo confirmar-se cada vez mais a solidez da sua Escola.

Sucedem-se as conferências sanitárias em Roma, na América do Norte, México, Montevideo de 1911 a 1913, sendo OSWALDO enviado a todas como um verdadeiro embaixador das missões científicas brasileiras, na qualidade do nosso maior expoente em assuntos de Higiene, portador dos títulos de vencedor da febre amarela e criador de uma grande Escola de Medicina Experimental.

Impondo-se pelo valor pessoal e pelos feitos em importantes campanhas sanitárias, os cientistas e sanitaristas de todo o mundo pro-

curavam conhecer êsse homem excepcional para homenageá-lo à altura dos seus extraordinários méritos.

As mais prestigiosas associações científicas do mundo conferiam-lhe diplomas de honra, os Governos ofereciam-lhe condecorações e êle permanecia o que sempre fora, um homem simples e acessível que só vivia para a realização do grande ideal da sua vida, isto é, — Manguinhos.

O prêmio Schaudinn conferido a CARLOS CHAGAS, representando bem a consagração de um dos membros do Instituto o comoveu mais do que todas as honrarias de que tem sido alvo.

Pensava sòmente no Instituto e nos que ali trabalhavam e em suas ausências de Manguinhos pedia relatórios do que se fazia na Repartição afim de sentir-se sempre presente e ao par de tudo como era tanto do seu agrado. Quando escrevia aos seus discípulos ausentes do Instituto, nas suas cartas sempre muito delicadas os informava detalhadamente do que se fazia em Manguinhos e dos seus projetos futuros.

Durante suas viagens tomava nota do que pudesse ser útil a Manguinhos, solicitando preparações microscópicas, exemplares paraistológicos e peças interessantes nos laboratórios que visitava e que fossem de utilidade às nossas investigações.

Relatava nossos trabalhos aos especialistas no estrangeiro assinando seus pontos originais e fazendo demonstrações com preparados microscópicos, desenhos e fotografias que levava sempre consigo.

Adquiria microscópios e aparelhagens modernas, assim como livros que a nossa biblioteca não possuísse. E assim, como se estivesse em Manguinhos, desejava de tudo inteirar-se, trabalhando e auxiliando-nos no que nos fosse útil, com desvelado interesse.

Entre 1912 e 1914 chegaram ao Instituto para fazer o curso e elaborar suas teses: MASSILON SABOYA, OLYMPIO DA FONSECA FILHO, HERACLIDES DE ARAUJO, JOAQUIM VIDAL, JOSÉ BERNARDINO ARANTES, ROBERTO DE ALMEIDA CUNHA, CARLOS BURLE DE FIGUEIREDO, BENTO OSWALDO CRUZ, OCTAVIO MAGALHÃES, ANTONIO LUIZ BARROS BARRETO e CASSIO MIRANDA.

Dêstes alguns ingressaram mais tarde no Instituto, sendo OLYMPIO DA FONSECA o seu atual Diretor. Outros fizeram carreira com sucesso em outras instituições científicas e em diversos setores de atividades médicas e sanitárias.

Em princípios de 1914, o Governo incumbiu OSWALDO de estudar na Europa, os melhoramentos existentes nos mais adiantados centros de pesquisas e que pudessem ser úteis a Manguinhos.

Partiu em meados de junho chegando a Paris onde foi surpreendido pela grande guerra quando apenas dava início ao desempenho da sua missão.

Vencendo ingentes dificuldades acrescidas pela presença em sua companhia de diversas pessoas de sua família, conseguiu finalmente chegar a Londres onde permaneceu algum tempo sempre muito preo-

cupado por não poder dar o devido desempenho a sua missão e por estar longe do Brasil e dos seus afazeres em Manguinhos.

As viagens eram então perigosas devido à infestação dos mares pelos submarinos todavia não podendo resistir mais ao desejo de regressar, embarcou indiferente aos riscos chegando ao Rio felizmente, sem maior novidade.

Recebemo-lo satisfeitos, contudo notamos logo que, nesses meses de ausência seu vigor físico declinara bastante; sua tez outr'ora pálida ia-se amarelecendo agora; parecia mais gordo devido à infiltração dos tecidos pelo edema sobretudo perceptível na região maleolar. Trazia óculos escuros em consequência das primeiras manifestação da retinite, que lhe tornava incômoda a claridade muito forte e sua visão declinava, rapidamente.

Certa vez, como que para se submeter a um teste, pediu num laboratório, em Manguinhos, para examinar um preparado cujas minúcias microscópicas delicadas outr'ora tanto apreciara e que agora certamente escapariam à sua visão, em decadência.

O discípulo adivinhando-lhe a intenção e colhido imprevistamente alinhavou a desculpa de que não o tinha à mão no momento, e silenciou emocionado.

Houve grande desafogo quando o mestre simulando nada ter percebido, mudou de assunto não insistindo em ver outras preparações.

Era esta a dramática situação de OSWALDO em meados de 1915.

O Instituto cada vez mais forte nos seus trabalhos de pesquisas com sua vida assegurada para sempre e o seu criador num declínio rápido, já beirando o final da trajetória luminosa da sua vida.

Acrescia nossa tristeza notarmos alterações na sua personalidade: observava-se nele menos vivacidade no olhar, menos interesse pelas coisas de Manguinhos e pelo que fazia nos laboratórios.

Tomou hábitos que nunca lhe viramos como o de queimar perfumes raros em seu gabinete de trabalho, o que também SALLES GUERRA extranhou um pouco.

Essas e outras ocorrências não comuns em OSWALDO embora não muito acentuadas, faziam-nos suspeitar que, a intoxicação cada vez mais profunda do seu organismo devido ao mau funcionamento renal, estivesse começando a refletir-se sobre sua personalidade.

Embora suas condições de vida fossem cada vez mais precárias não se resignava a abandonar a luta e a tomar um descanso que lhe tornasse menos exhaustivos os derradeiros momentos que tinha a seu dispor.

Sempre preocupado em beneficiar sua Pátria enquanto as poucas forças que lhe restavam o permitissem, ei-lo a elaborar planos para o combate à tuberculose, e a lepra que traçou, como de costume, perfeitos, acabados e cheios de probabilidades de êxito; contudo, em vista de serem dispendiosos, não foram postos em prática pelo Govêrno, ficando assim retardados os benefícios que adviriam e cujo valor superaria de muito quaisquer dispêndios feitos para obtê-los.

Atendeu ainda ao pedido do Governo do Estado do Rio para organizar um plano de extinção da formiga saúva, que leva anualmente para seus ninhos subterrâneos um décimo, senão mais, de toda a produção agrícola brasileira.

Imaginou poder vencê-las e o conseguiria certamente com um plano de combate análogo ao usado para destruir os mosquitos e suas larvas por meio de uma campanha sistemática e contínua contra os focos das formigas, com o auxílio de uma grande brigada de técnicos adestrados e bem aparelhados para êsse serviço como o eram os seus "mata mosquitos".

Antes porém de estabelecer os seus planos definitivos, como pesquisador arguto que era resolveu estudar algumas particularidades da vida dêsses insetos na natureza e em formigueiros artificiais, engenhosamente construídos sob suas indicações.

Feitas as observações no terreno, voltava OSWALDO, um pouco ofegante para seu laboratório trazendo vasos de vidro cheios de formigas que fazia penetrar nos seus formigueiros artificiais dotados de uma parede de vidro que lhe permitia as observações do trabalho dos insetos.

Infelizmente não pôde prosseguir, por muito tempo êsse trabalho porque o mal que o consumia acelerou sua devastação e já ninguém podia mais ter ilusões a êsse respeito observando sua tez macilenta e sua cabeleira toda embranquecida parecendo então a de um setuagenário, embora contasse pouco mais de quarenta e dois anos de idade...

Já se ia agora o próprio OSWALDO dando conta do seu precário estado de saúde e suas confidências a respeito, ao Dr. SALLES GUERRA, se tornavam mais freqüentes. Ele não se enganava sôbre seu estado de saúde e já anteriormente escrevera a ROCHA LIMA tratando de seus projetos de uma viagem ao Oriente "Isto se me permitir a debacle em que me acho. Vocês precisam trabalhar com afã pelo nome do nosso Instituto cuja guarda confio a vocês, pois quanto a mim, sou um homem ao mar".

Seu médico, sua família seus discípulos e os amigos mais chegados sentiam que necessitava deixar o Rio para um clima mais ameno onde o escasso viver que lhe restava decorresse mais suavemente. Mas em face de uma solução desta ordem havia um primeiro obstáculo a ser vencido porquanto era necessário que para onde quer que fosse tivesse uma ocupação adequada para preencher êsses poucos meses de vida que lhe restavam.

OSWALDO não era uma individualidade feita para o repouso e se fosse condenado a inação o mal moral viria agravar sua moléstia já tão avançada, no momento.

Foi quando numa dessas reuniões de sua família e dos seus íntimos, depois de lembrados vários alvitres, surgiu em dado momento, a lembrança feliz do seu primogênito, logo aceita por todos, para que se conseguisse sua nomeação para o cargo de Prefeito de Petrópolis, a cidade serrana próxima ao Rio, onde OSWALDO costumava passar algum

tempo no verão e um ou outro fim de semana nos outros meses do ano.

OSWALDO tinha especial predileção por essa cidade e sempre cogitou de planos para seu urbanismo e higienização, durante seus lazes ali.

Não foi difícil conseguir-se que o Govêrno do Estado do Rio lhe fizesse o convite para prestar serviços à cidade, na qualidade de Prefeito.

Previamente posto ao par dos carinhosos planos dos que lhe eram mais chegados, sentiu OSWALDO que chegara afinal o momento de ceder concordando tristemente com o que de mais penoso lhe pudesse haver e que era o seu afastamento de Manguinhos, tão querido. Tinha porém o consolo de sentir que os destinos da sua Casa confiados agora aos seus discípulos, estavam absolutamente seguros pelos tempos a vir.

Com a consciência tranqüila de quem cumprira integralmente seu dever e realizara um nobre ideal aceitou aquele último sacrifício e resolveu seguir para Petrópolis.

Um dia soubemos que se havia partido; não houve nem caberiam despedidas neste caso. Foi para Petrópolis como para uma das suas habituais missões, e a derradeira, levando seu grande amigo Dr. JOÃO PEDROSO, como secretário, posto que sempre ocupara naqueles atribulados tempos da Saúde Pública.

Sem solenidade alguma, como sempre, assumiu a chefia da Prefeitura e, por momentos, afigurou-se a todos que lhe haviam renascido toda a sua antiga energia e atividade. Assim, nesse último lampejo da sua grande existência, com rapidez incrível apresentou um plano completo de melhoramentos e higienização da cidade, pondo-o logo em execução.

Súbito a cidade apareceu limpa, plantada de hortências azues ao longo das margens dos seus rios, árvores novas replantadas nas falhas da arborização; tratou do sistema de esgotos, calçamentos e abertura de soberbas estradas para as altas montanhas do massiço da Pedra-Açú com mais de dois mil metros de altura, local que sempre desejara visitar. Os petropolitanos exultaram com a ação dêsse homem extraordinário que já nos últimos dias de sua vida, só pensava nos serviços que ainda poderia prestar à cidade.

O Município porém possuía dois partidos políticos a se degladiarem constantemente. Ambos, ao começo, se aproximaram de OSWALDO, procurando granjear-lhe as boas graças afim de lograrem concessões e favores que não podiam ser satisfeitos e com essa atitude de OSWALDO irritaram-se fortemente.

Percebendo que êsse homem apesar de fortemente combalido e prestes a sucumbir jamais cederia a interesses subalternos de quem quer que fosse, tornaram-se ferozes no seu ódio e então, congregados desfecharam uma das mais cruéis campanhas imagináveis contra a personalidade de um homem superior, excepcional e benemérito por tantos feitos gloriosos e agora nos limites extremos da sua vida.

As forças de OSWALDO tendo cedido completamente, tombou êle num leito para não mais levantar-se. Nem mesmo aí a ferocidade dos



polítiques o deixou tranquilo e chegaram na sua ousadia a fazerem-lhe ronda à casa promovendo barulhenta assuada que OSWALDO pôde ouvir e que então relembravam, em menor escala, as dos tempos da Saúde Pública durante o Governo do Presidente RODRIGUES ALVES, em que até sua própria vida estivera em perigo. Estas manifestações cruéis e injustas contra OSWALDO tiveram lugar nos primeiros dias de fevereiro de 1917. Ainda teve forças para dizer que não se enganava sobre sua significação a um amigo querido que procurara caridosamente desviar sua atenção dessas demonstrações de desagrado que se lhe faziam nos últimos dias de sua vida.

A 11 de fevereiro OSWALDO se extinguiu, em Petrópolis, aos quarenta e quatro anos de idade, em sua modesta e tão aprazível residência da rua Monte Caseros.

Ao dia seguinte, pela manhã, seu corpo simplesmente envolto numa mortalha branca, como fôra de sua vontade, foi inhumado, com grande acompanhamento no cemitério de S. João Batista, ao lado do túmulo do seu pai, Dr. BENTO GONÇALVES CRUZ, como êle sempre desejara.

Voltavamos desta jornada muito contristados para Manguinhos mas aí encontramos um grande consolo em meio a desgraça que nos abatia no momento.

OSWALDO ali estava em sua magnífica realização tão vivo como sempre através das normas e exemplos que nos legara, a dar-nos a mesma assistência moral de sempre e a guiar nossos passos.

Desde então aqueles que mereceram a honra de sucedê-lo na direção de sua Casa, foram tão somente apóstolos na condução dos destinos do Instituto, cumprindo o elevado dever de manter o prestígio da Instituição seguindo fielmente as normas ditadas pelo Mestre.

Em Manguinhos o seu nome como criador e diretor permanecerá para sempre envolto numa auréola da mais sincera admiração que o tempo somente fará avolumar.

A sala em que OSWALDO trabalhou até os últimos dias de sua vida, em Manguinhos, foi piedosamente conservada como se achava então, trazendo-se para ela alguns dos aparelhos que usou nos primeiros dias do Instituto, sua biblioteca particular, adquirida pelo Governo, após sua morte, o fardão acadêmico, sua blusa de trabalho, escritos seus, recordações de família e outras lembranças suas.

Na parede atrás da sua mesa foi fixada uma placa de bronze com algumas expressivas palavras de CHAGAS interpretando nossos sentimentos da mais sincera admiração pela sua personalidade.

Hoje, quando penetramos nessa sala, onde muitas coisas se encontram como êle as dispoz, temos a impressão que a deixou por momento e vai voltar, tão impregnado está o ambiente de seu espírito e da sua vida.

Certamente poderão ser organizados no Brasil outros Institutos de pesquisas maiores e melhor aparelhados que o de Manguinhos, porém poucos serão aqueles em cuja estrutura se encontre tão intimamente incorporada a vida de um homem, de um verdadeiro apóstolo genial que exauriu o cálice do sofrimento até a última gota, numa

existência abreviada, oferecida em holocausto à sua inabalável fé na ciência e à absoluta confiança que depositava na capacidade dos seus compatriotas e nos grandes destinos de sua Pátria.

E' por isso que sua personalidade se acha tão firmemente integrada em tudo o que diz respeito a Manguinhos e, embora desaparecido do ról dos vivos, êle aí está sempre presente e cada vez mais admirado.

Um dos valiosos serviços prestados por OSWALDO foi a demonstração através de suas realizações em Manguinhos, da importância da ciência como elemento essencial ao progresso e à cultura de uma nação, despertando com êsse exemplo, um interesse cada vez mais generalizado pela investigação científica nos mais diversos setores das atividades brasileiras.

Depois da sua organização oficial em 1908, outras leis e regulamentos têm sido postos em execução em Manguinhos, para atender ao desenvolvimento que tem tido e, às disposições administrativas vigentes, mas, o que na realidade orienta e governa a Instituição é e será sempre a grande lei não escrita da sua tradição a cujas normas nos temos mantido fiéis, e que nos foi transmitida pela palavra e pelo exemplo do seu excelso fundador.

E' um código para nós sagrado que se vem transmitindo de uns discípulos a outros, de geração em geração. Essa orientação de Manguinhos assim mais obediente à uma forte tradição do que a leis e regulamentos escritos tem sido nestes muitos anos de sua existência, após a morte de OSWALDO, o mais seguro fator da sua imortalidade e do constante fortalecimento do seu prestígio.

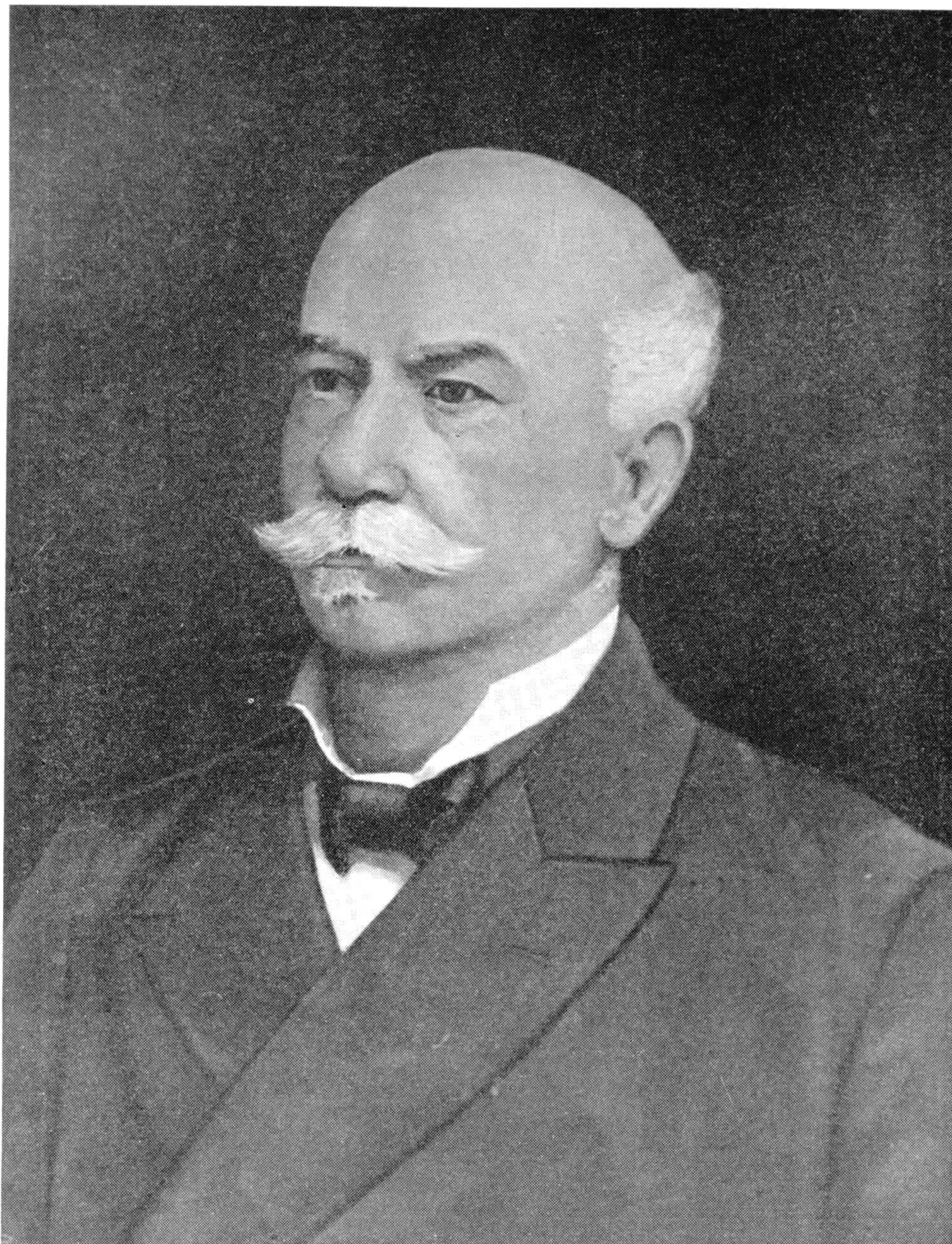
Este esboço histórico relativo ao Instituto Oswaldo Cruz abrange os 17 primeiros anos da sua existência, aqueles em que a instituição, com OSWALDO à frente, nasceu, cresceu e firmou-se como a primeira grande escola de Medicina experimental brasileira.

Foi a fase heróica da vida de Manguinhos, tendo ele, porém, continuado a se desenvolver depois, nas mãos dos sucessores de OSWALDO: CARLOS CHAGAS, CARDOSO FONTES, HENRIQUE ARAGÃO e OLYMPIO DA FONSECA, todos fiéis aos rumos tão seguros traçados pelo Mestre.

A seu tempo virá o histórico desta outra fase tão auspiciosa da sua existência.

O que foi até aqui exposto baseia-se em documentos existentes nos arquivos do Instituto, em outros postos gentilmente à nossa disposição por THEOPHILO DE ABREU, LUIZ DE MORAIS, ROCHA LIMA, OLYMPIO DA FONSECA, SOUZA-ARAÚJO e EMMANUEL DIAS, acrescidos daqueles que possuímos e das recordações que guardamos de uma época intensamente vivida desde quasi os primeiros dias da instituição. A todos os que nos forneceram essa valiosa documentação aqui consignamos nossos mais sinceros agradecimentos, assim como deixamos ainda a expressão do nosso maior reconhecimento ao Dr. CASSIO MIRANDA, atual substituto do diretor do Instituto, pelo dedicado trabalho que tomou a si, fazendo minuciosa revisão e a necessária correção do texto desta despretenciosa narrativa.

Rio, Maio de 1950



Barão de Pedro Affonso

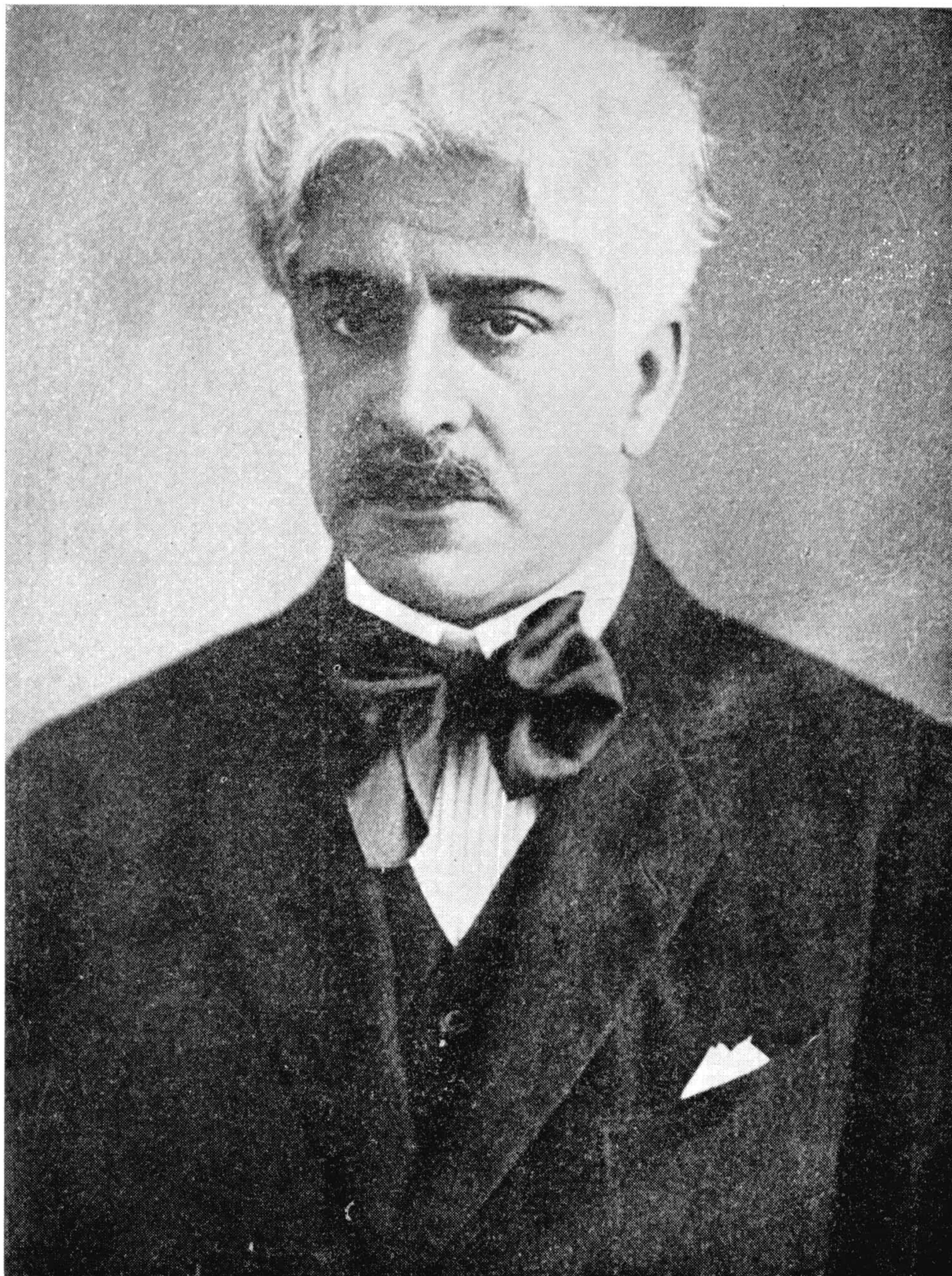


*Oswaldo Gonçalves Cruz*

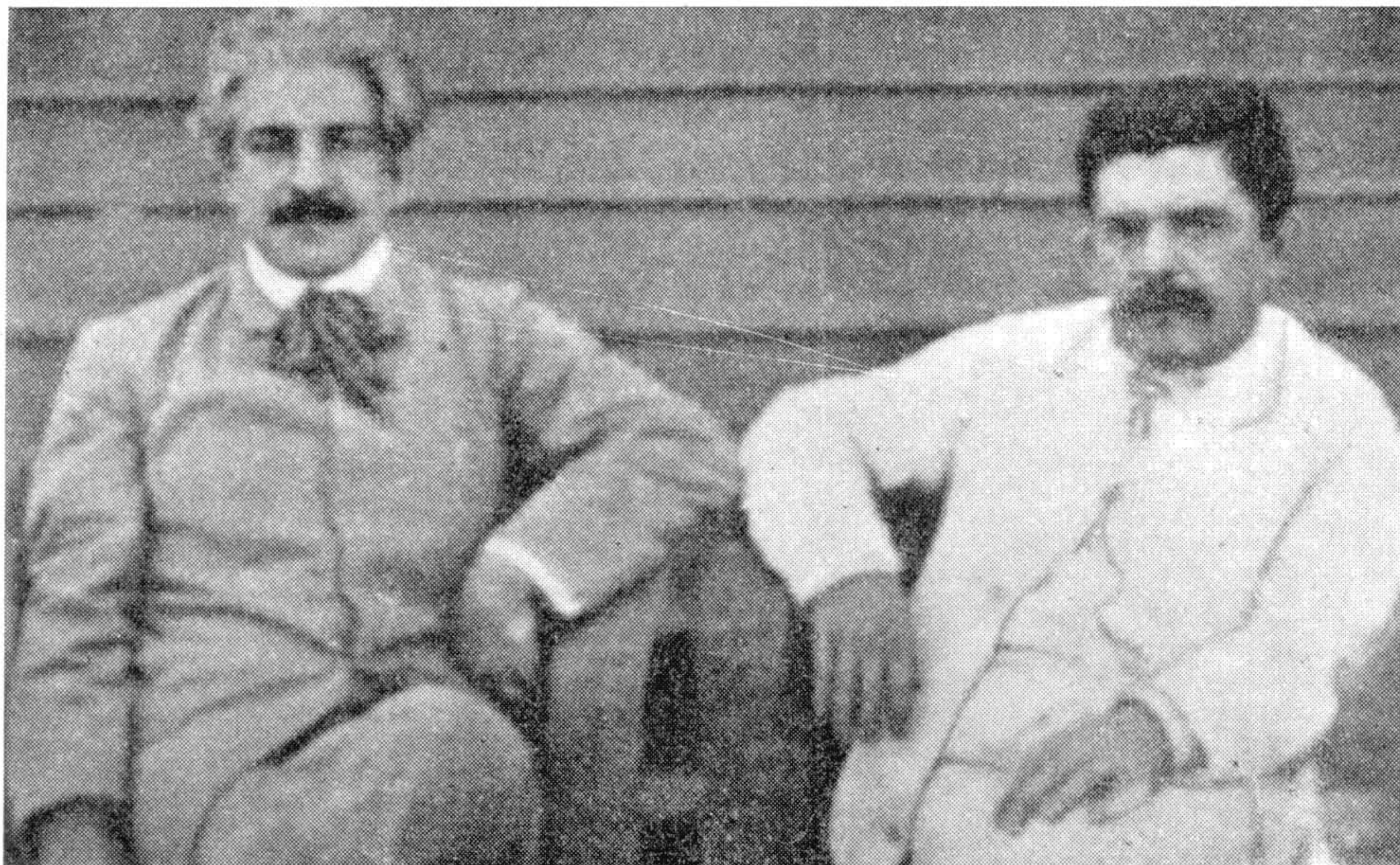
Dr. Oswaldo Gonçalves Cruz (1903)



Oswaldo Cruz (1911)



Oswaldo Cruz (1916)



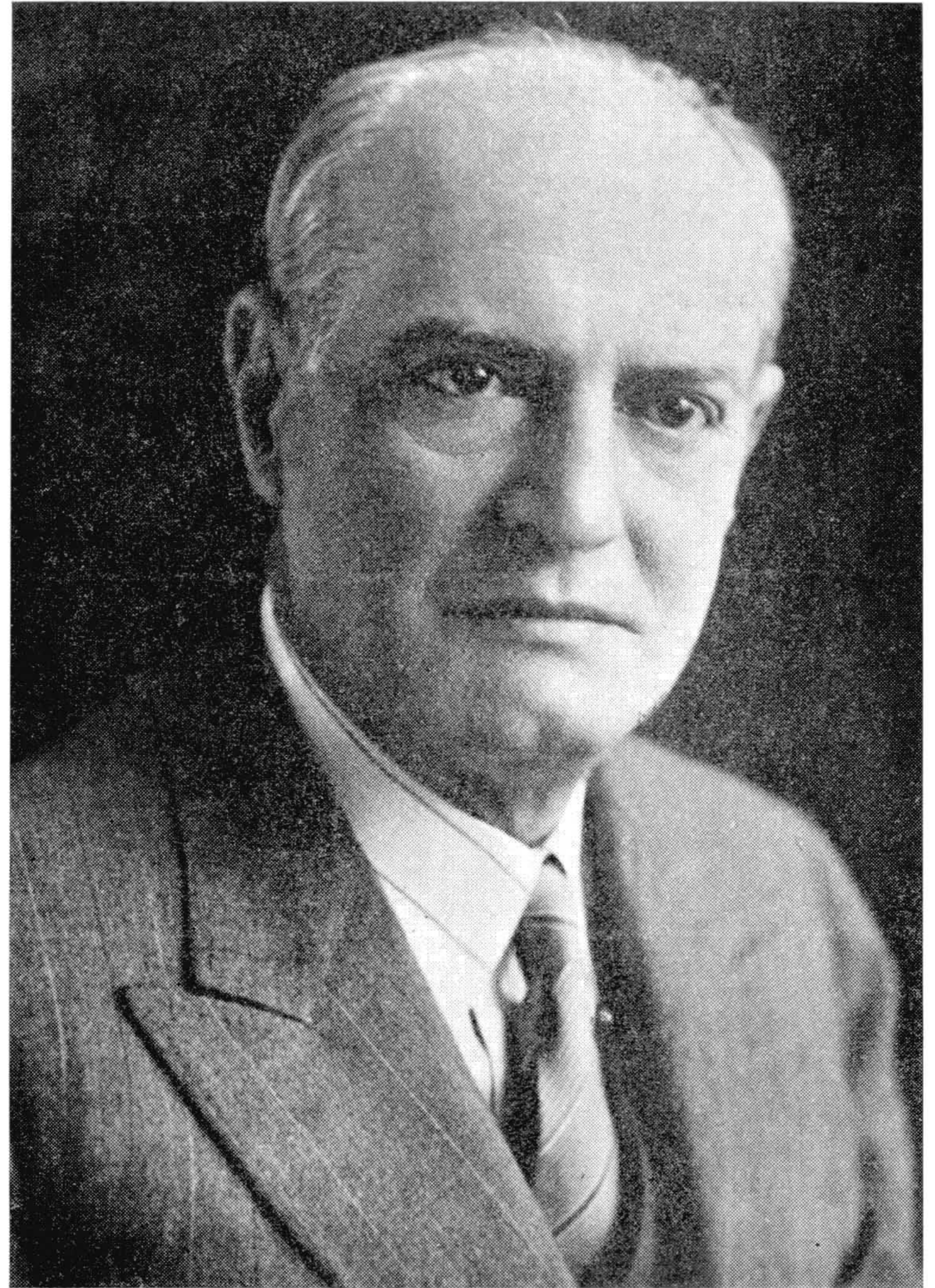
Oswaldo Cruz em 1910 em Porto Velho, no Rio Madeira, com Belisario Pena



Ismael da Rocha



Carlos Chagas



Antonio Cardoso Fontes





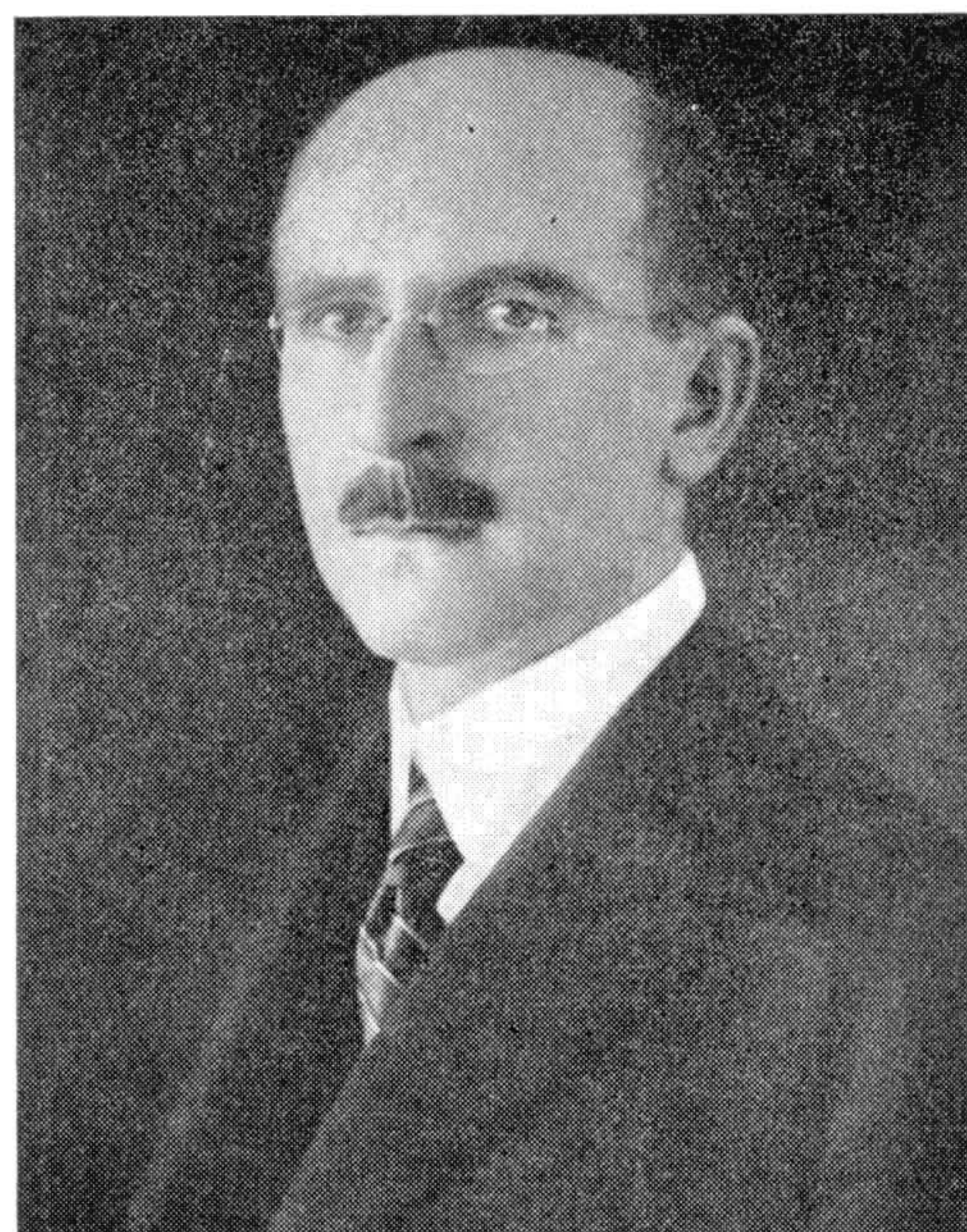
Henrique da Rocha Lima



Henrique de Figueiredo Vasconcelos



Alcides Godoy



Henrique Aragão



Ezequiel Dias



Adolpho Lutz



Arthur Neiva



José Gomes de Faria



Gaspar Vianna

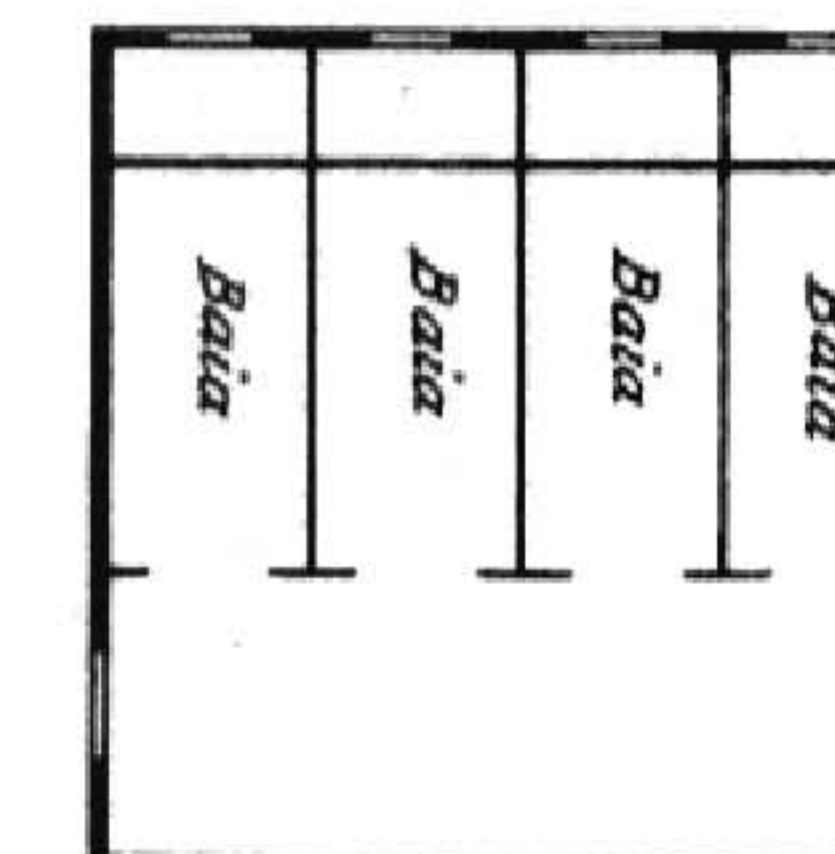


Vista geral das instalações do Instituto Soro-terapico Federal em 1900, ao centro o Laboratório, à direita a cocheira e à esquerda o biotério



A entrada do laboratório vendo-se Rocha Lima e Ezequiel Dias quando procediam a inoculação de um cavalo

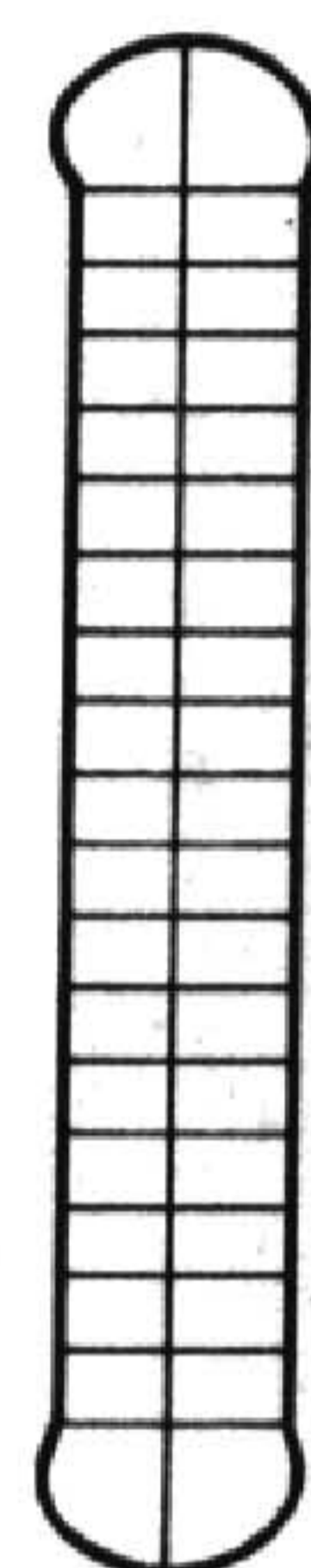
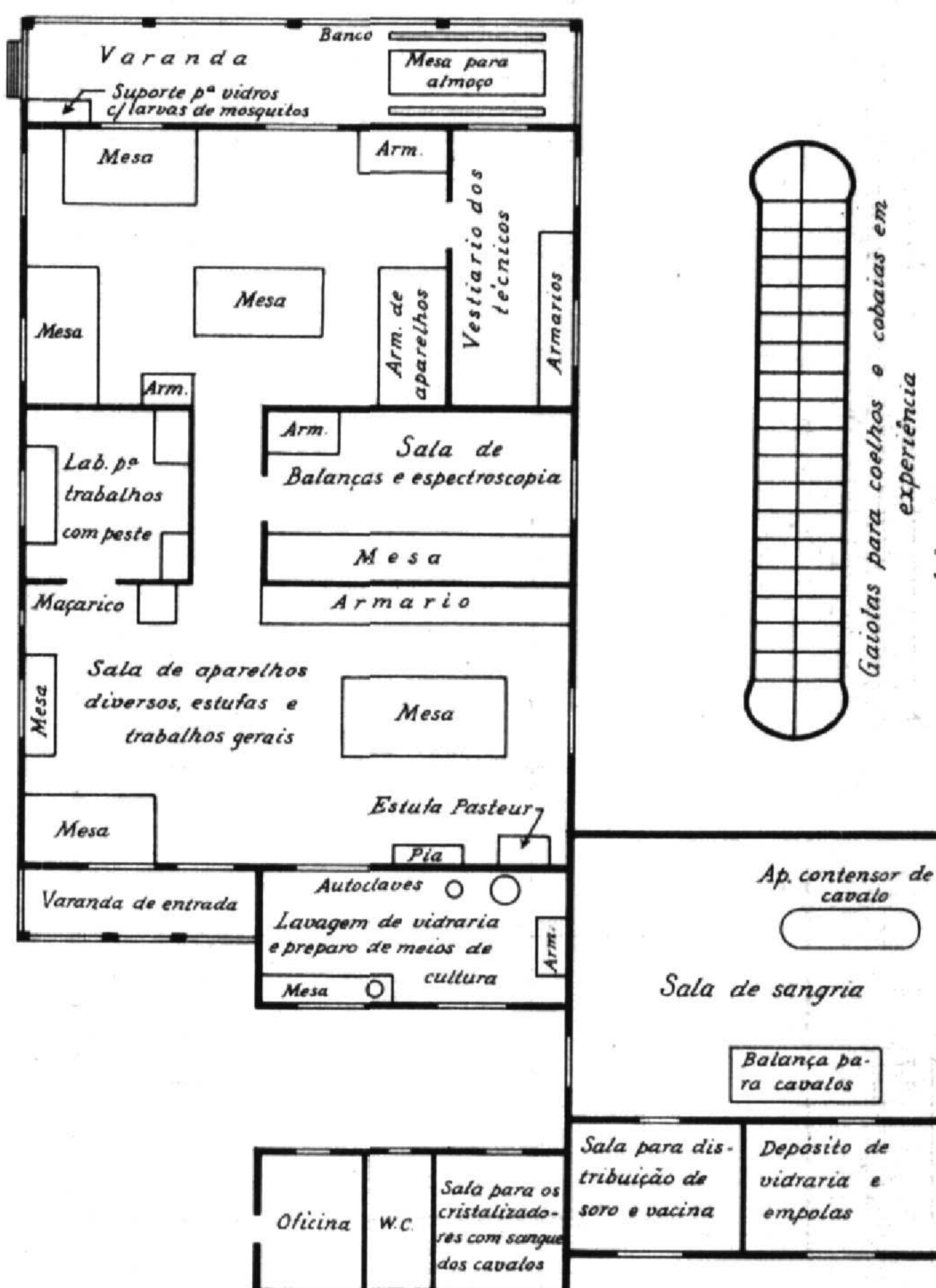
Pequeno pavilhão com baias para isolamento de animais inoculados com peste viva



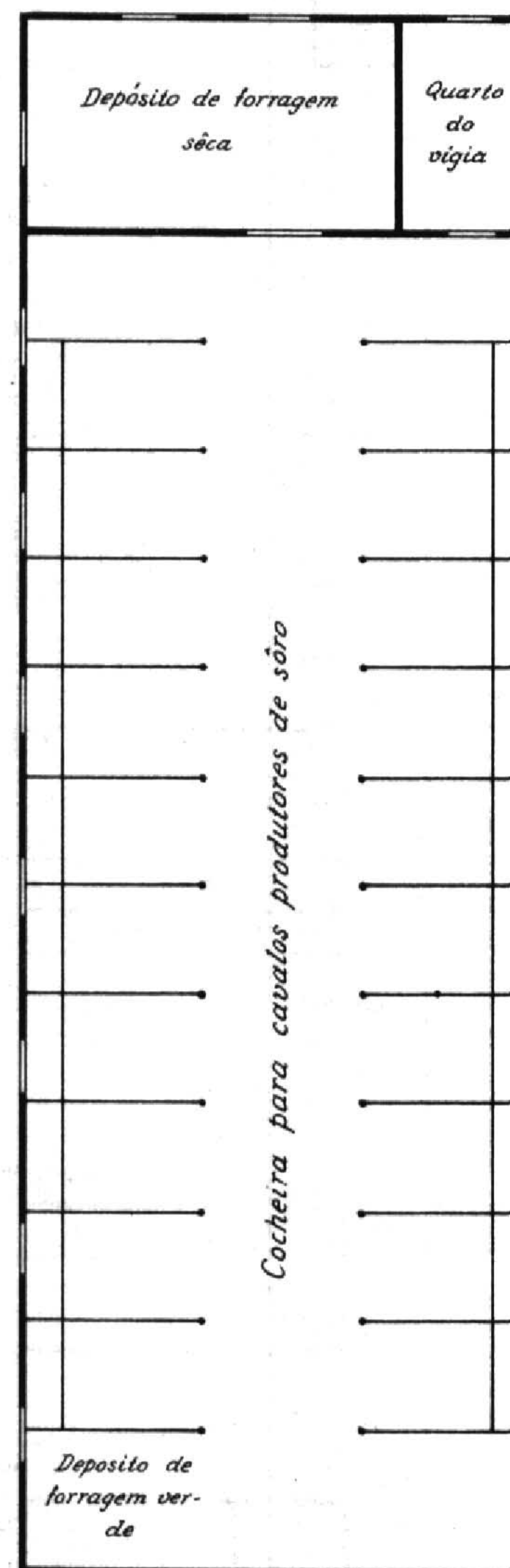
Gaiola para coelhos e cobaias



Gaiola para ma-  
cacos



Gaiolas para coelhos e cobaias em experiência  
(Construídas em 1904)

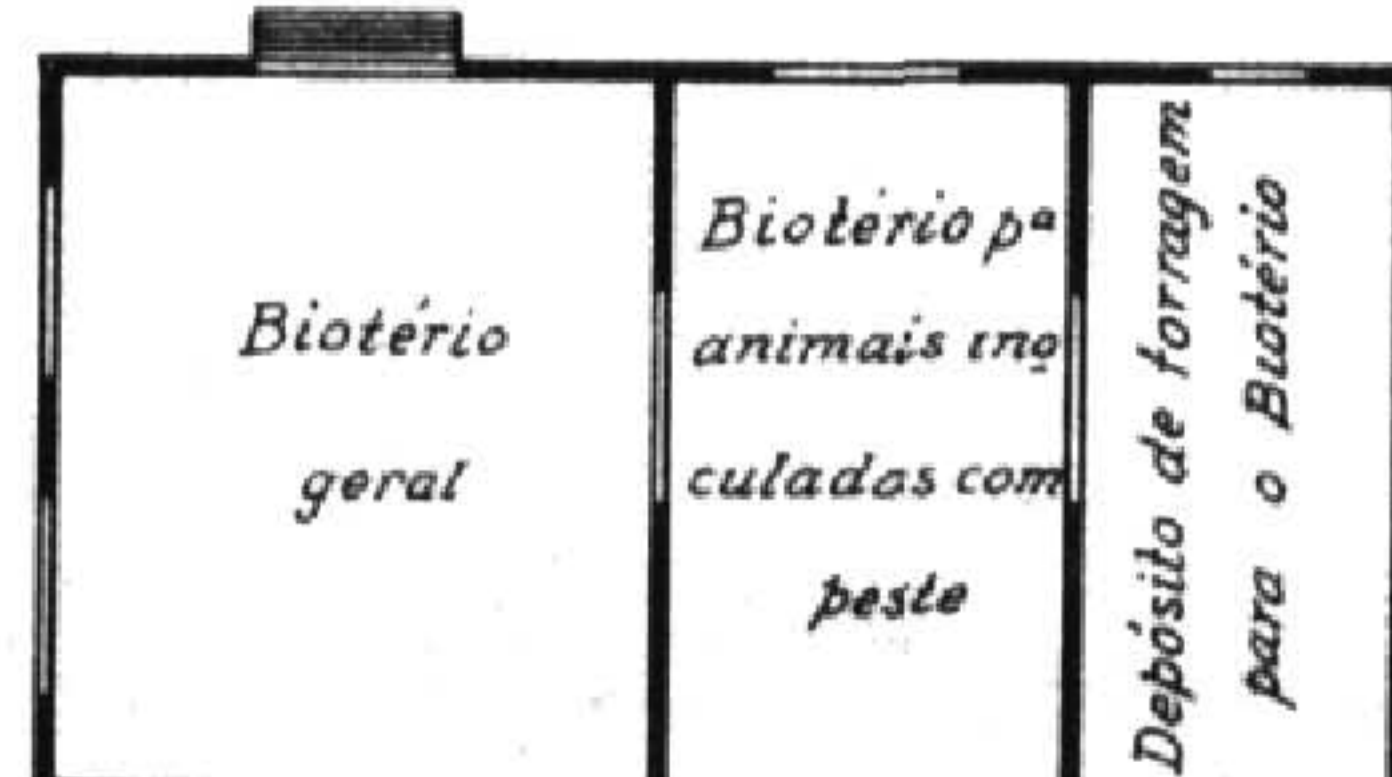


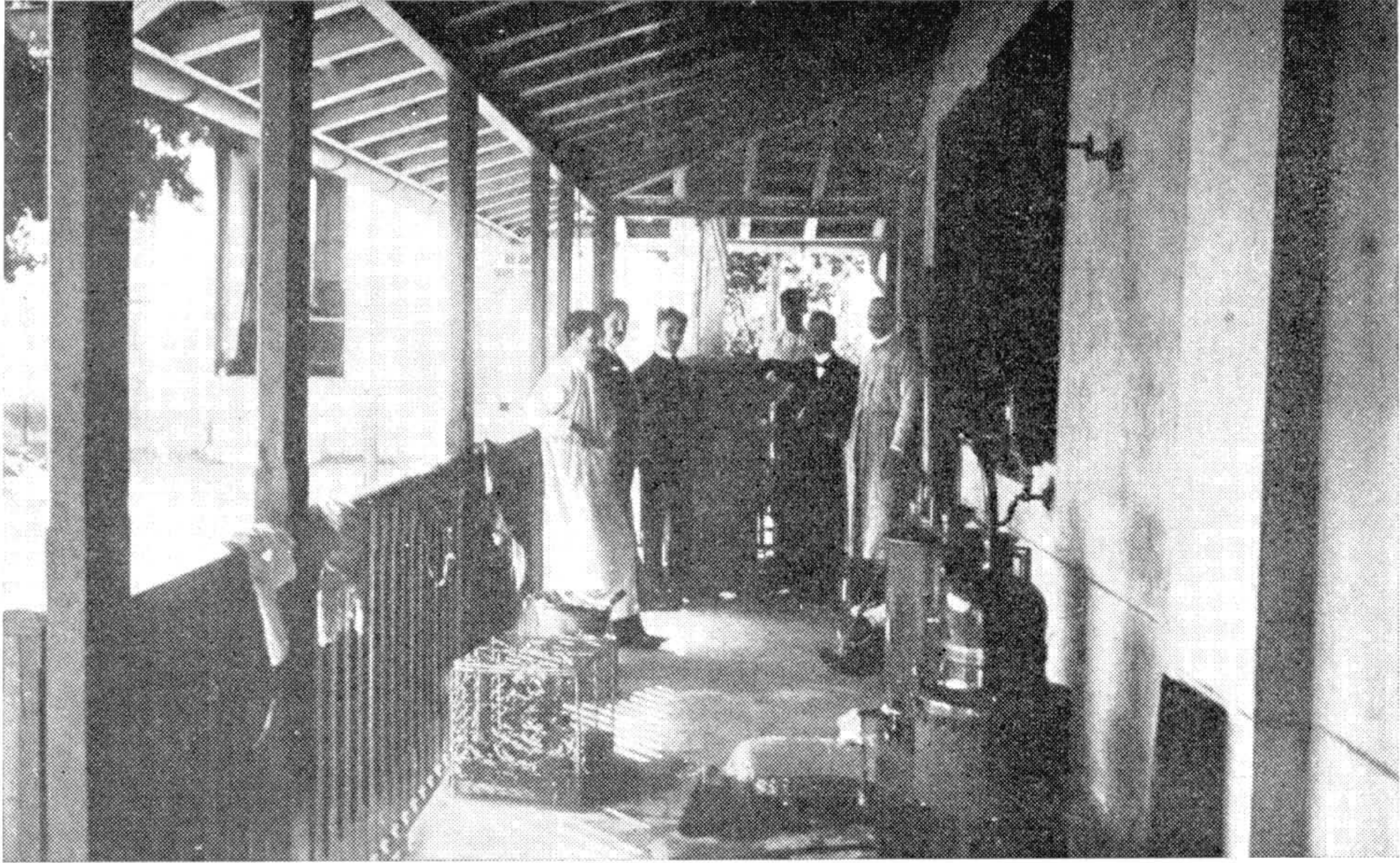
# INSTITUTO SOROTERÁPICO FEDERAL

(INSTITUTO DE MANGUINHOS)

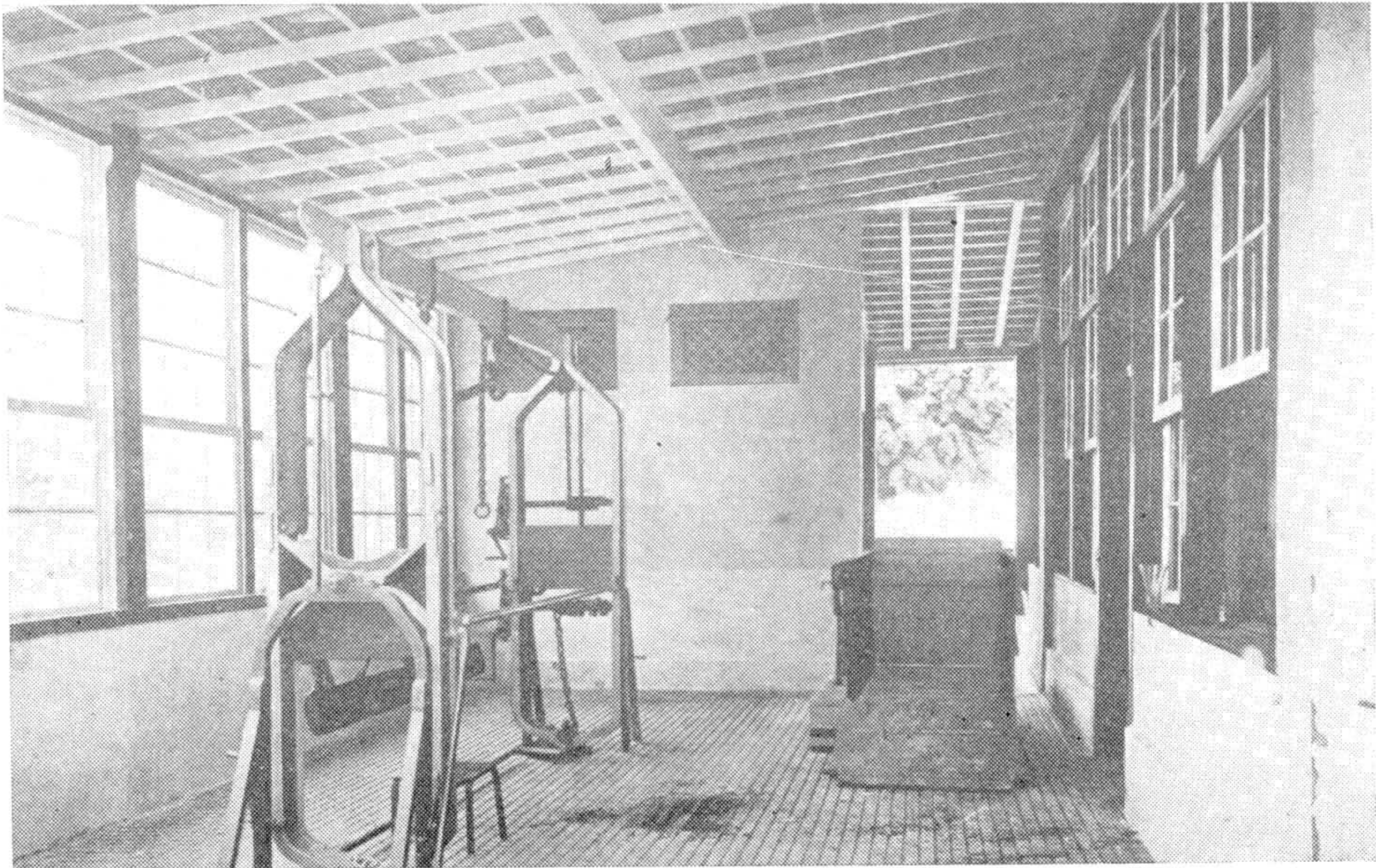
PLANTA E LOCALIZAÇÃO APROXIMADAS DO PRIMITIVO LABORATÓRIO  
E DAS INSTALAÇÕES ANEXAS

1900 - 1903





A varanda de entrada do laboratório



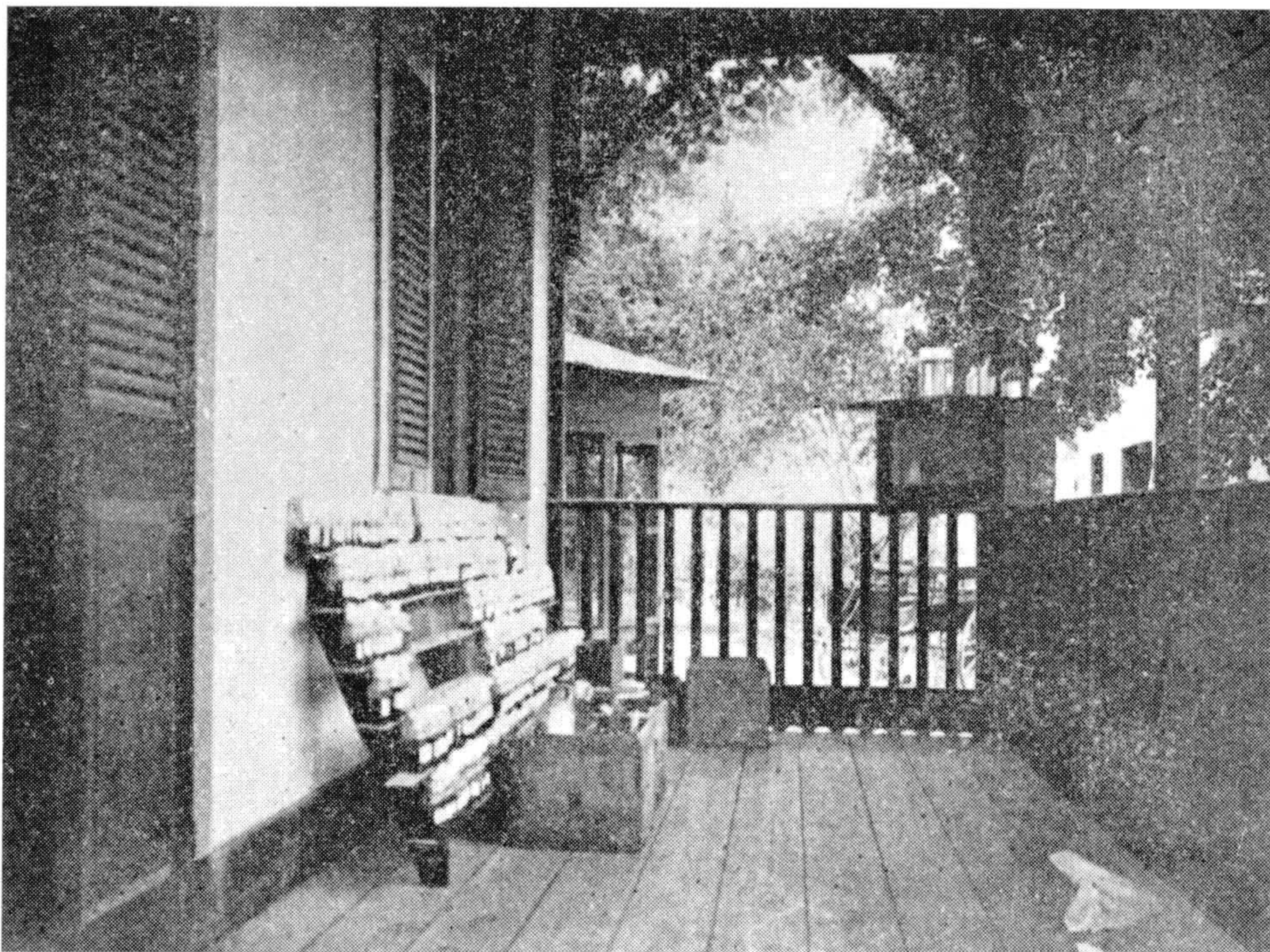
Sala de pesagem e sangria de animais



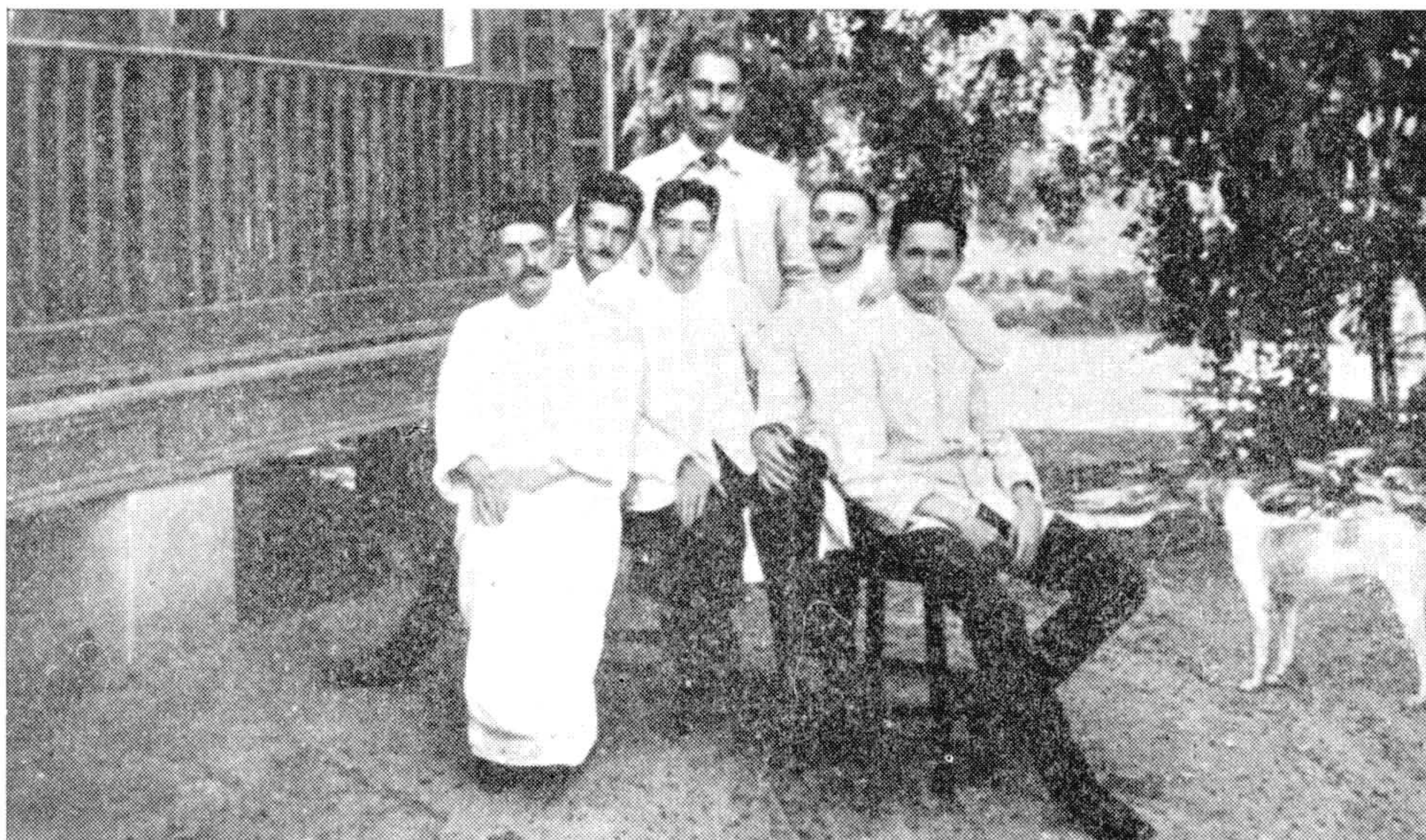
Gaiola para pequenos animais utilizados nas investigações, já fóra da sua primitiva posição ao lado do laboratório



O primitivo laboratório com a varanda aos fundos e à esquerda o pequeno pavilhão com 2 laboratórios construídos em 1903



A varanda dos fundos do primitivo laboratório onde se almoçava numa parte e também se usava para criações de mosquitos e outros trabalhos



Grupo tirado em 1904 em que se veem Rocha Lima e os então estudantes de Medicina Borges da Costa, Waldemar Schiller, Parreiras Horta, Henrique Aragão e Affonso Mac Dowell





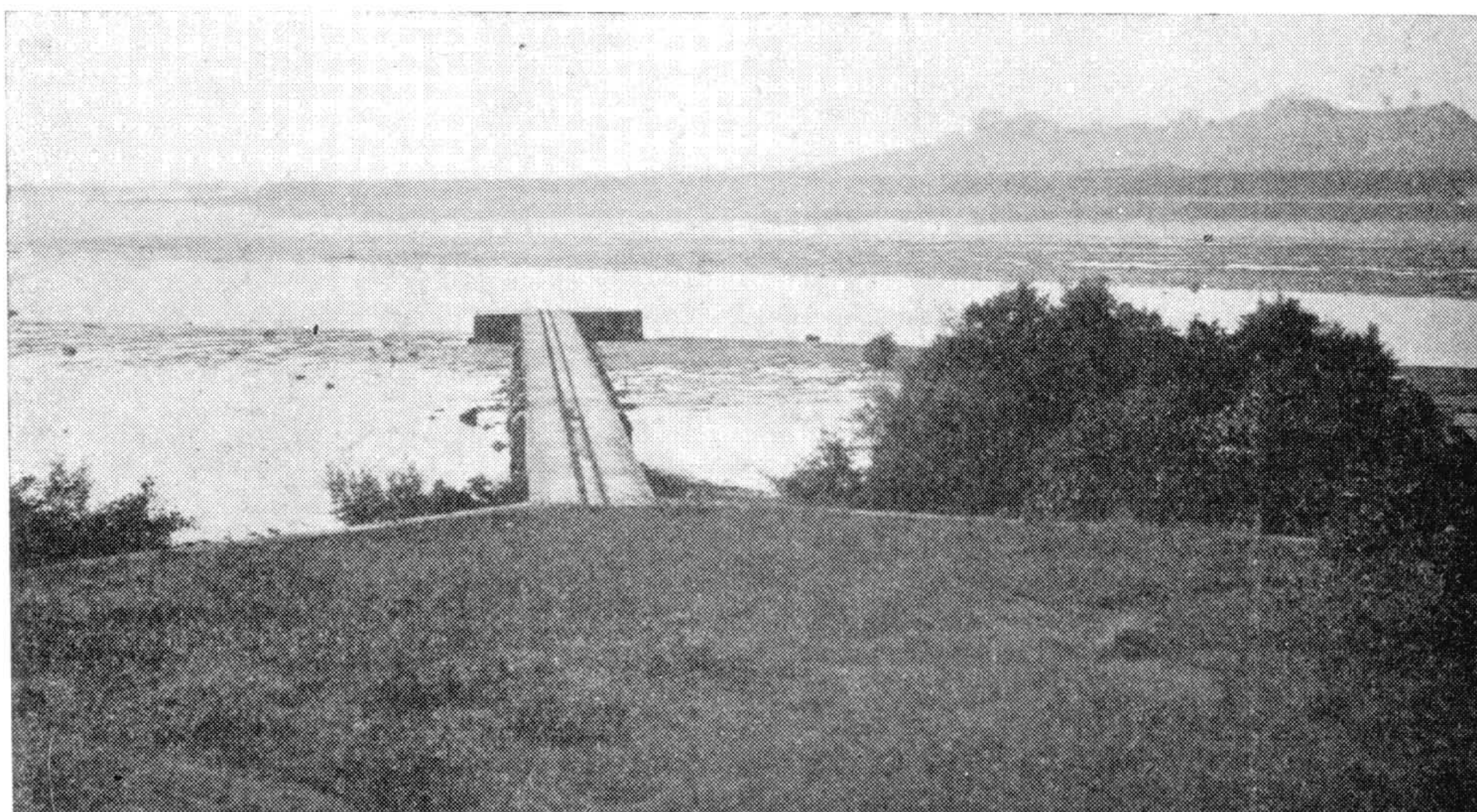
Vista tirada de Manguinhos para o mar, vendo-se no meio da vegetação a casinha em que foi instalado o segundo laboratório por ocasião da organização do Instituto Soroterápico em 1900



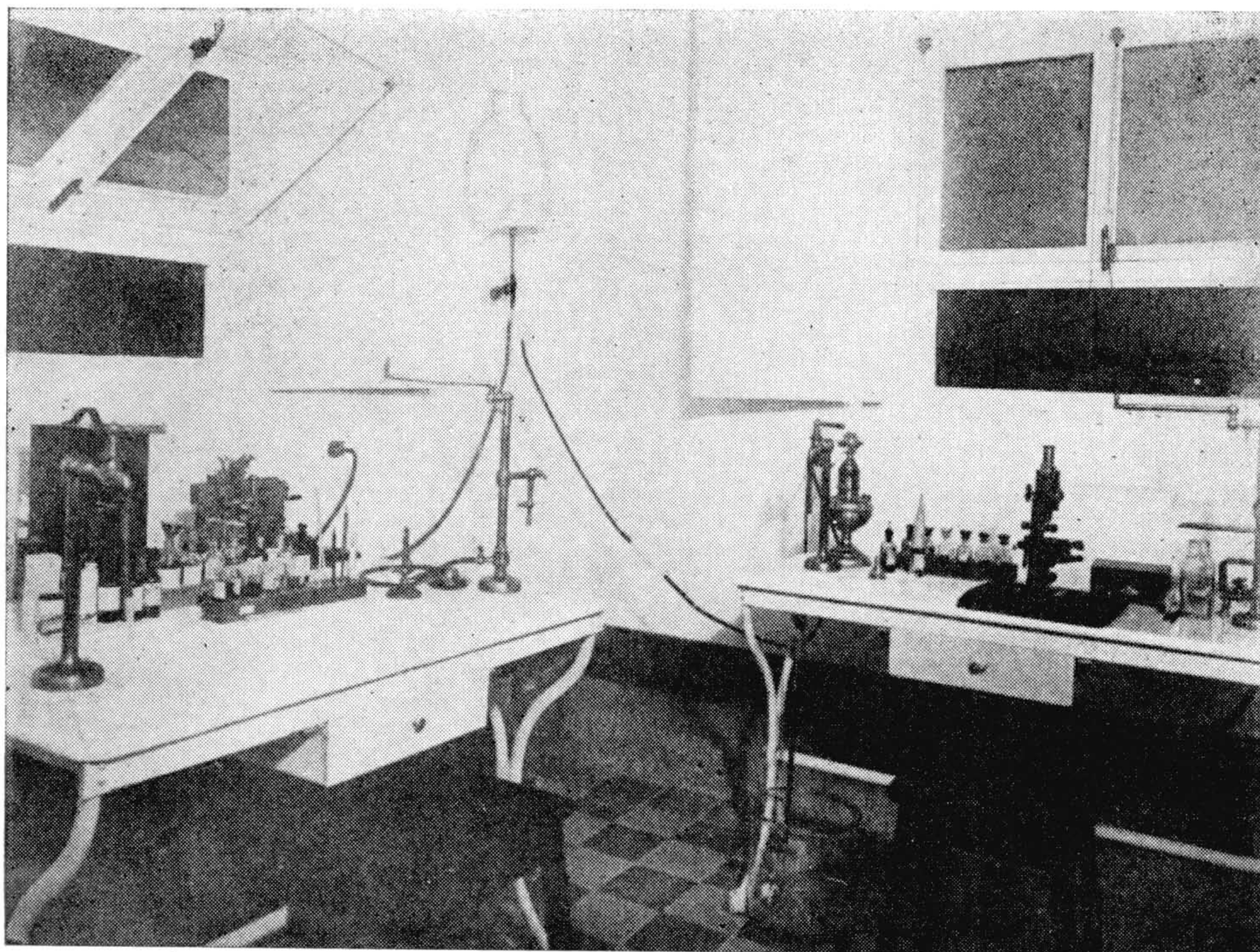
Vista tirada de Manguinhos em 1906, vendo-se o biotério mandado construir por Oswaldo e ao fundo as montanhas da Tijuca e uma parte dos suburbios da Central



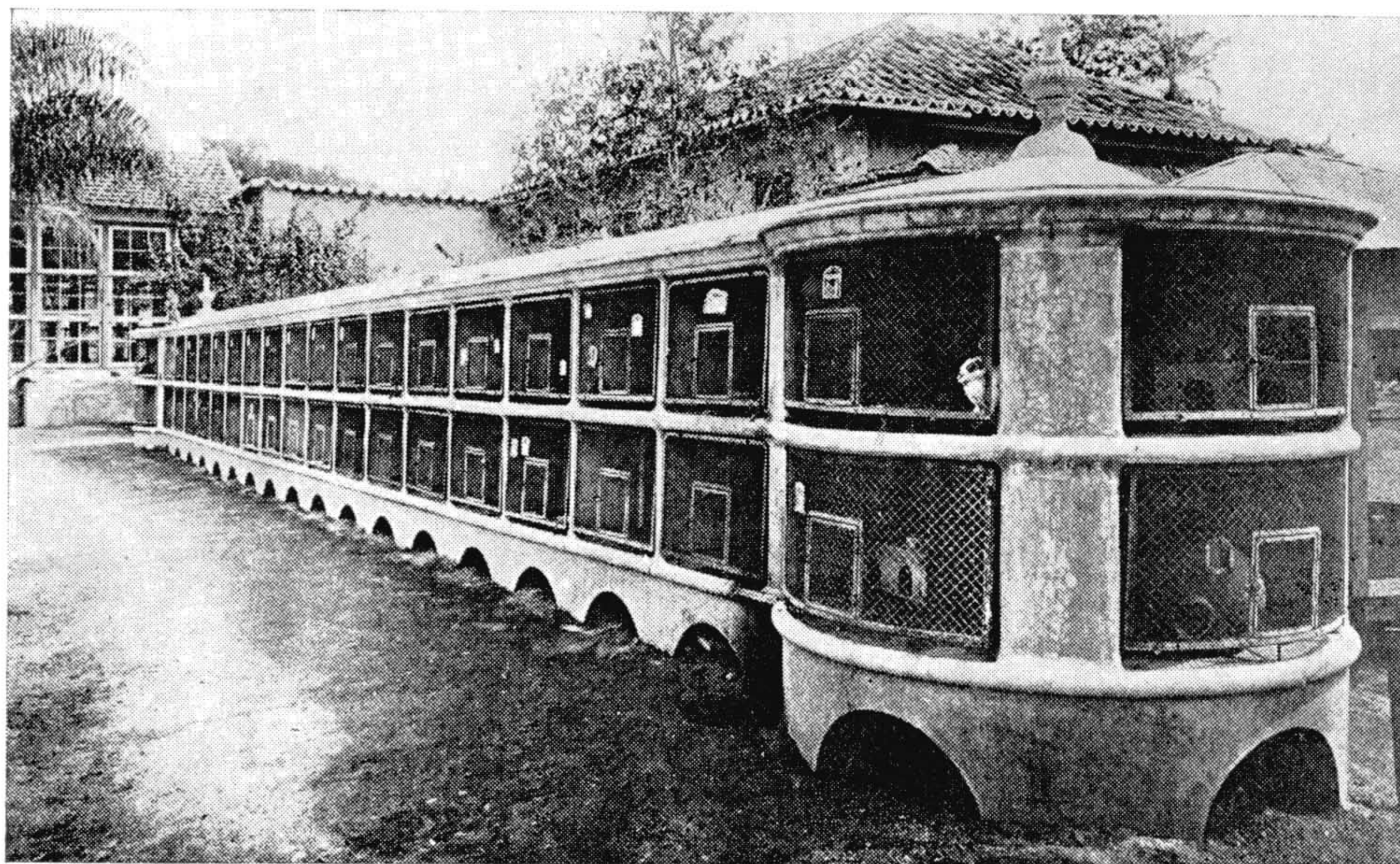
A primitiva ponte de acesso ao Instituto, no começo das obras em 1903



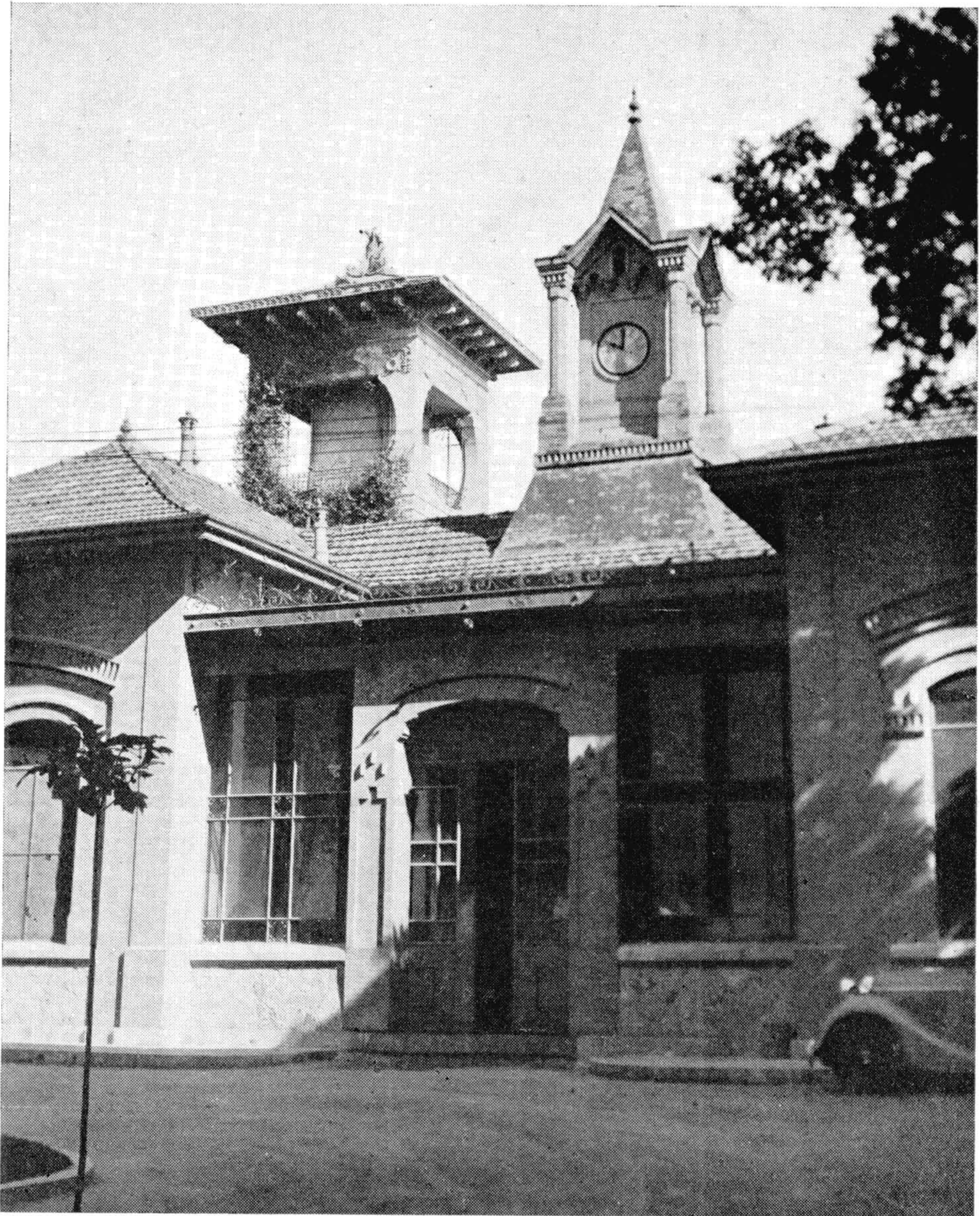
A segunda ponte mandada construir em 1904



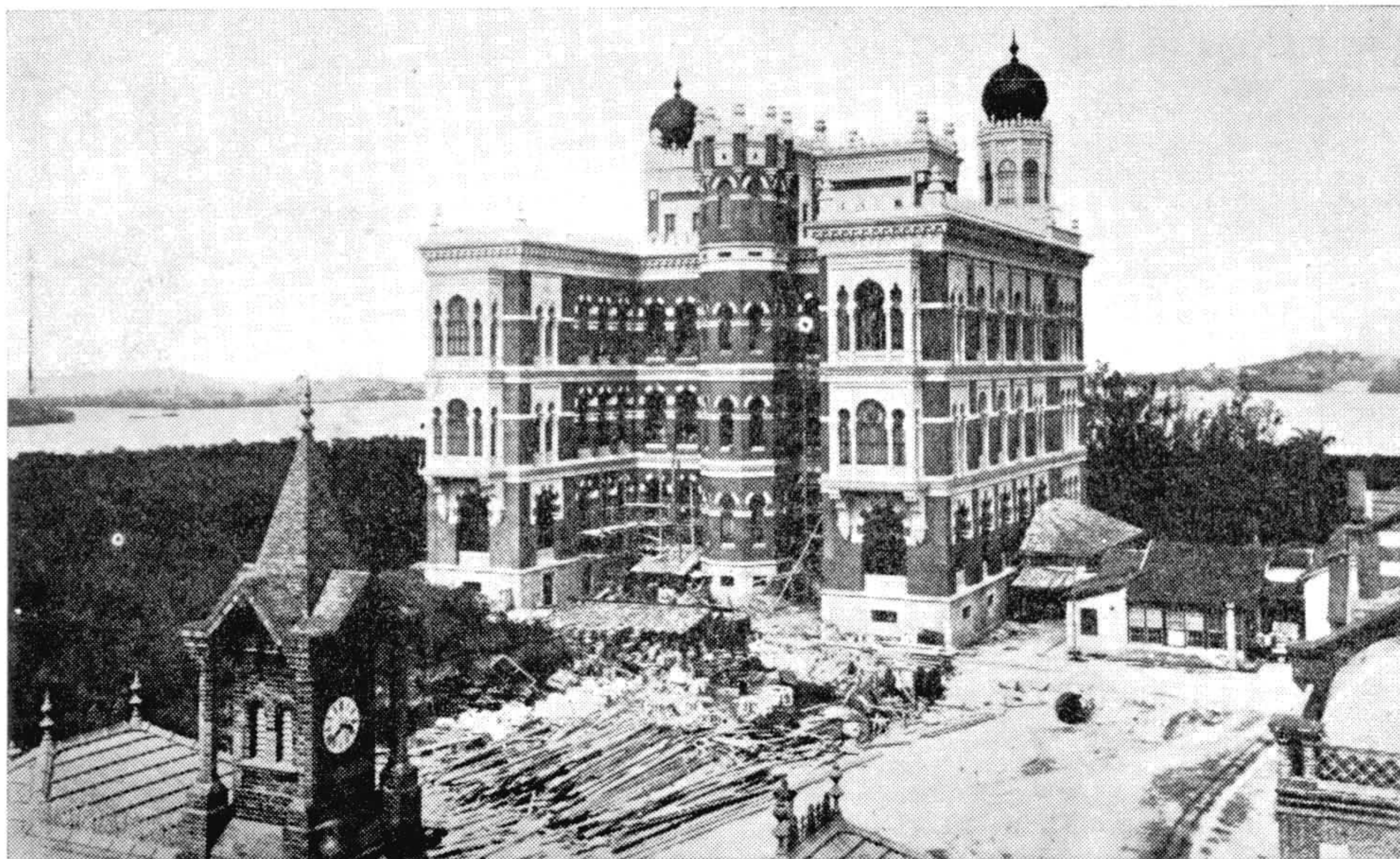
Canto de laboratório no pequeno pavilhão, construído em 1903



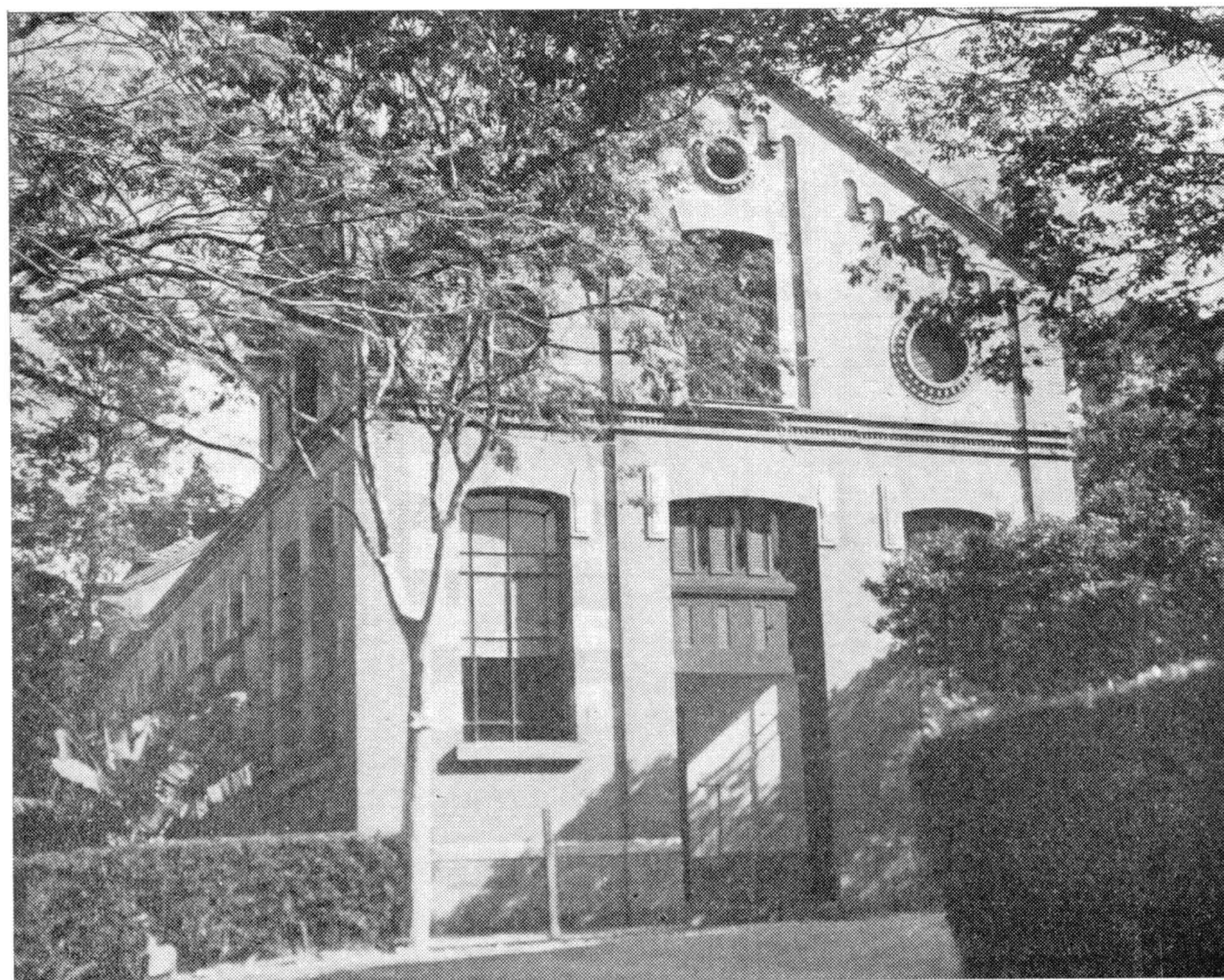
Gaiolas para pequenos animais construídas em 1904



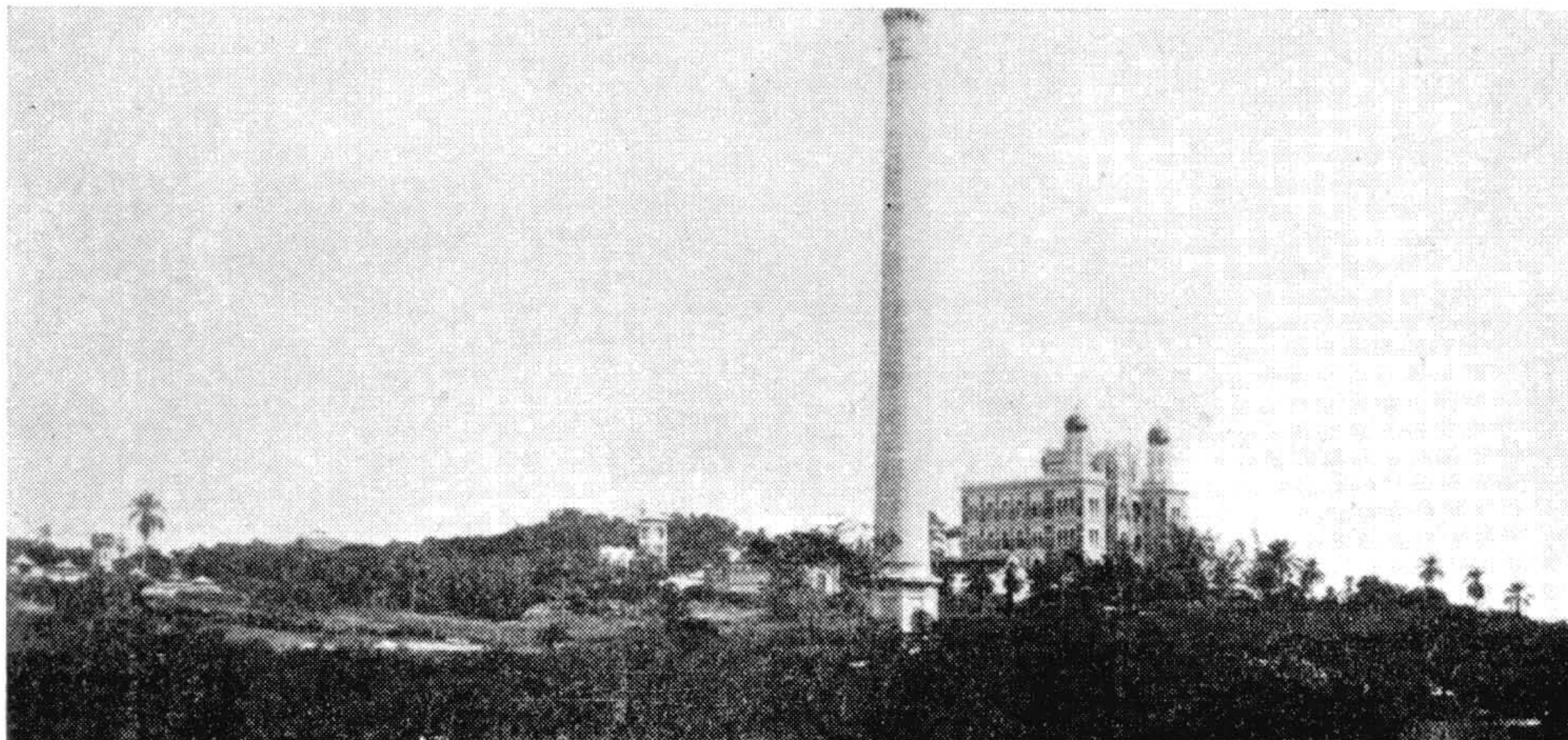
O pavilhão construído em 1904 para os trabalhos com peste e outras investigações



O prédio principal do Instituto em fase de acabamento em 1908, vendo-se a direita restos do antigo laboratório



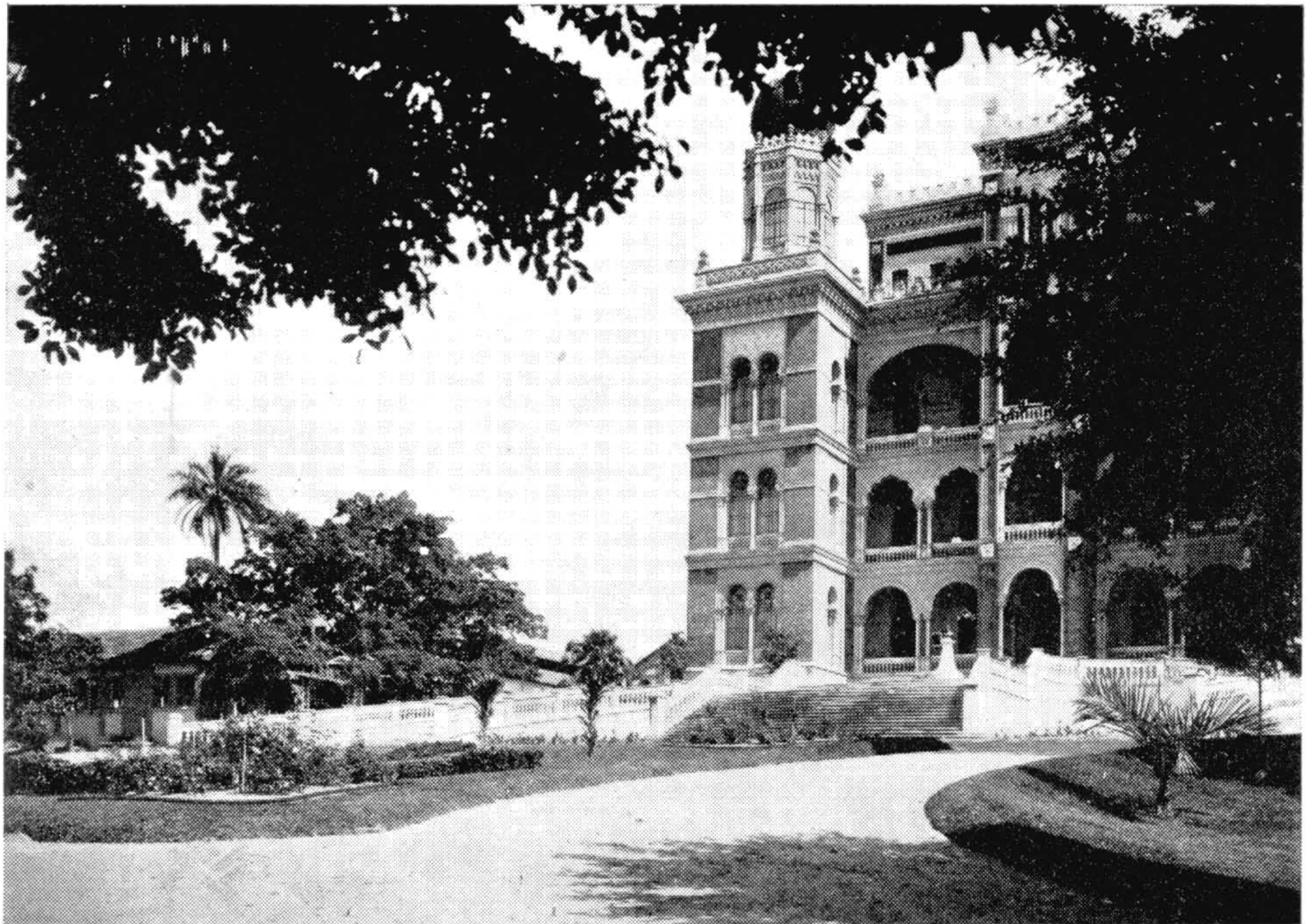
Cocheira para os cavalos produtores de sôro, construída em 1904



Vista das construções de Manguinhos em 1910, com a chaminé dos fornos de cremar lixo no primeiro plano



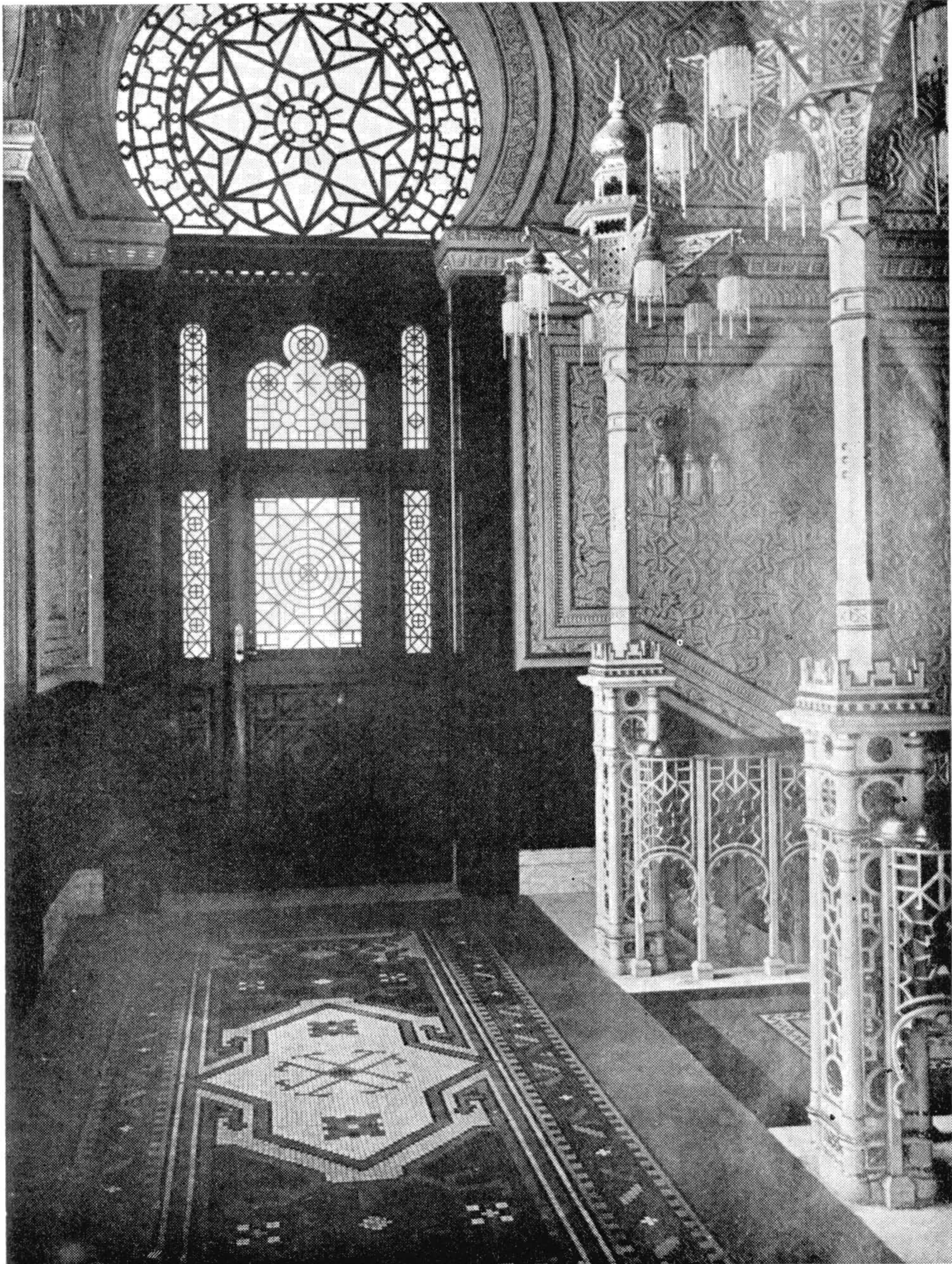
Vista do Instituto quando completamente terminado



Vista do Instituto com as suas escadarias de acesso e à esquerda quasi oculta pelas árvores a nova sala de refeições

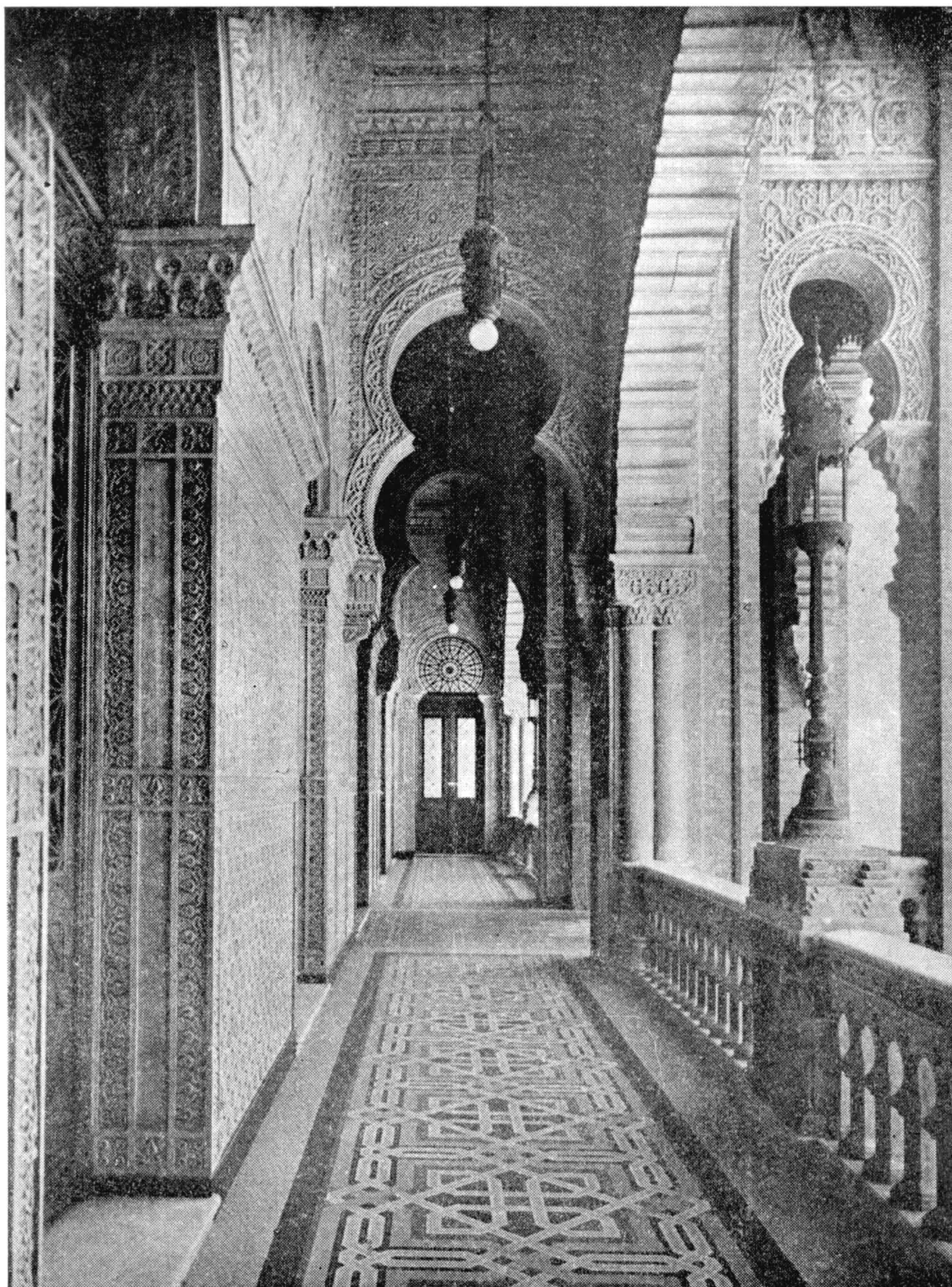


Sala de refeições que substituiu a primitiva na varanda do laboratório

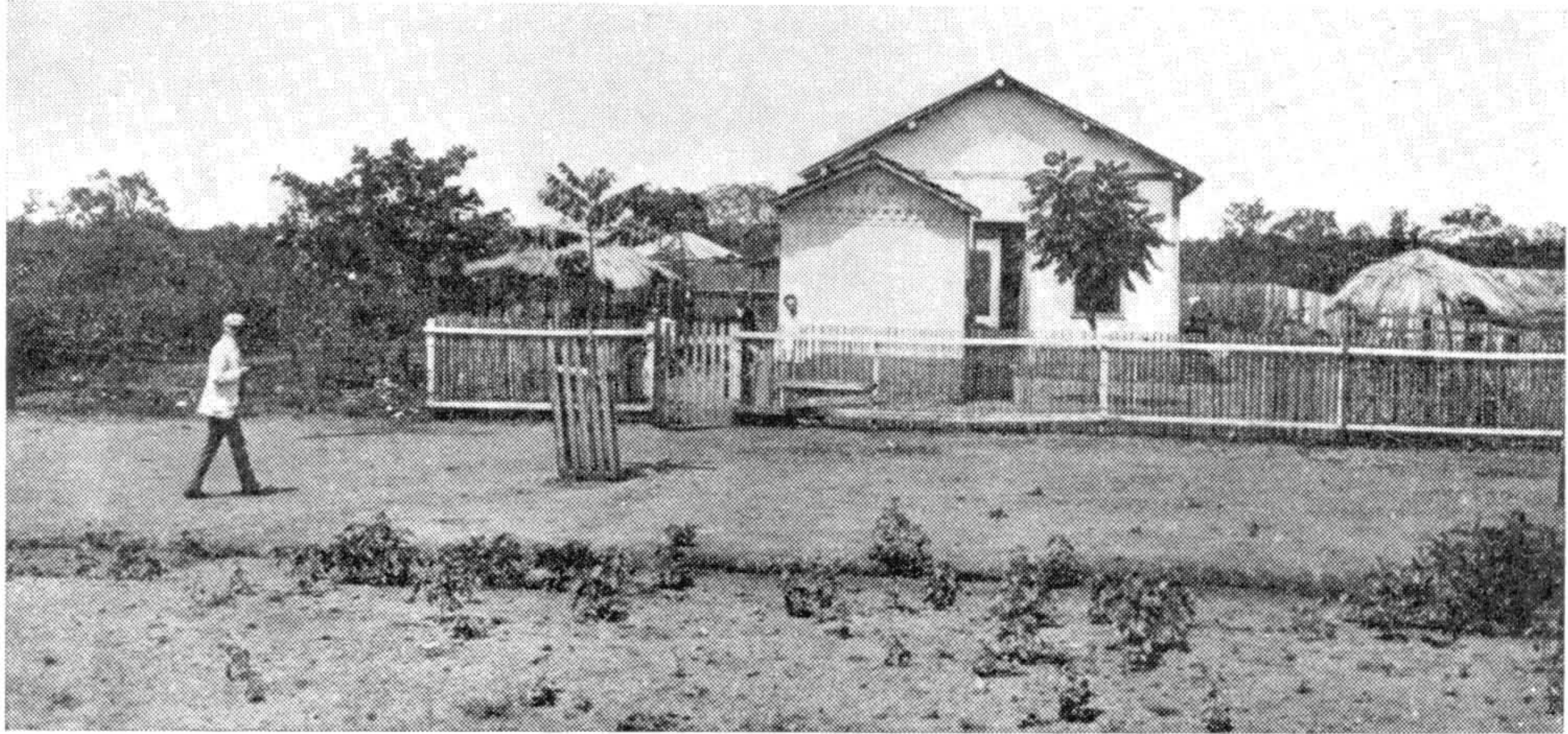


Hall do Instituto

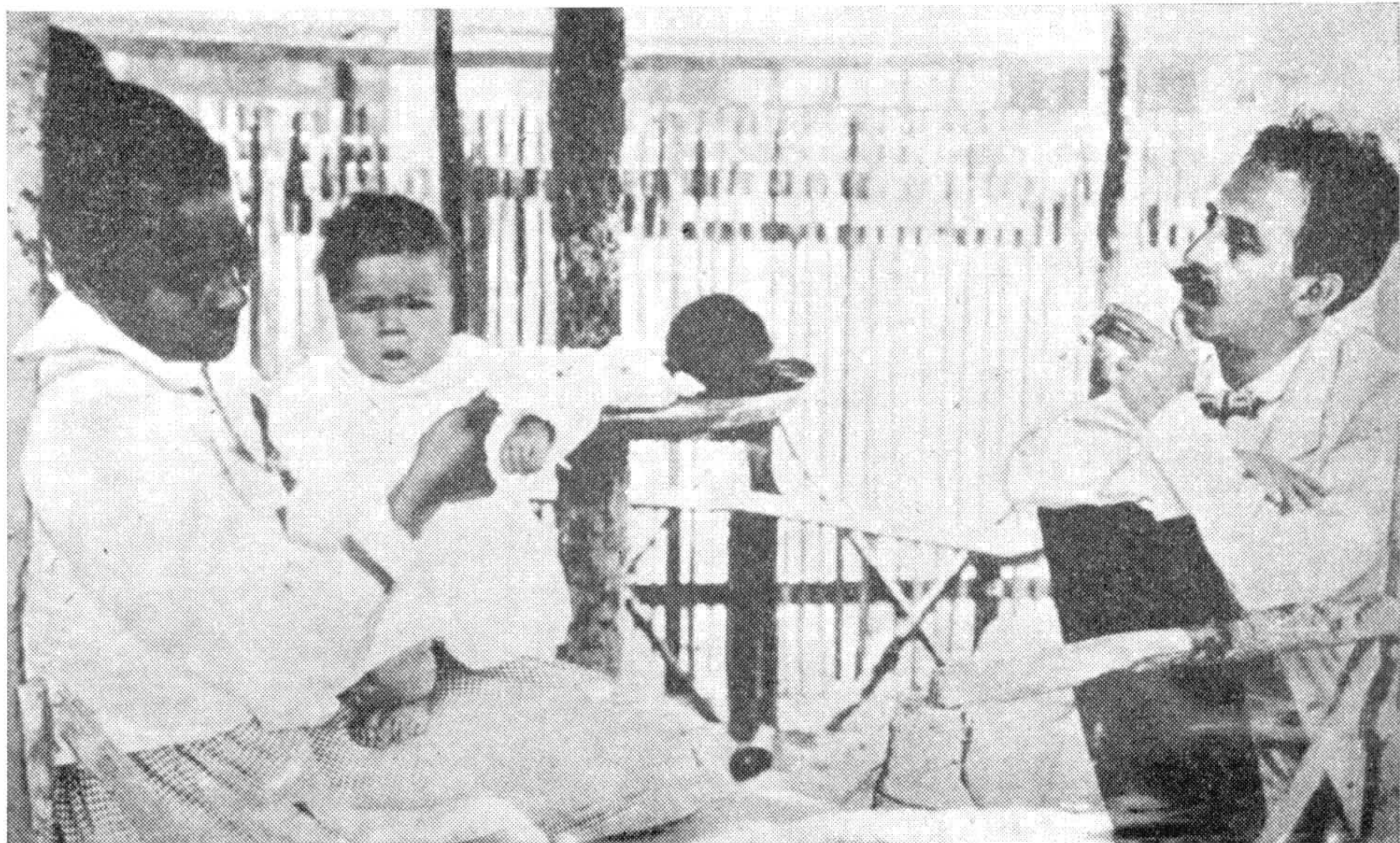




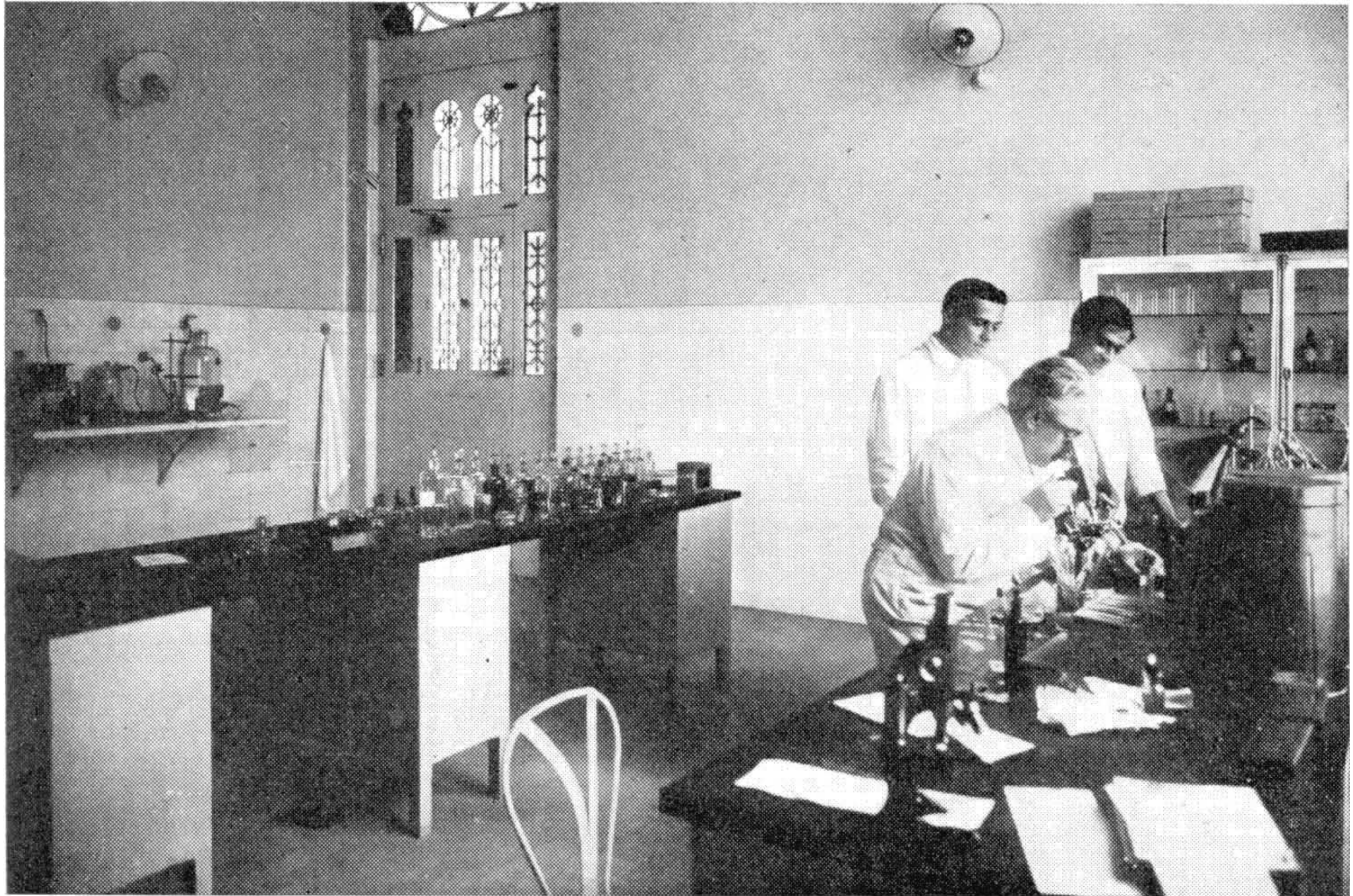
Uma das varandas da fachada do Instituto



O primitivo laboratório de Lassance onde Chagas fez seus estudos sobre a tripanosomiase



Carlos Chagas dando consulta a um doentinho em Lassance em 1908



Oswaldo Cruz no seu laboratório com Burle de Figueiredo e seu filho Bento, mostrando-lhes preparações microscópicas



Aspecto de uma parte da biblioteca do Instituto vendo-se sentados Overmeer e Gomide